

Revista do Brasil

DIRECTORES

Afranio Peixoto
Amadeu Amaral

N. 64

ABRIL
1921

EDITORES

Monteiro Lobato
& Comp. — São Paulo

SUMMARIO

A LITERATURA EM 1920 (retrospecto)	Tristão de Athayde	3
SONETOS	Pedro Saturnino	16
INTERCAMBIO INTELLECTUAL AMERICANO	Dr. Braz de S. Arruda	19
	(da Fac. de Direito de S. P.)	
A NOSSA EVOLUÇÃO	Carlos de Lemos	34
O CAMBARÁ E A RECONSTITUIÇÃO DAS MATAS	P. Pacheco e Silva	40
DOCUMENTOS INEDITOS SOBRE A QUEDA DO GABINETE ITABORAHY	J. W. de Araujo Pinho	47
	(do Inst. Historico da Bahia)	
ACADEMIA BRASILEIRA: Francisco de Castro (com retrato)	Arthur Motta	57
BIBLIOGRAPHIA	{ M. Lobato Brenno Ferraz A. }	63
DEBATES E PESQUIZAS: — Grammaticos e literatos, João Ribeiro. — Verdade e verosimilhança, Claudio de Sousa. — Em tómo de d. Pedro II, Sigmund Münz. — Um propagandista da Republi-		

(Continúa no verso)

S. PAULO.

1921.

RIO.

ca. — A "Vida Ociosa", de Godofredo Rangel, <i>Augusto de Lima</i> . — O augmento da população do mundo, <i>Affonso Celso</i>	68
RESENHA DO MEZ: — Esperanto, <i>Yorick</i> . — Enfermidades da lingua, <i>Silvestre Silverio</i> . — Academia Brasileira. — Orthographia. — Movimento editorial. — Imprensa Fluminense. — Congresso scientifico luso-hespanhol	80
NOTAS DO EXTERIOR: — Tricentenario de La Fontaine. — O "Diario" de Vigny. — O premio Nobel. — Um critico processado. — Escola de civismo. — Os rumos orthodromicos em navegação aerea. — A determinação do sexo. — Auto-operação cirurgica. — Uma forma desconhecida de propriedade. — Anecdotas	86
CARICATURAS DO MEZ	92
GRAVURAS (fora do texto)	—

Vêr a ultima pagina da capa.

SEIOS

DESENVOLVIDOS, FORTIFICADOS e AFORMOSEADOS, com A PASTA RUSSA do Doutor G. Ricabal.

O unico REMEDIO que em menos de dois mezes assegura o DESENVOLVIMENTO e a FIRMEZA dos SEIOS sem causar damno algum á saúde da MULHER. — "Vide os attestados e prospectos que acompanham cada Caixa. Encontra-se á venda nas principaes PHARMACIAS, DROGARIAS e CASAS DE PERFUMARIAS DO BRASIL.

AVISO — Preço de uma Caixa 8\$000, pelo Correio mais 2\$000. Pedidos ao Agente Geral,

J. DE CARVALHO Caixa Postal, 1724 — Rio de Janeiro.
 Depósito: Rua General Camara, 225 (sob.)

GRAVIDEZ

Evita-se usando os *Pessarios Americanos*; são inoffensivos, commodos, de effeito seguro e antisepticos. — Encontram-se á venda nas principaes DROGARIAS DE S. PAULO.

AVISO — Remette-se registrado pelo Correio, para qualquer parte do Brasil, mediante a quantia de 8\$0000, enviada em carta com VALOR DECLARADO; ao Agente Geral

J. DE CARVALHO — CAIXA POSTAL N.º 1.724
 RIO DE JANEIRO

ASTHMA

O Especifico do Doutor Reyngate, notavel Medico e Cientista Inglez, para a cura radical da Asthma, Dyspnêas, Influenza, Deffluxos, Bronchites Catarrhaes, Coqueluche, Tosses rebeldes, Cansaço, Suffocações, é um Medicamento de valor, composto exclusivamente de vegetaes, não é xarope, nem contém ioduretos, nem morphina e outras substancias nocivas á saúde dos Asthmaticos.

Vide os attestados e prospectos que acompanham cada frasco.

Encontra-se á venda nas Principaes Pharmacias e Drogarias de São Paulo.

DEPÓSITO — Rua General Camara, 225. Sob. -- Rio de Janeiro

BYINGTON & CIA.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERRO DE ENGOMMAR

LAMPADAS

ELECTRICAS 1/2 WATT

ISOLADORES

TELEPHONES

Estamos habilitados para a construcção de Instalações Hydro-Electricas completas, Bondes Electricos, Linhas de Transmissão, Montagem de Turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

Westinghouse Electric & Mftg. C.

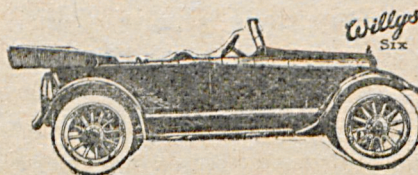
Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & CO.

Telephone, 745-Central — S. PAULO
LARGO DA MISERICORDIA, 4

Officinas e Garage Modelo

DIAS CARNEIRO & C.



UNICOS IMPORTADORES DOS

**Automoveis OVERLAND e
WILLYS KNIGHT**

Grande stock de accessorios para
automoveis.

**DEPOSITO PERMANENTE DOS
PNEUMATICOS "FISK"**

**Mechanica — Pintura — Sellaria
Carrosserie — Vulcanisação —
Electricidade.**

**Executa-se qualquer encomenda com
rapidez**

TELEPHONES:

ESCRITORIO Ct. N. 3479

GARAGE Cd. 5411

CAIXA POSTAL N. 534

ENDEREÇO TELEGRAPHICO: "ALDICAR"

RUA 7 DE ABRIL N. 38

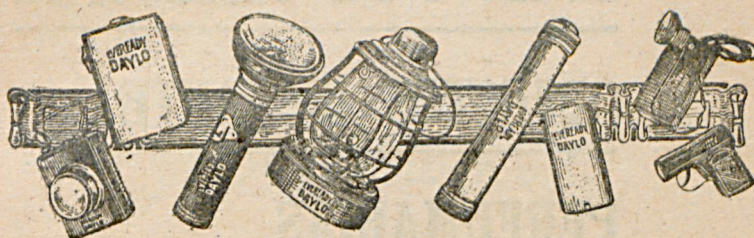
AV. SÃO JOÃO Ns. 18 e 20

CANTO LIBERO BADARO'

São Paulo

DE UTILIDADE COMPROVADA

São as nossas lampadas portateis Eveready que são indicadas para viajantes, caçadores, guarda noturnos, policiaes, medicos, enfermeiros, nos quartos de dormir e nos depositos de inflammaveis.



Possuimos uma grande variedade de modelos adaptaveis a todos os usos e os celebres revolvers surpresa além de um grande stock de pilhas e lampadas avulsas e outras novidades electricas

Galerias Edison
S. Paulo

Rua 15 de Novembro, 55

CENTRAL 2131

Gustavo Figner

A maior casa existente no Brasil em artigos para presentes. Cinco andares das ultimas novidades. — Telephone interno, ligando todas as secções. — ELEVADOR.

RUA 15 DE NOVEMBRO, 55

-- GUSTAVO FIGNER --

PORCELLANAS

CRISTAES

ARTIGOS DE CHRISTOFLE

OBJECTOS DE ARTE

PERFUMARIAS

O melhor sortimento

Casa franceza de
L. GRUMBACH & CIA.

Rua de São Bento N.º 89 e 91

SÃO PAULO

REVISTA DO BRASIL

VOLUME XVII

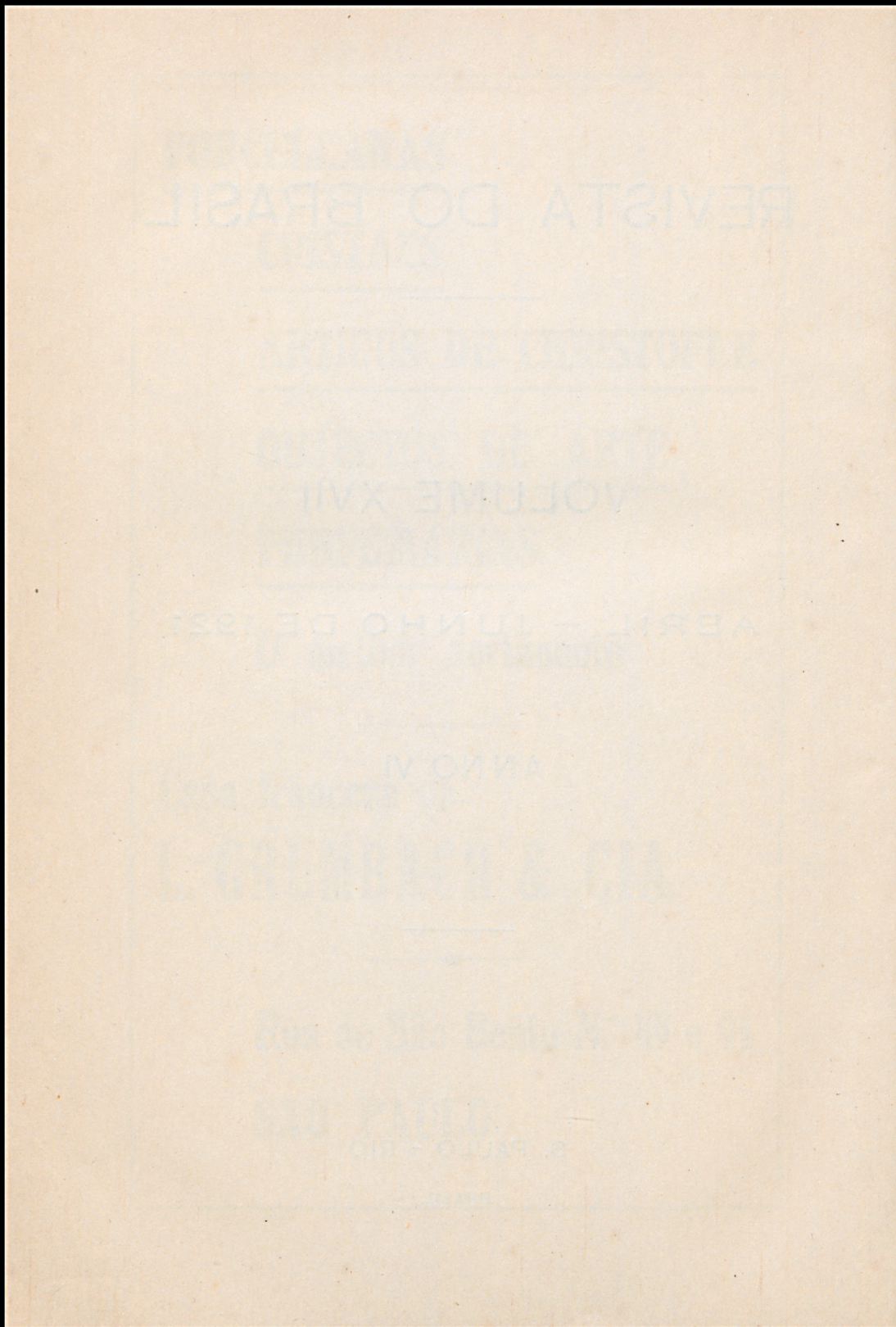
ABRIL - JUNHO DE 1921

ANNO VI

S. PAULO - RIO

BRASIL





REVISTA DO BRASIL

DIRECTORES:

AFRANIO PEIXOTO

AMADEU AMARAL

N. 64

ABRIL

1921

EDITORES

MONTEIRO LOBATO

& COMP. — SÃO PAULO

A LITERATURA EM 1920

POR TRISTÃO DE ATHAYDE

O brilhante escriptor, que apesar de joven tão fortemente se impoz á admiração do publico intelligente, pelo talento e pela probidade, dá-nos, nas paginas que hoje começamos a publicar, um ponderado retrospecto do movimento literario brasileiro em 1920.

I

COLLOCA-SE a critica literaria entre os dois polos da literatura: a creação e a divulgação. Entre elles, porque a sua função superior está justamente em comprehender os dois extremos, ligando o artista e o publico. Quando apenas se limita a critica á obra de analyse, não passa de um genero literario subalterno, simples subsidiario de um daquelles polos — a creação. Só pela synthese posterior á analyse, quando ao estudo da creação artistica succede o de divulgação, approximando o ponto de origem do ponto de assimilação, é que a critica pode passar de simples commentario a verdadeira obra original. Assim comprehendida, cabe á critica literaria uma função psychologica, esthetica e social, — através da analyse das obras, — pelo estudo da expressão artistica em sua fonte, do seu valor objectivo quando realizada e da sua situação no tempo e no meio.

Essa função, como se vê, é inteiramente diversa da do artista, que deve operar com dados differentes, fornecidos pela observação e pela fantasia, e cujo objectivo supremo deve ser a ex-



pressão do proprio temperamento. O valor maximo do artista reside na liberdade racional de seus meios de acção como na independencia de seu espirito creador.

Não ha portanto motivo para a tradicional divergencia entre artistas e criticos, uma vez que se considere na arte a subjectividade como condição essencial de vida e na critica, a objectividade como expressão de força. A synthese é sempre a tendencia final da critica. E' facto que no trabalho preliminar de analyse cabe ao critico a função de avaliar e de classificar. Mas desde que a critica não obedeça a nenhum intuito pessoal, caso em que ao artista compete o desdem senão o revide, resta a este a attitude, tantas vezes justa, de incomprehendido ou mal julgado. Se egualmente tiver, como é tão commum entre nós, tendencias para a critica, toca-lhe a obrigação de mostrar o erro de que é victima.

Não pôde assim pretender a critica orientar o movimento literario. Deploravel seria se tal acontecesse, pois fôra a prova da ausencia ou do depercimento do espirito cerador. Terra onde os artistas trabalhem sob a influencia e ao conselho dos criticos, é terra morta para a literatura, que exige ingenuidade ou independencia.

E' innegavel, porém, que a critica estimula o movimento literario. E' geralmente um grande erro esthetico escrever para o publico, o que significa submeter a arte a condições estranhas á sua necessidade interior, e portanto mercantilisa-la. Mas o presentimento do publico é uma força creadora no intimo do artista, e um incentivo á tenacidade do esforço e ao carinho do acabamento. A critica é o olhar avisado do publico. A critica representa a inquietação constante do artista, a duvida fecunda. Toda verdadeira obra de arte é afinal uma grande collaboração, sendo a arte uma das manifestações mais curiosas do instincto de sociabilidade. Já não quero invocar cenaculos, revistas e academias, que sempre e por toda a parte acompanharam as manifestações estheticas, senão a propria misanthropia commum a tantos artistas, como esse isolado Knut Hausun, para quem a arte é o unico laço que os liga aos homens desdenhados, á vida aborrecida. E é pela critica, que esse nexos se torna effectivo, que o grande circulo vicioso da arte consegue cerrar-se. O artista crêa, o critico divulga, o publico assimila e suggestiona o artista para de novo crear e assim incessantemente. Todo artista é filho ou adversario do seu tempo e do seus contemporaeos.

Se effectiva, embora inconsciente, é a acção do critico sobre o proprio artista e portanto na genese das obras de arte, maior



é sem duvida sobre o publico e mais valiosa ainda sobre a historia das idéas, e por conseguinte da civilisação.

Lê-se pouco entre nós, e mal. Não pode portanto a critica dirigir-se directamente ao grande publico, que considera na arte e especialmente na literatura um mero passatempo.

Para essa massa de leitores, o reclamo das livrarias ou o clamor dos titulos são a melhor ou a unica das criticas. Dirige-se a critica á propria minoria de leitores letrados ou instruidos, com interesse de cultura ou estimulante mental e desejo de informação bibliographica. Só dahi é que póde a critica pretender espalhar-se um pouco pelo grande publico, portanto directa e remotamente. Não resta a duvida que á medida que a civilisação avança e portanto se torna a vida mais complexa e o tempo mais escasso, cresce o valor pratico da critica, substituindo cada vez mais a leitura directa das obras.

Dessa funcção empirica, mas necessaria, de deputadora, ascende a critica á alta funcção theorica de fixar a vida mental de um povo. Enfeixando actividades dispersas, coordenando orientações divergentes, investigando correntes profundas, fixando caracteres dissidentes e descobrindo harmonias veladas, deixa a critica a sua actividade rudimentar e imprescindivel de analyse para enquadrar os movimentos da vida literaria ou artistica, na grande moldura da vida.

Ha, portanto, uma evolução harmoniosa na actividade critica, desde a sua funcção rudimentar de informante, desde o seu esforço analytico, de parasita das obras de arte, até a vitalidade magnifica das grandes syntheses, a interpretação geral e uniforme de todas as actividades creadoras, na sua visão de aguiá de todo o campo da arte, e de toda a região social. A essa evolução harmoniosa mas tão marcada, correspondem, quanto ao critico, exigencias peculiares ás varias especies de actividade, desde a imparcialidade de julgamento, a boa fé da analyse, a paciencia dos resumos, — até o senso das generalisações, a cultura geral, a originalidade e grandeza dos golpes de vista, sem rhetorica nem empirismo.

Essa differenciação e complexidade crescente da actividade critica correspondem a diferentes categorias criticas, segundo o momento e o ponto de vista em que se encara a materia. Póde a critica ser — immediata, periodica ou geral. E fica entendido que ao referir-me á *critica*, entendo propriamente — *critica literaria*.

Immediata, a que considera a obra em si e no momento em que surge. Não póde nem deve naturalmente prescindir de con-



siderações geraes indispensaveis para a verdadeira comprehensão da obra. Mas esta é o seu verdadeiro objectivo e todo o seu esforço deve tender a resumil-a, analysal-a, ajuizal-a e caracterisal-a, para a sua verdadeira comprehensão e avaliação. E' nessa especie de critica que intervem mais efficazmente o instincto critico, ou melhor, o impressionismo, já que a consideração da belleza, se não exclue, offusca todas as outras.

Mas a critica, sciente de sua funcção superior, não póde contentar-se com essa attitude incompleta e parcial, que mal se eleva acima da analyse. As obras exigem uma consideração de conjunto, pela fixação da physionomia da época e pelo registro das figuras literarias de maior relevo. E' funcção essa da critica periodica, cujo objectivo deixa de ser a obra para encarar mais de frente o momento. Se naquella o processo mais efficaz de estudo é a observação e disseccção, nesta é a comparação e a recomposição. Não perde de vista as obras, mas procura destacar os individuos e fixar o perfil do momento em formação. Tenta, cada vez mais, vencer o impressionismo, pela consideração objectiva do assumpto.

E o mais curioso, em critica literaria, é que essa consideração pode ser tanto mais objectiva quanto mais afastada. A sciencia, aliás, não é senão a penetração e comprehensão da realidade pelo afastamento della. Da mesma forma, só com o tempo e a perspectiva, pódem a critica immediata e a critica periodica converter-se em critica geral. E' a historia literaria que completa os pontos de vista parciaes indicados, pela consideração do campo literario em seu conjunto e nas suas relações naturaes com as outras actividades humanas.

Indicará isso que só essa critica geral póde interpretar convenientemente o movimento literario? Longe de mim tal idéa. Em suas searas é completa a acção da critica immediata e da critica periodica. Póde-se mesmo dizer que sem ellas é impossível ou pelo menos falha a critica geral. O tempo, que é naturalmente o grande factor de differenciação das tres especies, se permite com a critica geral as poderosas visões de alto, as luminosas generalisações, pode tambem alterar profundamente o juizo dos homens sobre as obras, consagrando essas opiniões collectivas e indiscutidas, quando ás vezes profundamente falsas. Ha erros de juizo literario que só a posteridade pode commetter, embora ella mesma se encarregue de corrigil-os, pela renovação do methodo da critica immediata, relativamente ás obras de certos autores indevidamente consagrados ou inex-



plicavelmente esquecidos. Veja-se por exemplo o que está acontecendo com Euclides da Cunha e Tobias Barreto.

Essa consideração do tempo é que torna tão desejável e necessária a crítica periodica, quando ainda se não apagou a memória da crítica immediata e já é possível prever alguns dos golpes de vista da crítica geral. Foi o que me animou a tentar este pequeno estudo sobre o anno literario que acaba de findar-se, ainda quente da leitura e da analyse de sua literatura, mas já sem o afogadilho e a improvisação do primeiro contacto com as obras.

Não é naturalmente possível considerar esse movimento literario na sua integração no grande todo literario nacional, obra que compete á crítica geral e que só dentro de alguns, de muitos annos poderá ser feita. Por hoje, não pretendo senão resumir o esforço bibliographico de um anno, procurando fixar algumas considerações que já despertam esses doze mezes de literatura, que aliás muito pouco representam na actividade extremunhada de nossa vida intellectual.

II

Desde logo é mister observar que o anno literario de 1920, se não foi dos mais fecundos, conservou a media da produção literaria de annos anteriores. Afastadas as obras scientificas, technicas ou estrictamente didacticas, que se excluem naturalmente deste estudo, a produção literaria propriamente dita de todo o Brasil, nesse periodo, pouco terá ultrapassado uma centena de volumes novos, ainda contando os mais insignificantes e alguns que forçosamente escapam, aqui e sobretudo nos Estados. Esta consideração preliminar é necessaria para banirmos, desde logo, qualquer dythirambo sobre a nossa actividade literaria, mas tambem não deve ser tomada para argumento dos sarcasmos habituaes contra a nossa literatura, já francamente diferenciada e em vias de individuação.

Considerações estranhas á nossa capacidade creadora, taes como condições economicas más e difficuldades typographicas consequentes á guerra, concorrem para essa relativamente minguada produção. E além disso, é desde logo mister apontar o contraste entre essa escassa produção livresca e a grande frequência da collaboração literaria em jornaes e revistas, o que evidencia desde logo o gosto pelo genero, se bem que indique



egualmente a prsistncia daquella "literatura apressada", nomeada por Verissimo. Mas não é momento de commentar os acontecimentos, senão de apresentar os factos.

Em uma dezena de generos se distribue essa massa de publicações: poesia, conto, critica literaria e philosophica, chronica, romance, viagens, philologia, memorias, sociologia, "folk-lore". Desses só os cinco primeiros apresentam uma producção ponderavel — poesia, conto, critica, chronica e romance. Concorre cada um dos outros apenas com dois ou tres volumes, ás vezes com um só, como o folk-lore.

Para orientação do leitor, no correr deste estudo, vamos lembrar numa curta resenha os volumes mais interessantes em cada um desses generos, vindos a lume em 1920.

POESIA — *Poesias*, de Arthur Salles; *Vana*, de José Lannes; *Rythmos e Ideas*, de Luiz Murat; *Meio Dia*, de Ildefonso Falcão; *Em pleno sonho*, de Maria Eugenia Celso; *Pôr de Sol*, de Faria Neves Sobrinho; *Poemas Parnasianos*, de Affonso de Carvalho; *Columnas*, de Luiz Carlos; *Alma Cabocla*, de Paulo Setubal; *A Fada Nua*, de Goffredo Telles; *O Livro de Horas de Soror Dolorosa*, de Guilherme de Almeida; *Jardim das Hesperides*, de Cassiano Ricardo; *Helikon*, de Carlindo Lellis; *Estos e Pausas*, de Felix Pacheco; *Mascaras*, de Menotti del Picchia; *Deslumbramento de um triste*, de Wellington Brandão; *Solidão Sonora*, de Francisco Ricardo, etc.

CONTOS: — *A Cidade Encantada*, de Xavier Marques; *Seres e Sombras*, de Oscar Lopes; *Quando o Brasil amanhecia*, de Alberto Rangel; *Tumulto da vida*, de Adelino Magalhães; *A Ronda dos seculos*, de Gustavo Barroso; *Coivara*, de Gastão Cruls; *Velaturas*, de Fernandes Figueira; *A Pulseira de Ferro*, de Amadeu Amaral; *A Cidade Harmoniosa*, de Carlos da Veiga Lima; *A Vida é assim...*, de José Sizenando; *Negrinha*, de Monteiro Lobato; *Historias da nossa Historia*, de Viriato Corrêa; *Historia e Sonho*, de Lima Barreto, etc.

CHRONICAS: — *Bolhas de espuma*, de João Pinto da Silva; *Verdades indiscretas*, de Antonio Torres; *Mendigos*, de Alphonsus de Guimarães; *Comedia urbana*, de João Luso, etc.

ROMANCES: — *Fructa do matto*, de Afranio Peixoto; *O Professor Jeremias*, de Léo Vaz; *Vida ociosa*, de Godofredo Rangel; *Madame Pommery*, de Hilario Tacito (Toledo Malta); *O vôo nupcial*, de Albertino Moreira; *O Destino de Escolastica*, de Lucilo Varejão; *Marta*, de Medeiros e Albuquerque, etc.

PHILOSOPHIA E LITERATURA: — *Parabolas*, de Afranio Peixoto; *Folhas que ficam*, de Nestor Victor; *Considerações philosophicas*, de Moreira Guimarães; *Estudos*, de Albertina Bertha; *Religião do amor*, de Mozart Monteiro; *Letras Floridas*, de Amadeu Amaral; *Esboço da vida literaria de Minas*, de Mario de Lima; *José Bonifácio, o velho e o moço*, na Anthologia Brasileira,



organizada por Afranio Peixoto e Constancio Alves; *Paginas de critica*, de Medeiros e Albuquerque; *In Memoriam* de Euclydes da Cunha; *Acendalhas*, de Alberto Faria, etc.

VIAGENS: — *Pela Argentina*, de Oliveira Lima; *Jornadas do meu paiz*, de d. Julia Lopes de Almeida; *Um desfiar de lembranças*, de Cyro de Azevedo, etc.

PHILOLOGIA: — *O Dialecto Caipira*, de Amadeu Amaral; *Trechos selectos*, de Souza da Silveira, etc.

SOCIOLOGIA: — *Populações meridionaes do Brasil*, de Oliveira Vianna; e *Beatos e Cangaceiros*, de Xavier de Oliveira, etc.

MEMORIAS: — *Dias de guerra e de sertão*, do Visconde de Taunay; *Evocações e outros escriptos*, de J. C. de Souza Bandeira, etc.

Vamos percorrer summariamente essa produção literaria.

III

Na nossa poesia de 1920, como em todo movimento poetico, duas tendencias se revelam, filiadas ambas ao mesmo lyrismo fundamental a toda a nossa poetica contemporanea, já que a voz de um grande espirito epico ou dramatico persiste em não se fazer ouvir: o espontaneismo e o impressionismo.

Prendem-se ao primeiro grupo todos os que vêm na poesia sobretudo uma confissão, a expressão natural de um sentimento interior, a repercussão humana de qualquer facto ou paisagem. Nelles a espontaneidade da expressão supera a outro qualquer sentimento e o puro elemento subjectivo é sempre primordial. Nos impressionistas, a que se filia o grupo dos neo-parnasianos, o mundo exterior e o mundo das idéas prevalecem sobre a naturalidade da expressão e a emoção intima. O elemento objectivo, se não é primordial, já que em poesia o não pode ser, compensa ao menos o elemento subjectivo, e a poesia, de individual, passa a universal ou impessoal. De passo que nos espontaneistas predomina a forma verbal das sensações, a paisagem interior, a tradução sonora de emoções ou sentimentos, a expressão de uma alma directamente commovida ou apaixonada, sente-se nos impressionistas uma elaboração intima mais demorada das percepções e sensações, com intervenção mais visível da intelligencia e da memoria, e predominio da côr e do som bem como da logica do verso.

São, afinal, as duas grandes correntes poeticas do seculo passado — o romantismo e o parnasianismo, tambem chamado pe-



queno romantismo, que ainda persistem, porém fortemente transformadas e irmanadas por um caracter que distingue em geral toda a nossa poesia contemporanea — a simplicidade. Nas correntes modernas dessas velhas escolas nota-se logo uma approximação maior da poesia e da vida, uma analogia cada vez mais funda entre o sentimento poetico e o proprio sentimento. Tanto em uma como em outra tendencia, perde a poesia ou attenua o seu caracter hieratico dos parnasianos puros, ainda que os não tenha havido no Brasil, se acaso em qualquer parte existiram, ou romanesco dos puros românticos, approximando-se mais da realidade das emoções sinceras e justas, sem exuberancia ou rhetorica, das paisagens exactas, das fantasias possiveis.

Esse contacto da poesia e da vida, essa comprehensão do sentimento poetico como esplendor dos proprios sentimentos normaes, sem o artificialismo de figuras ou paisagens academicas, originou essa simplicidade de expressão, que geralmente se encontra em toda a nossa poesia contemporanea. Já sem falar daquelles que cultivam mais directamente o lyrismo, como os srs. José Lannes, Nilo Bruzzi, Menotti del Picchia, Paulo Setubal, Ildefonso Falcão ou sra. Maria Eugenia Celso, encontra-se quasi sempre essa mesma simplicidade correntia de expressão entre aquelles cujo estro traduz uma attitudo mais impessoal ou racional, como os srs. Arthur de Salles, Luiz Carlos, Guilherme de Almeida, Cassiano Ricardo, Carlindo Lellis, Faria Neves Sobrinho, Goffredo Telles, Lima Junior e até o proprio sr. Luiz Murat, com toda a sua intenção philosophica.

A essa familiarisação da linguagem poetica corresponde uma intervenção cada vez mais activa do elemento intellectual, sem prejuizo do sentimento, condição suprema de poesia. A intelligencia opera ali como elemento de fusão e equilibrio, dando á poesia moderna uma grande plasticidade, que ás vezes redunda em fraqueza. Não temos, por isso, generos poeticos perfeitamente definidos e as proprias correntes apontadas de espontaneistas e impressionistas representam apenas tendencias, sem cogitação de escola.

Haverá nos nossos poetas de 1920 uma solicitação geral de inspirações, que os impeça de conservar um caracter firme e unico? Traduzirá isso uma ausencia de directrizes geraes que solicitem fortemente os espiritos? Nunca se deve contar com grandes movimentos collectivos, já que essa forma literaria traduz a mais pessoal das expressões artisticas e portanto a mais arbitraria e individualista.

E' certo, porém, que a um critico contemporaneo nunca é li-



cito concluir com segurança da orientação geral dos movimentos literarios. A approximação dos phenomenos e das parcelas impede a visão do todo, tendencias insignificantes no movimento geral avultam por vezes desmedidamente, ao passo que uma grande corrente collectiva em inicio ou mesmo em flor pôde passar despercebida a quem a encare do mesmo plano.

Só dos aeroplanos ou das montanhas é possível ver o fundo do mar e as correntes marinhas. Dahi essa illusão dos criticos quanto as seus contemporaneos e a sua geral incompreensão dos movimentos literarios a que assistem, mormente em suas fontes. Lemos diariamente a abervação de que a nossa poesia e a nossa literatura em geral oscillam entre tendencias dispersas, sem saber orientar-se e que isso é um symptoma evidente de anarchia mental. Mas todas as escolas literarias coexistiram em todos os tempos e muito raramente apparece uma corrente original, essa mesma tantas vezes verificada como simples atavismo.

Essa impossibilidade de concluir com segurança sobre a orientação geral da poesia provém aliás de um escrupulo muito justo de querermos incluir e considerar o maior numero possível de livros vindos a lume, ainda sem a sedimentação necessaria para a verdadeira prova de merito intrinseco. A posteridade conclue ás vezes sobre um só livro, quando pullularam innumeros; e a posteridade, afinal, é quem geralmente tem razão, pois hoje com as facilidades de expansão typographica não é commum essa grande injustiça historica que durante seculos, por exemplo, ignorou a antiguidade classica.

Não traduz, portanto, mais do que uma illusão especiosa a affirmação de que a nossa poesia contemporanea não se sente orientada por um criterio fixo. Possue, antes dos mais, o criterio individualista, o que perfeitamente se coaduna com a nossa indole avessa a toda aggremação. Isso indica, por seu lado, a inexistencia de uma grande figura de incontestavel relevo e acção; á que a de Alberto de Oliveira, cujo amor á natureza e á forma tem exrcido innegavel influencia, se acha afastado da atmosphaera de criação poetica intensiva, tendo perdido um pouco o contacto com as novas gerações, como sempre acontece aos derradeiros fachos das gerações passadas.

Se não ha uma figura orientadora, um chefe de escola, falta tambem ao nosso meio um acontecimento social qualquer que polarise as actividades dispersas. E se o nosso meio não fornece esse elemento de condensação, outro tanto acontece com os meios estranhos, de onde sempre tem vindo á nossa musa o signal das



grandes curvas da historia literaria. O mundo está preparando hoje uma geração poetica prodigiosa para 1960, quando se converter em materia de belleza toda a massa dolorosa e pathetica das grandes libertações actuaes e da profunda inquietação do homem contemporaneo. A poesia é contemplação, e já o dizia um critico britannico, com o perfeito bom senso de sua nação: *poetry is emotion remembered in tranquillity*.

O mundo hoje é acção e a poesia não pôde passar de um refugio contra essa acção dominadora, exhaustiva e prosaica, refugio que degenera facilmente no requinte da obscuridade ou do infantilismo, para mencionar duas tendencias recentes da mesma inquietação e espectativa literaria.

O mundo da acção pode produzir um Whitman. Ainda o não tivemos e a nossa poesia continua a ser antes um refugio contra a realidade vulgar. Existe, como notei, uma approximação maior do poeta na vida, approximação que, se traduz de preferencia na forma que nos motivos. Estes continuam a exprimir a mesma fantasia das eras de paz e tranquillidade de espirito, sem ter alcançado esse idealismo fervoroso dos grandes momentos de dor e abatimento.

Essa intervenção, que aponteí, do elemento intellectual traduz mesmo uma certa decadencia da emoção ou pelo menos um menor dominio della. Pôde-se dizer que em nenhum dos poetas de 1920, e os houve, cheios de sentimentos, se sente verdadeiramente *paixão*. Tem-se a impressão de que os poetas de hoje já se não entregam, e sabem talvez demais, governar o seu coração. Nunca se deve esquecer que a poesia mais alta é a que possui toda a tyrania da inspiração e toda a disciplina da expressão. Liberdade no sentimento e na idéa, servidão na palavra.

Entre os nossos espontaneistas de 1920, isto é, os que partem mais directamente de um sentimento interior e espontaneo, aquelle em que talvez mais se sinta essa expressão nua de uma alma apaixonada, terá sido um joven estreante, o sr. Nilo Bruzzi, que em poucas paginas, mas de uma sinceridade á flor do verso, cantou simplesmente, desordenadamente, ás vezes banalmente—seu amor. Já na sra. Maria Eugenia Celso ou no sr. Menotti del Picchia, com seu delicioso poemeto "Mascaras", se a expressão não occulta ou perturba a espontaneidade, attinge a forma a uma perfeição, ás vezes filigranatica, mas de um encanto inexcedivel.

Mas é entre os impressionistas, isto é, aquelles cuja emoção



ou idéa é mais provocada que innata que vamos encontrar talvez a mais crystalina traducção de uma emoção despertada.

Quero referir-me ao sr. Paulo Setubal, outro estreante, cujas poemas da *Alma Cabocla* são de uma naturalidade tão espontanea, que o collocara talvez de preferencia entre os espontaneistas, não fôra o pittoresco de suas impressões da natureza e dos costumes ruraes, que forma talvez o maior encanto de sua poesia. Nesta, é patente, mais que em qualquer outra, aquelle caracter de simplicidade, anteriormente apontado em toda a nossa producção poetica contemporanea. Em outro estreante do anno, o sr. José Lannes, vamos tambem encontrar essa primordial simplicidade de expressão, a que já não corresponde, porém, a mesma espontaneidade de emoção. A ntervenção do elemento intellectual, aliás muito equilibrada, condensou o sentimento em uma atmosphera de nevoa e penumbra, propicia á expansão discreta de toda a gamma interior de emoções e pensamentos.

O lyrismo desses poetas é o de toda a nossa poesia contemporanea, em geral sem grandes arrebatamentos e onde se realiza, como já dissemos, uma especie de fusão e crystalisação do materialismo e do espiritualismo de parnasianos e symbolistas. Em 1920, a plastica parnasiana ainda encontra cultores, mas accentuando todos a tendencia moderada dos primeiros assimiladores dessa poetica em nosso meio. Entre os parnasianos em 1920 podem-se incluir os srs. Luiz Carlos, Cassiano Ricardo, Afonso de Carvalho, Carlindo Lellis, Arthur de Salles, todos elles, porém, profundamente tocados de lyrismo, ou de uma inspiração multipla e opulenta, como o sr. Arthur de Salles. Neste, bem como no sr. Carlindo Lellis, é patente o sentimento da terra, sentimento que vamos encontrar sobretudo no sr. Paulo Setubal, mas, por assim dizer, em mais ninguem. O naturismo que existe por exemplo, no sr. Ildefonso Falcão ou no sr. Lima Junior, não é uma emoção directa, despertada pela propria realidade circundante, senão por uma repercussão cerebral da natureza. No proprio sr. Carlindo Lellis, se existe uma certa preocupação de motivos nacionaes, não ha propriamente a sensação da natureza, sempre perturbada por evocações estranhas. Só no sr. Paulo Setubal é que se póde dizer perfeitamente pura essa impressão da terra, pois que no sr. Arthur Salles é apenas episodica.

Mais uma vez se confirma que a nossa poesia é antes um refugio contra a realidade, que a expressão poetica dessa realidade, embora, como notámos, já se observe em nossa linguagem poetica contemporanea a influencia de uma interpretação poe-



tica mais natural que literaria da vida. Não temos poeta algum de grande folego e dos novos que apparecem nenhum parece dotado daquella abundancia da imaginação romantica. De todos os generos literarios é a poesia o que mais se renova, já que constitue, por assim dizer, privilegio das gerações que se levantam. Não é commum que o calor, o enthusiasmo, a sensibilidade e o candido impudor, necessario á poesia, possam resistir á acção dissolvente e crystalizadora da vida. E mesmo quando o sentimento poetico resiste á idade, isto é, quando filho da comprehensão e não mais da sensação e do espectáculo do mundo, geralmente não se traduz em versos, senão no silencio ou pelo menos na solennidade pathetica das apostrophes. E' a conhecida crise poetica de todos os que se empenham em investigações scientificas experimentaes, em abstracções metaphysicas ou mesmo na engrenagem inexoravel da acção.

Renovando-se incessantemente, forma a poesia a parte mais sensivel e expressiva da vida literaria, reflectindo sempre, com a maior espontaneidade, a imagem da nação e da época.

Não é, por isso, ousado adiantar que essa eloquencia cada vez menor, essa emoção decadente, essa fantasia moderada, essa crescente simplicidade da nossa musa revelam um dos mais sensiveis caracteres do momento nacional que se exprime por uma aquisição cada vez maior de cultura. A imitação foi sempre uma das nossas forças de renovação literaria. Nunca se fez aliás cegamente e o nosso classicismo, como o nosso romantismo, como o nosso naturalismo, ou o nosso parnasianismo, sempre tiveram um cunho proprio e bem distincto dos modelos inspiradores. Hoje vamos além, pela cultura. Será que nenhum novo grande movimento literario, a não ser a luta permanente dos neophitos e tradicionalistas, agite neste momento a vida intellectual européa? E' possivel, mas a minha convicção é que, a despeito de tudo, um certo movimento idealista anima as nossas letras e os que dellas se occupam. E esse movimento é o de uma convicção crescente da nossa personalidade nacional e portanto literaria, dos perigos do cosmopolitismo, do contacto com a nossa realidade e da necessidade de uma conciliação dos caracteres locais e universaes, individuaes e humanos, para alcançar a verdadeira personalidade literaria. Ha, portanto, uma influencia crescente de cultura em nossa mentalidade, mas ha tambem uma assimilação mais logica, e perfeita dos seus elementos vitalisadores mas estranhos. Tudo isso repercute na nossa poesia, ao menos indirectamente, determinando aquelles caracteres geraes apontados:

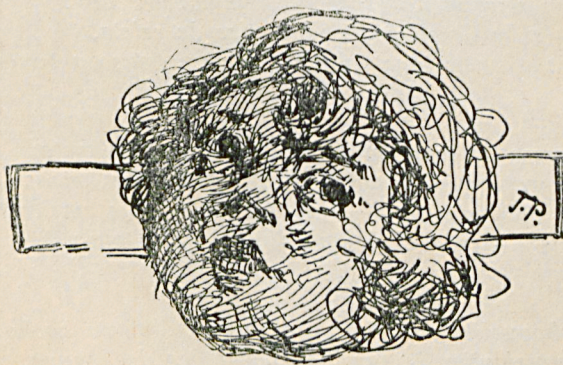


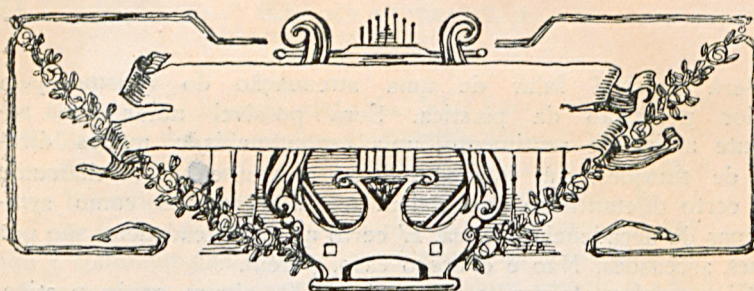
Será possível falar de uma atenuação do lyrismo pela maior perfeição da plastica. Será possível notar um requinte maior de sentimento, uma espontaneidade menos directa de emoções, um intellectualismo crescente e infelizmente em certo diletantismo que podem ser interpretados como symptomas de decadencia poetica. E' certo que as decadencias são por vezes ascensões. Não é o nosso caso, porém.

Não revelou, talvez, o anno de 1920, algum genio poetico, nem nos deu qualquer obra excepcional de nomes consagrados. Trouxe-nos, porém, como figuras, bom punhado de estréas, todas de certo relevo, como as da sra. Maria Eugenia Celso, srs. Paulo Setubal, José Lannes, Arthur de Salles, Wellington Brandão, Nilo Bruzzi ou Luiz Carlos. E como idéa, a accentuação da simplicidade e do intellectualismo.

A poesia tende a ganhar em gôsto, em solidez de plastica, em perfeição de technica e talvez em transcendencia de idéa, o que perdeu seguramente em poder de visão, em eloquencia de imagens, em necessidade interior e em commoção. Os poetas pensam mais profundamente, mas sentem com menos effusão.

Rio, 1921.





SONETOS

DE PEDRO SATURNINO

(Minas)

OCCASO

A MANOEL PINTO PEREIRA.

*A alma tenta escalar o céu, que tanto dista,
Lá no semfim do espaço interminável e ôco:
E eu subo da chapada ao vertice da crista,
Como a nevoa que sobe e é nuvem pouco a pouco.*

*Do cimo da montanha espraio ao longe a vista
De herege ou de pagão, de atribulado ou louco:
— O occaso põe-me ás mãos punhados de amethista
E das joias do azul mais limpido me touco.*

*Muchoqueiros em flor, desabrochando em cacho,
Flammejantes de luz, aos borbotões de sangue,
Desfilam em filões desfiladeiro abaixo...*

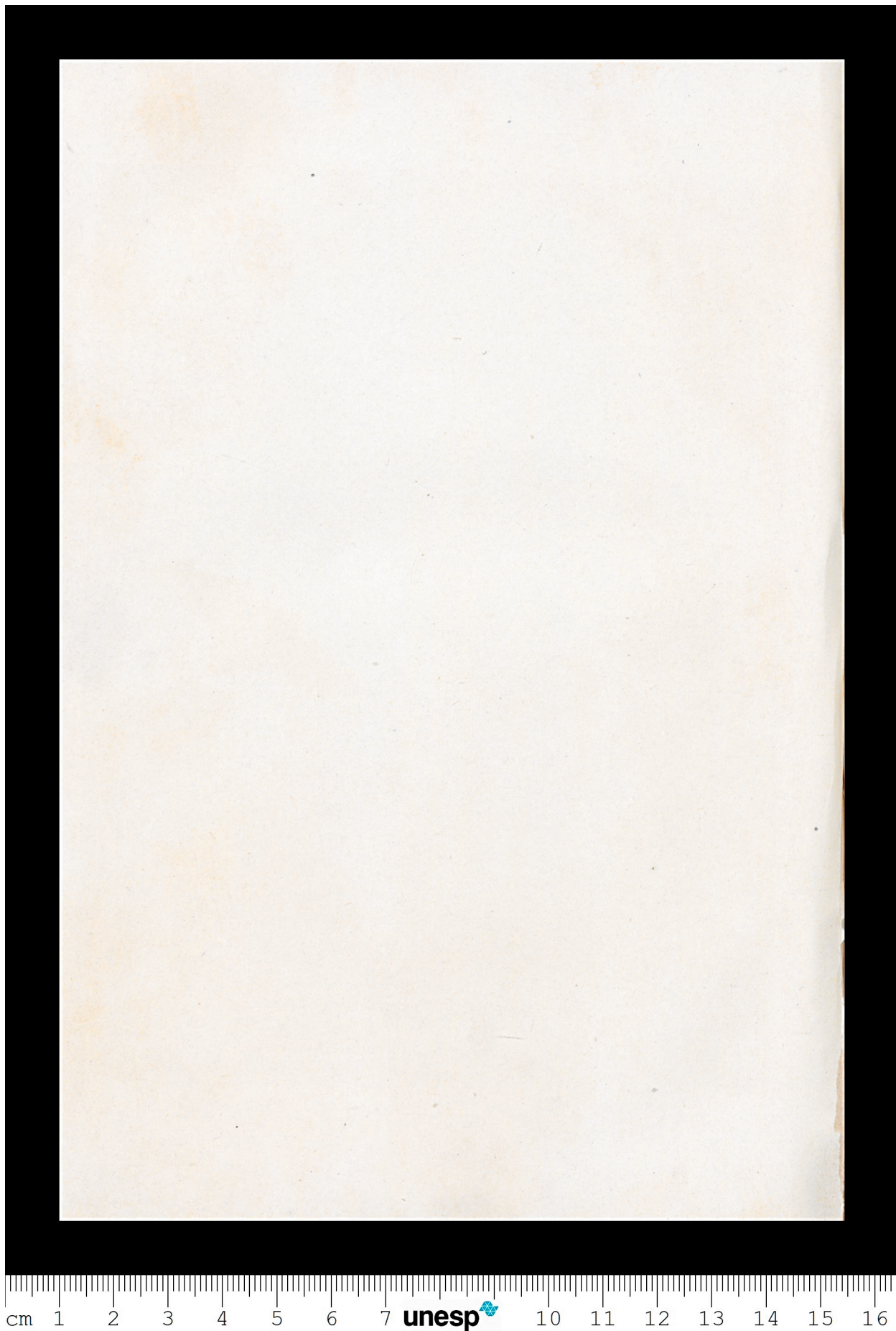
*E eu — triste coração desatinado e afflicto —
Entre forças eguaes, equilibrio-me, exangue,
— Entre as flores da serra e os astros do infinito.*

GALERIA DOS EDITADOS PELA "REVISTA DO BRASIL"



MONTEIRO LOBATO

Autor dos Urupês



FELICIDADE

A HONORIO ARMOND.

*Felicidade é o mysterioso enlevo
Que já me seduzia em pequenino;
Felicidade é o quatrifolio trevo
Que eu nunca achei, nem quando fui menino.*

*Nos canteiros do amor posta em relevo,
Dizem que a encontra o olhar arguto e fino:
Mas, eu, de balde... (e confessa-l-o devo)
Com o lugar em que está nunca me atino.*

*Pode estar ao alcance dos meus olhos
E ser facil tocal-a com meu dedo
Na cruz perfeita dos seus quatro folhos.*

*Sei que habita o palacio, ou a espelunca:
Mas, eu, que a espero e que a busquei tão cedo,
Eu, nunca... nunca hei de encontral-a, nunca!*

ERMITA

A JULIO BUENO.

*Alva de cysne, vaes passando e, logo
Seguem teu rastro tentações hediondas;
Passas bolindo, bamboleando o jogo
Das ancas gordas como duas ondas.*

*Embora as tuas intenções escondas,
Passa de longe, eu te supplico e rogo,
Passa longe de mim rolando em fogo
As tuas formas plasticas, redondas...*

*Para o teu lado nem sequer me volvo:
E's flor de carne e sangue, flor que excita,
E o meu olhar é um famulento polvo.*

*Caminha! Esquece o sonhador bisonho,
Só, perlustrando, como um santo ermita,
A grande patria olympica do sonho.*



AMOR DE PRIMOS

*Faz muito tempo já que não nos vemos
E, emtanto, cada vez mais nos amamos:
O amor attinge aos páramos supremos
E prende mais quanto mais longe estamos.*

*Collocados, embora, em dois extremos,
Nas mesmas aguas puras nos molhamos;
Somos, no mesmo barco, o par de remos
Que foi no tronco os respectivos ramos.*

*O nosso proprio antigo amor de primos
E' como um livro só, mas em dois tomos,
Cujas folhas de seda nunca abrimos.*

*E ha de acabar, ha de extinguir-se em fumos,
Só porque, nós, infelizmente, somos
Na mesma linha dois oppostos rumos?...*

A' ESPERA

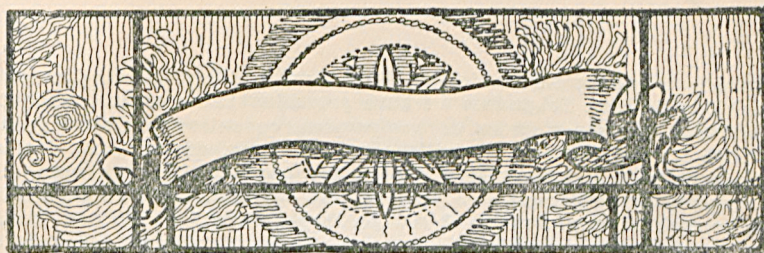
*Seus olhos, verdes como as turmalinas,
Mais do que amor, promettem-me esperança...
E, se me volve as humidas retinas,
Seus olhos falam: "quem espera alcança"...*

*Por ser a flor de todas as meninas
Que eu conheço na minha vizinhança,
Ando cantando em minhas cavatinas
As madeixas de sol de sua trança.*

*"Quem canta ao menos o seu mal espanta":
E os meus dias insolitos e infindos,
Passam felizes, quando esta alma canta.*

*Só ella não comprehende, não pondera,
Voltando para mim seus olhos lindos,
Que "quem espera alcança ou desespera"...*





INTERCAMBIO INTELLECTUAL AMERICANO

PELO DR. BRAZ DE SOUZA ARRUDA

Este trabalho (escripto ha cerca de dois annos e até agora inedito) é um brado em favor do estreitamento de relações entre paizes da livre America, separados uns dos outros por distancias e indifferenças, para seu proprio mal e para mal da civilização. O operoso professor da Faculdade de Direito de S. Paulo, autor deste artigo, demonstra as altas e multiplas conveniências que haveria na aconselhada approximação, e indica os meios de a irmos tentando. Por outro lado, fornece larga copia de informação pouco conhecida sobre o movimento intellectual nas outras nações americanas, e isto, por si só, constituiria não pequeno merito ao presente escripto.

Les E'tats du Nouveau Monde ont une même origine, ils constituent une grande famille, née comme les E'tats Unis, d'une façon soudaine et presque simultanée à la vie indépendante.

A. ALVAREZ.

Somos Americanos, a America nos interessa mais que a Europa, falla-nos mais ao coração.

CONS. PEREIRA DA SILVA.

I. Não exaggeramos, certamente, affirmando que a America Latina é completamente desconhecida na Europa; sua cultura, sua civilização, ignoradas; suas raças, ridicularizadas; suas cousas, deprimidas. Esta ignorancia das cousas sul-americanas "se patenteia mesmo nos trabalhos e livros imparciaes por natureza", como observa o eminente escriptor patrio Manuel Bomfim, na magnifica obra que escreveu sobre "a America Latina". Exemplifica o illustrado patrio, mostrando a crassa ignorancia de Seignobos, que, em 30 linhas, faz affirmações como estas: "Os paulistas formavam no XVIII seculo um povo independente..." "O Brasil tornou-se um Estado independente, mas sem perturbações. O regente, irmão do rei de Portugal,

tomou o título de imperador do Brasil em 1826..." Faz notar Manuel Bomfim que Seignobos é figura preeminente no ensino superior, em Paris, professor entre os professores, consultor universal sobre história contemporânea e civilizações modernas, distribuindo diariamente lições e julgamentos á direita e á esquerda (p. 9 e nota). E a opinião de Seignobos é a corrente na Europa. Resumindo-a, diz, em magnífica conferencia, D. Diego Duplé Urrutia: "Hai en Francia un profesor renombradísimo. muy honrado y muy oído en el mundo entero en materias de historia de la civilización, M. Seignobos. En su tertulia de sorbonianos le oímos una noche, no sin protesta, afirmar con esa seguridad casi teológica una noche, no sin protesta, peos, que nada debia la civilización propriamente moderna a España, Portugal y sus colonias. Tal es la opinion corriente en Europa".

Esta opinião é tão ridícula que não merece outra resposta que não seja a da lição piedosa e esclarecedora. Responde D. Diego, dizendo que: "...bajo cierto aspecto, el de la cultura política, filosófica, y más especialmente intelectual, ahí está la obra entera de Menéndez y Pelayo, para contestar al professor francés... por lo que toca al aspecto propriamente economico de esta influencia, sería una injusticia evidente desconocer que la actuación de los dos países ibéricos ha sido grande y singular en la generación de la civilización industrial propriamente moderna".

Desenvolvendo o pensamento do insigne escriptor, poderemos dizer tão grande a nossa contribuição para o progresso da Humanidade como a dos mais esclarecidos e civilizados países da Europa. Basta lembrar as tres figuras gigantescas de Monroe, Drago e Ruy Barbosa, esplendentes luzeiros que por séculos illuminarão os passos da Humanidade em sua marcha triumphal para a civilização. A Europa não se curva deante de nós, porque nos ignora, não por lhe sermos inferiores.

Mas, a America não é só desconhecida pela Europa, é desconhecida de si mesma. Em monumental conferencia lida na Universidade de Santiago do Chile, aos 25 de Junho de 1908, o illustre D. Diego Duplé Urrutia, que dissertou sobre "Algunos aspectos de la cultura brasileña", fez notar que ha quatro siglos os costumes coloniales decretaram o isolamento destes países que haviam de formar 17 republicas independientes. Levámos cem annos de vida livre em tal anormalidade, que continúa a constituir uma das características de nossa vida latino-americana. Sobre este isolamento observa que "no es por cierto una novedad repetir que las republicas de origen español y portugues nos ignoramos bajo ciertos aspectos, como si viviéramos en continentes distintos. Que todo perdemos moral y materialmente con esta ignorancia, tampoco necesita mayores pruebas." Ha muito que aprender, com effeito, para cada um de nosotros, principalmente hoje, quando praticamente isolados da Europa, de que nos deveria já ter afastado a diversidade de nossa cultura e de nossas idéas, temos que voltar nossas vistas para a America, com o estudo e o conhecimento das republicas nossas irmãs que, no mesmo continente, vivem e lutam pelos mesmos ideaes de justiça e amor.

II. Devemos encarar resolutamente os nossos problemas e resolvê-los corajosamente. A nossa época é dos grandes problemas e para resolvê-los só os verdadeiros estadistas têm capacidade, como

dissemos no artigo — **O interesse economico em relações internacionais** ("Jornal do Brasil"). Hoje a missão do governo é essencialmente interventoria, innovadora, reformadora. Ao politico compete intervir na acção das forças sociaes, dirigindo-as com o minimo do sacrificio individual e o maximo do resultado social, para a consecução do fim ultimo da Humanidade — **a felicidade geral**. Para poder realizar a sua nobre missão, o politico, o estadista deve ter profundos conhecimentos scientificos, mormente saber **Sciencia da Administração, Economica Política, Finanças**, preparo que só será vantajoso alliado á noticia completa das necessidades da nação que dirige, haurida na fertil escola da experiencia. Deverá conhecer as vantagens internacionaes do intercambio intellectual e economico com os povos vizinhos. Deverá conhecer ainda as condições economicas e sociaes dos povos vizinhos para dellas se aproveitar, realizando tratados e convenções, creando novos mercados, permutando os productos.

O interesse economico é, como já vimos, importantissimo factor de paz. A intensificação das relações economicas faz-se concomitantemente com o desenvolvimento do intercambio intellectual. O intercambio intellectual é valioso factor do desenvolvimento economico, factor poderoso da paz. São principios axiomaticos. Assim sendo, da maxima importancia é o conhecimento das condições economicas e intellectuaes das Republicas da Europa. Este artigo é uma pequena contribuição para ser resolvido um grande problema. Mostraremos que o desenvolvimento intellectual, ao lado do propriamente economico, é enorme nas republicas americanas, comquanto de nós ignorado. Mostraremos ainda as vantagens que teremos intensificando as nossas relações com estas republicas, e indicaremos finalmente, de modo geral, os modos de realização deste desideratum em face dos ensinamentos da sciencia.

III. Devemos prevenir os que nos lerem contra o nosso pessimismo destruidor. Entre nós, há duas philosophias sómente: "um optimismo extasiado com as apparencias da nossa civilização, e um scepticismo destruidor, terrivel de contagio e feroz de intolerancia, contra todo esforço de reacção". (Alberto Torres, "O problema", 39). Ora, nenhuma destas theorias é verdadeira. Em face da Philosophia, sabemos perigosas as theorias extremas. D. Enrique Molina, em bellissima conferencia feita em 19 de Julho de 1907, na Universidade de Santiago, falando sobre a philosophia do pensador americano M. Lester F. Ward, condemna o pessimismo, e com elle está Alberto Torres e a maioria dos escriptores modernos.

Perguntando á Philosophia que conceito devemos formar deste mundo, respondem duas theorias extremas e uma conciliadora. O **optimismo**, que sustenta que este mundo é o melhor dos mundos possiveis, não resiste á menor impugnação. O **pessimismo**, cujos apóstolos são Schopenhauer e Hartmann, sustenta **quantitativamente** serem mais as dores que os prazeres da vida, e **qualitativamente** só ser positiva a dor. Para Schopenhauer o prazer e a felicidade são negativos, isto é, a cessação de cada dôr, de um mal. Esta escola é tambem falsa. O pessimismo é "el fruto de un estado social imperfecto, malo, hostile y uno de los problemas que tiene la ciencia por delante es destruir y aniquilar al pessimismo merced a la transformacion y mejoramiento del estado social".



Não podemos aqui fazer um estudo completo do assumpto, de alta especulação philosophica e valor pratico, porque o pessimismo é um veneno horrivel que estraga a alma popular. Indicaremos agora qual a escola scientifica conciliadora — o **melhorismo**. O melhorismo é o utilitarismo scientifico, que descansa na **lei da causalidade** e na efficacia da **acção humana** bem dirigida. Tem por fim incitar o homem á acção. É uma escola de alento. Constitue o melhorismo um principio dynamico, um principio de actividade; opposto ao **laissez-faire** classico, procura o aperfeiçoamento social, não se contenta com alliviar os soffrimentos presentes, como faz a caridade sentimental, e van, mas quer estabelecer um estado de cousa duravel, condições sociaes em que não exista o soffrimento.

Quem primeiro usou a expressão melhorismo foi o célebre novelista inglez J. Eliot. Veja-se a respeito a citada conferencia de Molina e Ward — "The Psychic Factors of Civilization" cap. XXXIII.

Esta deve ser a nossa escola; abandonemos os sonhos e os idealismos sentimentaes, fujamos do pessimismo iconoclasta e corrosivo; procuremos, pela sciencia, pelo estudo, pela experiencia, realizar o melhorismo, aperfeiçoar as nossas condições de desenvolvimento, tornando cada vez mais perfeita a nossa organização social, obtendo assim a grandeza de nossa Patria e a felicidade do nosso povo.

Vejamos agora quem vive na America e o que tem elle pensado e feito.

IV. Falemos em primeiro lugar da Republica Argentina, nação vizinha, grande, progressista, amiga, a quem está destinado um futuro grandioso e magnifico. Apesar dos horrores do caudilhismo, da tyrania de Rosas, grande foi o esplendor da literatura argentina. Obrigados ao desterro, "foi a miseria, a fome, a dôr do exilio que deram conhecimento ao mundo de que havia poetas argentinos, como Marmol, Mitre, Florencio, Varela, criticos como Gutiérrez e Dominguez: longe da patria, por ella chorando e soffrendo, é que elles, no Chile, no Perú, na Europa, em Montevideu, se dedicaram a obras literarias e scientificas, e as publicaram, para assim se alimentarem e poderem viver!", dizia, em magistral conferencia, o cons. Pereira da Silva, ha 32 annos, perante a elite carioca e SS. MM. Imperiaes. Organizado o governo depois de 1852, entregaram-se quasi todos á politica, abandonando as glorias das letras. Marmol, publicou ainda o excellente romance "Amália", deixando comtudo de terminar os "Cantos do Peregrino" com que se notabilizara no exilio.

Para termos uma idéa da "poesia terna e doce do Rio da Prata", basta ler o incomparavel Echeverria. José Esteban Antonio Echeverria (22 de Setembro de 1805 — 19-1-1851), foi um dos mais illustres escriptores argentinos e ao mesmo tempo um destemido paladino das idéas liberaes. Publicou os "Consuelos" em 1834 e as "Rimas" em 1837, formando parte deste trabalho o seu célebre poema "La Cantiva", linda e preciosa joia literaria, na opinião competentissima do notavel poeta Pereira da Silva. Escreveu tambem o "Dogma Socialista", precedido de uma "Ojeada retrospectiva sobre el movimiento intelectual en el Plata desde el año 1837", inspirado em idéas sansimonianas, Echeverria póde ser considerado o precursor dos estudos sociologicos na Argentina. Emigrando para Montevideu



em 1840, lá entregou-se á poesia, publicando, entre outros: "Insurrección del Sud", "Avellaneda", "La Guitarra" e "El Angel Caído". Suas obras foram editadas por D. Juan Maria Gutierrez, autor de magnifico estudo biographico sobre Echeverría. Tal foi o grande argentino.

Digno de nota é também Juan Bautista Alberdi, "uno de los más ilustres argentinos", no dizer de Matienzo. Nascido em Tucumán, em 29 de Agosto de 1810, produziu em 1837 sua "Preliminar al estudio del Derecho". Em 1852, escreveu sua obra fundamental "Bases para la organizacion politica de la confederacion argentina", e logo depois o "Systema economico" e as "Cartas Quillotanas", famosa polemica com F. Sarmiento. Desterrado quasi toda a sua vida, seus escriptos são apaixonadissimos. A transformação politica de 1880 é a realização das idéas básicas de Alberdi. Falleceu em Paris em 18-6-1884. Delle disse o mestre dos mestres, o incomparavel Ruy Barbosa, na monumental conferencia de Buenos Aires, o maior monumento oratorio produzido por cérebro humano: "Fué entonces, que las lecturas de mi exilio me llevaron á la obra de vuestro Alberdi, el primer escritor vuestro que me puso en comunión con el pensamiento liberal argentino, y á quien, no obstante sus prevenciones antibrasileñas, cada vez más admiro, y tengo aun hoy por una de las inteligencias más selectas de la literatura americana." Fechemos esta pallida noticia sobre o autor do "El crimen de la guerra", com as palavras de D. José Nicolás Martienzo: "pasará largo tiempo, pasarán muchas generaciones antes que los sudamericanos puedan hablar de comercio, de industria, de ferro carriles, de puertos, de canales, de población, de inmigración, de educación e instrucción, de riqueza, de rentas públicas, de politica americana, de respecto al extranjero, sin que venga á su memoria un pensamiento de Alberdi, y Patria feliz la que puede presentar al mundo hijos como éste! (Conferencia de Centenario, feita na Faculdade de Philosophia e Letras de Buenos Aires, em 1910).

Ainda digno de menção é Vicente G. Quesada, o autor de "Recuerdos de España", "Crónicas Potosinas", "La Vida intelectual de la america española", etc., etc. Falleceu em 19 de Setembro de 1913, legando á Argentina o filho Dr. Ernesto Quesada, digno representante de seu eminente progenitor, uma das maiores glorias da Argentina.

Mencionemos ainda Alejo Teyret, bearnes de nascimento, argentino de adopção, autor de "La evolución del Cristianismo", Mariano Moreno, Domingos F. Sarmiento, autor de "Facundo"; Juan M. Gutiérrez; Andres Lamas; A. Alcorta; Mejia; Varela, e tantos outros, cuja lista seria quasi interminavel. Nos ultimos tempos tem sido tão notavel a successão dos grandes homens na Argentina, devido talvez á influencia do meio, que impossivel é registal-os aqui.

Se grande é a contribuição literaria e historica da Argentina, os seus jurisconsultos em nada são inferiores aos europeus. Prova disto é a obra de Alberdi "Derecho Publico Provincial Argentino". Jurisconsultos eminentes são Alcorta, Castellanos, C. Tejedor, Obarrio, Segovia e Siburú. O anno passado distinguui-se, na Argentina, principalmente pelas obras juridicas. Destacaremos a "Génesis del estado y sus instituciones fundamentales", obra monumental do eminente Valentin Letelier, o preclaro ex-reitor da Universidade do Chile, academico honorario da Universidade de la Plata. "La nationalité au point de vue de la législation comparée et du droit privé humain", t. 3.º, 866 ps. é um trabalho extraordinario do grande



mestre E. S. Zeballos, um dos maiores juriconsultos da America. "La Magistratura indiana", do Dr. Enrique Ruiz Guinazú, é uma obra importantissima que honra o seu talentoso autor. O livro "Estudios sobre la legislación de la quiebra, seguidos de otros ensayos", de Félix Martin y Herrera, que acabamos de ler com admiração, é um trabalho digno dos maiores elogios e do estudo mais attento. Arturo Seeber publicou as "Cuestiones de Derecho Civil"; Raymundo Salvat publicou o "Tratado de Derecho Civil Argentino"; Americo Cocici, o trabalho excellent "De la extraterritorialidad de la persona jurídica en Derecho internacional privado", "Código de Comercio, comentado según la doctrina y la jurisprudencia", é um trabalho magnifico do Dr. Carlos C. Malagarriga. O tratado compõe-se de 6 volumes em via de publicação. O 1.º vol. de 432 ps., vem precedido de uma introdução do Dr. Leopoldo Mello, professor de Direito Commercial na Universidade de Buenos Aires; o 2.º tomo vem precedido de um discurso preliminar do insigne E. S. Zeballos. Malagarriga, formou-se em 1915, tendo obtido a medalha de ouro, conferida ao melhor estudante do curso. A sua these — "La unificación internacional de la letra de cambio", foi indicada para o premio "Facultad".

Digna de especial menção é a obra notavel do preclaro Dr. Juan A. González Calderón, "Derecho Constitucional Argentino", cujo t. 1.º lemos com grande prazer e sobre o qual escrevemos um artigo minucioso. E' um livro adiantadissimo, sendo para a Argentina o autor o que para suas patrias foram Bryce, Boltmy e Wilson, os insignes representantes do Direito Constitucional.

Que dizer de um paiz como este, tão fertil em todas as produções do espirito?...

Um dos mais illustres internacionalistas do universo é o argentino Dr. Estanislau S. Zeballos, Redactor do "Bulletin Argentino de Droit International Privé". Será preciso recordar o nome refulgente do preclaro argentino Drago? Homens de vasta cultura, e largo descriptivo, leccionam nas Universidades argentinas, em nada inferiores ás europeas. Esta nova affirmacão fica bem patente á vista dos "Anales de la Facultad de Derecho y Ciencias Sociales", t. 3.º, 3.ª serie, año de 1917, que temos sobre a nossa mesa, onde acabamos de os ler, com profunda admiração e respeito pelos artigos assignados por homens da estatura de Zeballos e Juan Agustin Garcia. O grosso volume é de 900 paginas e luxuosamente confeccionado. Dentre os artigos de doutrina destacam-se as "Opiniones del doctor Luis M. Drago" sobre "La cuestión internacional", trabalho digno de seu extraordinario autor, condemnação decisiva da politica sanguinaria e barbara da Allemanha, contra a qual se reuniram todas as nações civilizadas do Universo. Juan Agustin Garcia publica um artigo, que traduzimos, sobre "La actualidad de Maquiavelo". Fulgurante e notabilissimo é o trabalho de Zeballos "Lucha contra las huelgas anárquicas en los Estados Unidos". Jaime F. de Nevares, escreveu um artigo interessantissimo "Ley americana sobre papeles de comercio", que pretendo traduzir para a *Revista Juridica*. Um discurso monumental do dr. Matias G. Sánchez Soron da collação de grau (12 Outubro-917), Chronica dos Tribunaes, leis nacionaes, actos officiaes, chronica da Faculdade e Bibliographia, constituem a magnifica "Revista da Universidade de Buenos Aires", exemplo edificante para as nossas faculdades.

Antes de darmos por terminada esta pallida noticia sobre o movi-



mento intellectual argentino, lembraremos o nome do eminente sabio Dr. José Ingenieros, o "Chaco Americano", o autor genial de "La simulación en la lucha por la vida", "Historia y Sugestión", "El hombre mediocre" e tantos outros trabalhos monumentaes, director da "Revista de Filosofia", publicação digna de figurar nas estantes dos mestres, e que é uma das glórias scientificas da America do Sul.

V. Vejamos agora o Uruguay, pequeno ninho de aguias, berço de poetas inspirados, onde as sciencias e as letras progridem espantosamente.

Literatos distinctos foram: Carlos Gómez, Magarinos, autor das "Brisas do Plata", Figueirôa, "epigramatico e satyrico de valor", no dizer de Pereira da Silva, e Berro. Se, quando, ha 32 annos, a palavra inspirada do cons. Pereira da Silva se fazia ouvir, as dissensões e guerras civis absorviam todos os engenhos elevados, hoje o Uruguay é astro de primeira grandeza. Um exemplo de inspiração de seus poetas se terá lendo a "Musa Uruguaya", do distincto poeta Manuel do Carmo, no seu livro recente "Setembro". A sua Universidade de Montevideo, magnifica e os seus "Anales", são extraordinarios, fazendo honra aos eminentes jurisconsultos de tão nobre paiz. Gomar, Eduardo Acevedo, Luiz Varela, Carlos Vaz Ferreira, Juan José Amézaga, Federico Escalada, Manuel Arbelaiz, Arechaga, figurariam gloriosamente em qualquer universidade européa.

VI. E o Paraguay?

Deste nada ha que dizer, affirmou Pereira da Silva. A lingua guarany foi a geral do povo. Verdadeira China na America do Sul, o paiz pouco se desenvolveu nas sciencias, sob as trevas caliginosas do despotismo. Comtudo, hoje apparecem alguns vultos distinctos nas letras paraguayas. Entre elles merece honroso lugar D. Silvano Godoi, "...eximio literato e politico", na apreciação abalisadissima de nosso saudoso e sabio mestre Dr. Almeida Nogueira (Estudos Ligeiros, p. 86), que é um historiador de mérito. Possui ainda a sciencia paraguaya um economista notavel, D. Ramón de Olasceaga, professor na Universidade de Assumpção, autor do trabalho "Estudios economicos en España", uma "excellente monographia de judiciosa critica", (Almeida Nogueira, "Curso de Ec. Polit." I, p. 93).

Sobre o Paraguay é digna de leitura uma interessante obra de W. Jaime Molins — "Paraguay (crónicas americanas)," Buenos Aires — 1916. No capitulo XVI, trata da instrução pública. Quanto á instrução pública é de notar o ensino agricola, cujo órgão é a "Escuela Agronómica", sob a direcção do professor Fiebrig.

Muito se tem feito no Paraguay pela instrução e podemos dizer que, com a orientação actual "Sin duda alguna sobre esta generación gravita el esplendido porvenir de la Republica" (Molins, cit.).

VII. Passemos ao Chile.

Na conferencia citada sobre a nossa cultura, feita por D. Diego Urrutia, dizia o eminente conferencista, após observar os laços de amizade que nos unem. "Todo lo cual no obsta para que en el Brasil se sepa tan poco de Chile como aquí del Brasil. Anomalia incom-



preñsible, porque si en nuestra America latina existen dos paizes bien característicos, inconfundibles, y cuyo estudio mutuo puede iluminar la vida de ambos con esenñanzas mas vivas y originales, son de cierto los nuestros". Tem razão o distincto intellectual. O interesse economico approxima-nos do Chile; o intellectual, tambem. Tudo nos separa e nos une de uma só vez. — a geographia, a economia, a raça, diz elle. Com effeito, geographica e economicamente, o Brasil é tropical, centro especializado em producções propriamente coloniaes; o Chile temperado, quasi frio, produz sobretudo generos que o Brasil importa. A raça brasileira é singularmente intuitiva, generalizadora; a chilena, calculadora, receiosa da imaginação, por necessidade e tambem por circumstancias historicas. Dahi vantagens extraordinarias de mantermos relações economicas sobre o Chile sobre os nossos melhores mercados e acção da diplomacia no nosso desenvolvimento economico, veja-se Oliveira Lima, "Cousas Diplomáticas", e "Sob o Cruzeiro do Sul", de D. Luiz. Quanto á parte intellectual, o Chile unitario, o Brasil federal; o Brasil idealista, o Chile realista; o Brasil democratico, quasi revolucionario, o Chile aristocratico; completam-se, esclarecem-se, ensinam-se.

Já no tempo de Pereira da Silva, a universidade chilena fazia honra ao paiz, e estrangeiros como Seneuil e Andres Bello, nella leccionavam gloriosamente. Entre os seus poetas notava o nosso grande patricio: Eusebio Lilo, Sanfuente, Gaña e Guilherme Matta, comtudo inferiores aos colombianos, "que são os maiores e melhores lyricos da America hespanhola" (cons. P. da Silva). (1)

Hoje, o adiantamento do Chile intellectual é extraordinario e os seus jurisconsultos e economistas são talvez os mais competentes da America do Sul. A Universidade de Santiago é um fóco luminosissimo de onde se derrama a luz da sciencia sobre a gloriosa terra chilena, onde brilham astros de primeira grandeza, como Armando Quezada, Solar, Diaz, Ramirez, e tantos outros. O que mais notabiliza a Universidade de Santiago é manter-se ao par dos progressos scientificos. Nas nossas escolas os programmas são os mesmos e os mesmos methodos de ensino, os antigos e atrasadissimos systemas da estupidificação progressiva. Em vista dos progressos extraordinarios da sciencia, em 1901, sendo Reitor D. Manuel Barros Borgoño, mudou-se o nome da Cadeira de Economia Política para o de Eco-

(1) Completando esta nota do nosso illustre patricio, indicaremos, seguindo a Armando Donoso (Parnaso Chileno), quaes os mais illustres poetas do Chile.

Salvador Sanfuentes; Mercedes Marin del Solar; Jacinto Chacón, tambem distincto jurisconsulto; Rosaria Orrego de Uribe, illustre poetisa, das primeiras mulheres que se distinguiram na America como periodistas, dirigindo a celebre "Revista de Valparaíso", casada em 2.ªs nupcias com o erudito literato Jacinto Chacón, de quem teve o filho Luis Uribe, morto gloriosamente na batalha naval de 21 de Maio de 1879; Guilherme Matta; Eusebio Lillo; Hermogenes de Irisarri; Guilherme Blest Gana; Velasco, o artista do canto "A los heroes de Iquique"; Cuartin; Valderama; Alemparte; Carlos Walker Martinez; o illustre Juan Rafael Al-leude, o inimitavel satyro; Sofia; Frondeau; Nolasco Prendez; E. de la Barra; A. Walter Buston; Montalva; González; S. A. Lillo, um dos maiores poetas chilenos na actualidade; o insigne Antonio Bosquez Solar; o grande literato Diego Duble Urrutia, tão citado neste trabalho, o illustre autor de "Veinte años"; F. Contreras; Moure; Gil; Victor Domingo Silva "el más vigoroso y fecundo de los poetas de la nueva generación"; Carrasco; Lisboa; Ballesteros; Baralona, o nosso grande amigo, traductor de poesias de Gonçalves Dias; taes são os principaes ornamentos do "Parnaso Chileno".

nomia Social, mudaram-se os planos de estudo, modificaram-se os programmas, reformou-se a organização do ensino: "se procuró en resúmen dar una eficacia y una adaptación social cada vez mayores al organismo docente nacional", como diz Armando Quezada. Iniciou-se uma série de monumentaes conferencias para dirigir o pensamento chileno, pondo-o ao par do movimento scientifico contemporaneo.

Como estamos longe de nossa terra!...

Jurisconsultos notaveis tem o Chile: Alfonso Ibanez, Mujica, Pinto Izarra, Robustiano Vera, autor do "Codigo de Chile", 7 vols. — obra monumental), o insigne Anibal Echeverria y Reyes, todos homens de um valor extraordinario. Entre elles um logar de destaque é concedido ao primeiro dos jurisconsultos hispano-americanos, ao "illustre Andrés Bello, venezuelano de nascimento, chileno de adopção, americano de alma e coração, symbolo vivo de identidade intellectual e moral da America Hespanhola", como disse o illustre diplomata e maravilhoso literato patricio, o preclaro Oliveira Lima ("America Latina e America Inglesa"). Foi grammatico, jurista, poeta e pedagogo. Não podemos aqui fazer uma analyse detalhada de sua obra, pois nos estenderiamos em excesso. (1)

O ensino rural é no Chile uma realidade, a Psychologia Experimental, o Direito, a Historia, o ensino technico, são cultivados com amor.

Eis, em poucas linhas, o que se passa na terra chilena, terra progressista, amiga, hospitaleira, generosa e nobre.

VIII. O Perú distingue-se por seus poetas, e entre elles teve Salaverry Felipe, Pardo, Paz Soldan, Palma, Marques, Althaus, Rossel, Amézaga, o épico Luis Benjamin Cisneros, e da nova geração (1900 — 1914), F. Cisneros, Lora, José Gálvez, Landa Sassone, Jerovi, Neyra, Ureta e o distincto Enrique Bustamante y Ballivián.

Merece especial menção Santos Chocano, que a si proprio se intitulou "Poeta da America", fazendo que delle dissesse outro grande poeta neo-hespanhol, Ruben Dario:

E'l tiene el Amazonas y domina los Andes:
Siempre funde su verso para las cosas grandes!
Vá, como Don Quijote, en ideal campaña.
Vive de amor de America y de passion de España".

(Oliveira Lima, p. 15, cit., "Am. Latina e Am. Inglesa").

Lama e Elmore são jurisconsultos de valor.

(1) O illustre reitor da Universidade de Santiago acaba de enviar-me a seguinte carta:

"Santiago, 10 de Junio de 1918.

Señor Doctor:

En contestacion a su carta, tengo el agrado de enviar a Ud un ejemplar de las lecciones de "Derecho Constitucional", del professor de nuestra Escuela de Leyes, don Arcebiades Boldan, y un ejemplar del "Derecho Internacional" de que es autor el Ministro Plenipotenciario de Chile ante el Gobierno de Alemania, señor Miguel Cruchaga, y que es seguido en su curso por el professor don Guilherme Guerra. — Con la maior consideración soi de Ud. Atto i SS. Domingo Amunategui".

Sobre tão importantes e valiosos trabalhos darei mui proximamente a minha opinião.

A Historia e as Chronicas têm tido grande desenvolvimento no Perú. Sobre o assumpto escreverei artigo posterior, mostrando o desenvolvimento dos estudos historicos no Perú.

IX. Chegou a vez da Colombia, o antigo vice-reinado de Santa Fé, que estudaremos conjuntamente com Venezuela e Equador.

Os poetas colombianos são originaes e inspiram-se principalmente na natureza esplendida da America, Lozano, de Venezuela, autor das "Horas de Martyrio", "Cantos Patrioticos", admiraveis na opinião do cons. P. da Silva, que reputa a sua "Ode a Napoleão" comparavel ás de Manzoni, Delavigne, Lamartine e Byron. Olmeda e Mera, no Equador, respondiam de Quito a Lozano de Caracas. Superior a todos, porém, Julio Arboleda, de Bogotá, autor, entre outros, do trabalho "Gonzalo de Goyon" "obra prima de verdadeiro genio", como diz o cons. P. da Silva, no seu citado curso. Tem razão o illustre patricio. A lenda de Gonzalo de Goyon é um trabalho valiosissimo. Compunha-se de 12 canticos. O governador hespanhol de Bancas, assaltando-lhe a casa, queimou-lhe 10, restam, comtudo, 2, que bastam para dar uma idéa da verdadeira e genial inspiração do poeta, que os escreveu tão magestosamente. Distinguem-se ainda Eusebio Caso, Guilherme Gonzalez, Tejada, de Bogotá, e ainda Alvarez Henao, Acorta, Arciniegas, Arrieta, José Maria Rojas Garrido, Soto Borda, Ortega, Talero Núñez, Trujillo, Uribe, A. Vega, Vergara y Vergara, Pombo, Restrepo, Rivas Groot, Eva Verbel, Vilafañá, Alfonso Villegas Arango, Manrique Terán, Morquera, Obeso, Gaitán, Alfredo Gómez Jaime, Diego Fallón, que completam a lista de P. da Silva, e foram poetas inspirados.

Naturalistas distinctos foram Mutis e Caldas. Fóra da patria, distinguiram-se André Bello, de Caracas, o poeta dramatico Garcia de Quevedo, Baralt, autor de um dicionario da lingua castelhana, e os dois granadinos Samper e Torres Caiceros.

Na Venezuela, Dominici foi commercialista distincto, Seijas escreveu — "El Derecho internacional hispano-americano", Alejandro Pietri publicou em 1916 — "ElCodigo Civil de Venezuela".

Não esqueceremos o nome do eminente Cesar Rivas.

O autor da "Virgen do Sol", o equatoriano Juan Leon Mera, foi poeta inspirado. (1) Acima de todos, porém, o insigne Vargas Vila, o autor maravilhoso de "Los divinos y los humanos", "Los Césares", "Verbo", "La Simiente", e tantas outras obras incomparaveis pela eloquencia e vigor do estylo.

Foi com razão que Bogotá foi denominada a "Athenas da America do Sul".

O distincto escriptor D. Edmundo Gutiérrez, que ha annos nos deu a honra de sua visita, dissertou longamente sobre o movimento in-

(1) Para ter-se uma idéa da poesia de Venezuela, veja-se o "Estudio sobre la poesia lirica en Venezuela, su progreso y estado actual", do Gal. Pedro Arismendi Brito.

Notemos, além dos venezuelanos enumerados por P. da Silva, Cecilio Acorta, Arismendi Brito, Benavilles Ponce, Rufino Blanco, Fombona, Calcano, Churión, Martin, Marin, Bonaldé, Guaicaipuro Parodo, Pimentel Coronel, Potentini, Rocamonde, Romanace, Tejera, Abandero. Pesquera, Sor Maria Josefa de los Angeles (Paz del Castillo) e Polita de Lima, as principaes figuras do Parnaso Venezuelano.



tellectual de sua patria, dizendo em magnifico discurso pronunciado em a nossa Faculdade de Direito: "Na minha patria ha tambem uma mocidade, como a vossa. Tem as mesmas aspirações de liberdade e os mesmos arroubos de independencia. Conhecel-a é amal-a. Por que não dareis um passo para ella, reunindo os vossos sonhos de jovens, os vossos ideaes de patriotas?" (A citação é feita de cór).

O Equador tem uma revista, "La Revista Científica y Literaria", da Universidade de Azuay, Cuenca, que attesta o adiantamento de tão progressista terra. Entre os actuaes poetas do Equador são dignos de nota: D. Remigio Crespo, "lirismo y grandiloquencia"; D. Miguel Moreno, "Sencilles y ternura"; D. Honorato Vásquez, "Ingenuidad y sentimiento". Jurisconsultos equatorianos são: D. Félix Chacon, notavel mestre, fallecido ha pouco; D. Moisés Arteaga, Decano da Universidade de Azuay; D. Julio Torres, civilista; D. Tomás Carrión, constitucionalista; D. Gonzalo Cordenó, internacionalista. (1)

X. E a Bolivia?

O insigne historiador Pereira da Silva affirmou erradamente que não existe na Bolivia nenhum movimento intellectual, a não ser uma ou outra poesia solta de Bustamante ou Cortez. Por isso, em vez de indicarmos um ou outro escriptor e qual foi o progresso mental do povo, como até agora fizemos, vamos tentar um estudo mais particularizado da literatura boliviana. Diz muito bem D. José Domingo Cortes que "Bolivia, que entre las republicas Sud-americanas ocupa un distinguido lugar, no quedó atras en el camión del progreso que sus hermanos empesaron a recorrer". O Parnaso Boliviano é un monumento de gloria para sus hijos, de honra para la Literatura de la America Española!"

Vejamos os seus poetas. Mercedes Blizu de Dorado, de La Paz, poetisa encantadora. Traduziu poesias de Victor Hugo, Lamartine e Shakespeare. Benjamin Blanco, de Cochabamba, autor de "Maria concebida sin mancha", jornalista distincto e inspirado poeta. Foi quem escreveu a bella poesia "La Union Americana". Disse:

"El Angel de los siglos de pié sobre los Andes
Custodia los destinos del mundo de Colon;
Las ayes abatidas, serán naciones grandes,
Quando se abracen en fraternal Union."

Ricardo José Bustamante foi o primeiro dos poetas bolivianos. Daniel Calvo, Daniel Campos, Manuel José Cortes, J. Delgadillos Nestor Galindo, que muito influíu na literatura boliviana, Francisco del Granado, Lucas J. Jaimes, escriptor original e chistoso, Benjamin Lens, jornalista e dramaturgo, Santos Machicaco, Maria Josepha Mujia, a melancólica poetisa que nos lembra as harpas éclicas das lendas antigas, Andrade y Portugal, autor de "Versificacion castellana", Q. Quevedo, prosador, poeta, diplomata e militar, Julio Que-

(1) O escriptor venezuelano R. Blanco Fombona acaba de publicar um volume de ensaios biographicos sobre "Grandes escriptores da America", estudando — Andrés Bello, Sarmiento, Hostos, Montalvo e G. Prada. Um estudo critico sobre tão importante trabalho foi feito no "Estado de S. Paulo", pelo illustre Oliveira Lima.

vedo, Ramalho, F. Reyes, que escreveu uma introdução ao estudo do Direito, Ramon Rosquellas, Manuel Tovar, Luis Zalles, revolucionario e festivo; foram todos poetas distinctos.

Interessa-nos principalmente o distincto poeta Luis Pablo Rosquellas, nascido no Rio de Janeiro em 25 de Abril de 1823, portanto nosso patricio. Foi professor de Direito na Universidade de Sucre, Reitor do Collegio Junin, consul da Bolivia em Tacna e secretario da legação em Lima, tendo-se mais tarde dedicado á magistratura, onde "ha conquistado una indivisible reputación de honradez y de rectitud". Além de distincto poeta, era musico, reunindo pois todos os predicados do perfeito artista, que deve cultivar todos os sentimentos nobres e prazeres que elevam a alma e apuram o gosto. Vemos que a Bolivia tem produzido muito e que é falsa a affirmação de Pereira da Silva. Notemos, mais, Miranda e Rebolledo, juriscultos, Arguedas, distincto escriptor, e finalmente o mais illustre representante dos poetas bolivianos na actualidade, D. Tomás O' Connor d'Arlach, sobre cujos trabalhos escreverei um artigo minucioso, dentro em breve.

Antes de terminarmos a nossa noticia sobre a Bolivia, lembremos que a 9 de Maio de 1918 tomou posse no Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros, como membro honorario, o ministro da Bolivia, Dr. D. José Carranco. O distincto jurisculto, após ser apresentado pelo eminente presidente do Instituto, Dr. Rodrigo Octavio, fez um bellissimo discurso sobre "O parlamentarismo e o presidencialismo". Falou em seguida o orador do Instituto Dr. Arthur Pinto da Rocha, que produziu uma monumental peça de eloquencia em purissimo hespanhol. Estes discursos vêm na "Revista Juridica", n. 29 — Maio — 1918. vol. X.

XI. O Mexico, victima de successivas revoluções, pouco se desenvolveu intellectualmente, alguns poetas mexicanos são comtudo dignos de menção: Pezado e G. Preto, lyricos; Calderon e Uchôa Cunha, dramaturgos, imitadores da escola hespanhola do sec. XXII. Manuel Acuña, Alfaro, Baz, Biancho, Manuel Carpio, que escreveu um soneto sobre Bonaparte, Caballero, Cosmes, Juan Covarrubias, Cuellar, Cuenca, Balbino Davalos, Salvador Dias Miron, Flores, Gutierrez Najera, Sor Juana Ines de la Cruz, Ituarte, Lizavirturri, Nervo, Olagubel, Peza, Peon Contreras, Silva, Tablada, Sora, Villabon, Zayas, são poetas que occupam um distincto logar no Parnaso mexicano. Superior a todos, porem, Ignacio Manuel Altanuiano, notavel como poeta inspirado e como destemido patriota. Lozano foi jurisculto de merito. Hoje o Mexico está em vias de grande progresso, devido ao seu desenvolvimento, do ponto de vista economico, acompanhado sempre do intellectual.

XII. Ainda temos de notar Cuba, que teve grandes poetas, mesmo quando colonia, distinguindo-se dentre elles Plácido (Gabriel de la Concepcion Valdés) fusilado, e Heredia, morto no exilio. Após José Maria Heredia, o cantor do Niágara, a poesia desenvolve-se extraordinariamente. O meio cubano, diz Adrian del Valle, é mui propicio para a poesia, pois "La poesia es belleza y amor y Cuba es tierra de bellezas y de amores". Contribuíram para o robustecimento da sua poesia: Brinas, Roldán, Turla, Tolón, Quintero, Díaz, Fajar-



do, Santacília, etc. Tem ainda: Joaquim Lorenzo Luaces, épico e tragico e Gertrudis G. de Avellaneda, "viril y robusta en sus composiciones, no obstante su condicion de mujer", Zenea, o bardo da revolução cubana, Adelaide Mármol, etc. Dos contemporaneos, Bonifacio Byrne é o mais varonil e apaixonado; Serafim Pichardo distingue-se pela fórma. Comtudo, "en el Parnaso cubano cuatro excelsas figuras resaltam sobre todas las demas, y son: José M. Heredia, Gabriel de C. Valdez ("Plácido), Gertrudis G. de Avellaneda y Joaquim Lorenzo Luaces" (Adrián del Valle).

Hoje Cuba progride extraordinariamente, o que é attestado pela sua magnifica revista "A Reforma Social", que tem artigos verdadeiramente notaveis.

XIII — Ainda ha a America Central.

Facil nos seria o estudo desta parte, visto o numero de obras escriptas a respeito.

Um trabalho verdadeiramente notavel e digno de leitura, sobre a America Central, é o de Dana G. Munro, "The five republics of Central America, New-York, 1918, edited by David Kinley, "Professor of Political Economy in the University of Illinois". As informações que dá são o fructo de demorados estudos e pacientes investigações, dignas de crédito e meditação, porque foram hauridas da experiencia e do estudo minucioso dos documentos. Ha ainda dignas de leitura as seguintes obras: Fortier, A, and Ficklen, J. R.: "Central America and Mexico", (vol. IX of G. C. Lee's History of North America", Philadelphia, 1907; Gómez Carillo, Augustin: "Estudio Historico de la America Central", — San Salvador, 1884; F. Guardia: "Historia de Costa Rica", San José, — 1905. José M. Moncada: "Cosas de Centro America", — Madrid — 1908; Zelaya: "La Revolucion de Nicaragua", Madrid—1910; "Government of Costa Rica":—"Revista de Costa Rica en el siglo XIX", San José, 1900. E assim muitos outros trabalhos de valor.

Próva da cultura da America Central foi o presidente de Costa Rica, D. Alfredo Gonzáles, o typo acabado do verdadeiro estadista. A sua monumental mensagem ao Congresso, de 1.º de Maio de 1916, é uma obra prima, que honraria qualquer paiz da Europa. Mas, o grande estadista Alfredo Gónzales, successor de Jiménez, querendo introduzir reformas financeiras, aliás notaveis, foi em 1917 deposto por um golpe de quartel, promovido por F. Tinoco, ministro da Guerra, que foi eleito presidente em 1.º de Abril de 1917. E' este o fim dos patriotas desinteressados! Nicaragua, a pequena republica de Nicaragua, conta numerosos e distinctos literatos. Rafael Montiel, zombeteiro, Alberto Ortiz, Octavio Rivas Ortiz, Rigoberto Gutierrez, o delicado autor de "Terebintos" e "Flores del Mal", o inspirado Luis Angel Villa, que procurou no suicidio descanso para seu coração (20 — Julho — 1906), Ramon Mayorga Rivas, Maldonado, Solon Argiello, Tijerino, Lino Argiello, Guerra, Aviles, Ortiz, Cabezas, Anselmo Sequeira, Morales, Medrano, Sucury Morales, Casco, S. Meza, Venegas, Bermudez, Barquero, Santiago Argiello, Modesto Paez, Flores, Solon Argiello, etc., são bellos ornamentos do Parnaso Nicaraguense.

Será necessario lembrarmos aqui o nome tão conhecido entre nós do inspirado poeta nicaraguense Ruben Dario ?



XIV — Visto o movimento intellectual da America do Sul e Central, digamos algo sobre a grande republica dos Estados Unidos da America do Norte.

A grande republica viveu de 1778 a 1821, sob o alimento intellectual dos periodicos, como nos ensina o cons. Pereira da Silva, o que é um mal.

No seculo XVIII, as possessões religiosas, que constituíam a America do Norte, produziram Benjamim Franklin, um dos maiores filhos daquelle grande paiz, e Jonathas Edwards. Em 1821 surge uma litteratura propriamente americana. Precursores do movimento foram: Washington Irvig e Fenimore Cooper. O primeiro é mais europeu em suas tendencias. Escreveu a "Excursão pelo Prado". F. Cooper é genuinamente americano. Channing foi philosopho. Story e Wheaton devem ser considerados grandes jurisconsultos. Como estes, têm os Estados Unidos escriptores numerosissimos e de grande mérito. Lembremos sómente Bryant e Edgard Poe, o satyrico Leland, o maravilhoso Lonfellow, o autor inspirado e mavioso de "Evangeline", Miss Beecher Stowe, a conhecida autora da "Cabana do Pae Thomaz", Mark Twin, "o representante mais reputado, mais genuino do humorismo americano", no dizer do eminente Oliveira Lima, Marion Crawford, o insigne John Fiske, o grande jurisconsulto Black, Clark, e tantos e tantos outros.

O grande escriptor patrio Oliveira Lima tem um interessantissimo capitulo, no seu magnifico trabalho sobre os Estados Unidos, digno de leitura e admiração. Faz observar o preclaro literato patrio que em todas as profissões ha cultores das letras, citando politicos escriptores em grande quantidade. Hoje o exemplo caracteristico seria o egregio Woodrow Wilson, um dos maiores escriptores do paiz que governa.

XV — Observemos, para terminar, que na America ainda existem possessões estrangeiras, que devemos libertar, e que nada podem produzir, porque o ambiente é hostile ás producções do espirito. A America para os Americanos !

XVI — Vimos, ainda que resumidissimamente, que grande tem sido a contribuição da America para o progresso intellectual da Humanidade. Trataremos depois, particularmente, da litteratura de cada um destes paizes e de alguns de seus vultos mais notaveis, Fiske, Emerson, Monroe, Zeballos, Ingenieros, N. Quezada, Armando Quezada, Ernesto Quezada, Sarmiento, Mitre, Rivadavia, d'Arlach, Wilson, etc.

Se grande e original é este movimento scientifico e literario na America, muito lucraremos com o intercambio intellectual com os paizes americanos. Mas, como realizar este intercambio, esta obra de aproximação, que tantas vantagens nos trará, segundo já mostramos?... A direcção desta obra deveria caber ao nosso governo. Este deveria seguir as lições da Sciencia da Administração e da Politica, procurando pelos meios indicados pelos Mestres approximar-nos dos nossos vizinhos, crear novas necessidades economicas, conquistando novos mercados, despertar a curiosidade mental, excitando o movimento o commercio de ideas. Mas... de nada disto se trata entre nós.

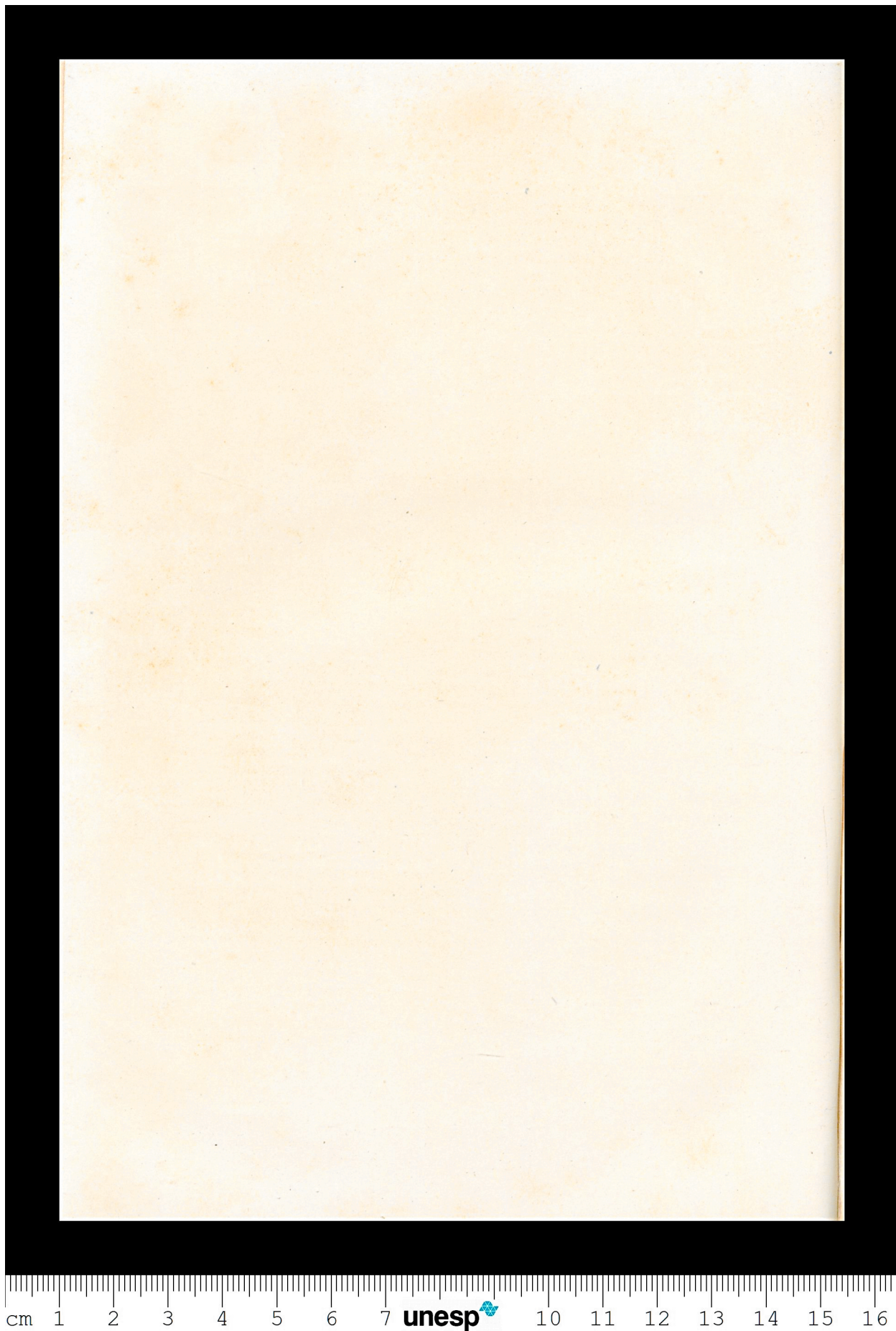


GALERIA DOS EDITADOS PELA "REVISTA DO BRASIL"



HILARIO TACITO

Autor da Mme. Pommery

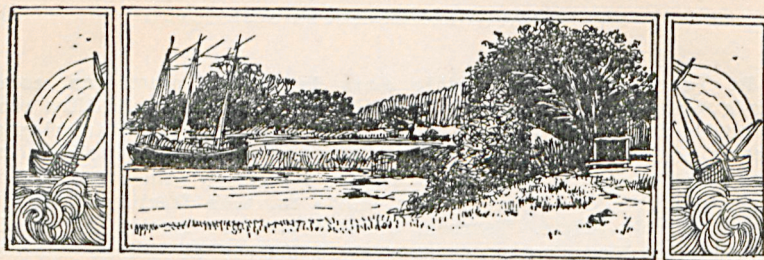


D. Pedro II teve uma visão clara da política americana, como ainda mostraremos. No seu reinado, fez o cons. Pereira da Silva conferências no Rio de Janeiro sobre historia da civilização americana. Depois de D. Pedro, quem soube comprehender a nossa política internacional foi o excelso Barão do Rio Branco, o genial patriota, o sempre lembrado brasileiro, cuja morte foi uma fatalidade para a nossa querida patria. Tambem o nosso preclaro mestre Dr. J. L. de Almeida Nogueira procurou sempre activar as nossas relações com os paizes sul-americanos, no que nem sempre foi bem comprehendido por espiritos mal illuminados. Hoje, ha um homem, a maior glória da America, aquelle que de Buenos-Aires falou ao mundo e cujo appello ergueu a America inteira contra os barbaros das margens do Rheno, o genial e extraordinario Ruy Barbosa, que poderia, á frente de nossos destinos, symbolizar o pensamento de nossa patria, servir de traço de união entre os povos americanos, ser a cabeça do Brasil e a cabeça da America, expressão mais completa da nossa cultura, da nossa civilização, dos nossos principios, fundar uma republica intellectual, a Republica das Letras Americanas, de que é o mais illustre representante, oppondo a uma civilização européa uma civilização americana, realizando a prophécia de Jorge Canning, de que elle mesmo, o maior dos homens vivos, nos fala, naquella monumental conferencia de Buenos-Aires: "Chamei á vida um novo mundo, para restabelecer o equilibrio do antigo". Mas o divino Ruy não dirige os nossos destinos, comquanto seja a expressão do pensamento nacional e o idolo de nossa idolatrada patria. Deverá caber esta missão aos intellectuaes, portanto. A Faculdade de Direito de São Paulo poderia tomar a iniciativa. Permutando a sua "Revista", permutando livros com as universidades americanas, favoreceria muito o nosso intercambio intellectual, concorrendo mais para a nossa approximação do que todas as "propagandas" de nossos "diplomatas". Obtendo do governo a impressão e distribuição de milhares de exemplares das obras de Ruy Barbosa, Affonso Celso ("Porque me ufano do meu paiz", principalmente), Alberto Torres, do inspirado Olavo Bilac, Euclides da Cunha, Teixeira de Freitas e Lafayette, que seriam enviadas aos intellectuaes dos paizes americanos, prestaria a nossa Faculdade de Direito um grande serviço ao Brasil, faria do nosso paiz uma magnifica propaganda com pouca despesa para elle. Fica o conselho dado aos illustres mestres da nossa Faculdade.

Sigam-no, os que trabalham para a grandeza de nossa patria, para que se realize a vocação do nosso continente, que "se orienta en el sentido de tratar de asumir la iniciativa, y de contribuir da manera influyente a la constitucion del nueve systema de vida internacional, por la asociación o aproximación de las naciones, mediante um régimen que substituya la ley de la guerra por la de la justicia. No se evita la guerra preparando la guerra. No se obtiene la paz sino preparando la paz". "Si vis pacem para pacem", como doutrinou o Mestre dos Mestres, o nosso orgulho, o nosso mais lido padrão de gloria, Ruy Barbosa.

S. Paulo.





A NOSSA EVOLUÇÃO

POR CARLOS DE LEMOS

O Autor procura tracejar, com plena independencia de espirito, as grandes linhas da evolução nacional, pondo em relevo o que ella tem de peculiar e inconfundivel, como phenomeno a certos respeitoes sem similares, e de tudo deduz uma lição de confiança no futuro.

N^o avaliar-se a maravilhosa organização economica de que tanto os Estados Unidos se envaidecem, ao cabo desses cento e alguns annos de independencia, costuma-se a tirar, em confronto de um caso que é o inverso do outro, illações que nos são impiedosamente deprimentes. Se quizermos emparelhal-os — argumentam os novos exegetas da economia politica — havemos de primeiro resarcir as vantagens desses cincoenta annos perdidiços, para ao depois mantermos com elles a mesma dianteira.

O confronto é a todo ponto descabido. Não ha comparar entre povos cujas directrizes historicas se nortearam por outros caminhos, através de condições diversas, sob divesas fórmãs, factos economicos que isoladamente pouco ou nada adiantam, e só em conjuncto se exprimem, dadas as relações de equivalencia, senão ainda de correlação que entre si apresentam os phenomenos do que é, afinal, em duas palavras, o metabolismo cerebral das nações.

A evolução economica de um povo é, sobretudo, uma operação final de consolidação politica. Não se desencanta. Quer dizer: não se improvisa. Requer a convergencia de todos as funções, a cooperação de todas as actividades, a equivalencia de todas as forças. Resulta, ao termo de um aturado trabalho de coordenação geral, do proprio aqueitamento de certas necessidades biologicas essenciaes, que levam o homem a tirar da terra a mantença da vida. Vem aos poucos, paulatinamente, de par com o evolver das condições ao mesmo passo sociaes e politicas em que o Estado se funda, o affluxo das correntes immigratorias redentoras do sangue corrompido nas consanguinidades degeneradoras, o desbravamento dos sertões doentes, as medidas administrativas com que se aclimatam, medram, e sedentarisam as culturas, os creditos agricolas, a prophylaxia contra

as epizootias, as leis, os actos, os regulamentos, por meio dos quaes se assiste a producção, protegem-se as industrias, nobilita-se o trabalho.

O nosso caso só se estuda de Historia na mão. Não representa, entre os com que ella se constitue, a lei geral dos seus phenomenos. E' porventura o unico em que uma nação historica, desattendendo ás mais vagas noções de colonisação que já então existiam, reduz a uns simples artigos de código penal uma obra complexa de dominio.

Porque para Portugal, o Brasil não passava de uma vastíssima mina de ouro que lhe era mister presidir, mantendo pela linha littoral que o demarcava, a sentinela avançada das suas galeras descobridoras. No extrair o minerio estonteador condensaram-se, por tres seculos a fio, as maiores preocupações da metropole. A sua traça fôra, invertidamente, explorar as riquezas auríferas, sem de antemão povoar o territorio. Ao cabo de trezentos annos de dominio, a colonia evidenciava, em uma ou duas culturas exercidas por miseros cativos oriundos da Africa, a acção civilisadoa da metropole. Não tinhamos ensino technico profissional, não tinhamos industrias, não tinhamos raça. Nem colonisação ao menos. No esmaniado abandono em que nos encontravamos, apenas alguns missionarios christãos atacavam pelos sertões a dentro, a barbaria primigenia. O mais era um cercear, nunca visto, de ansias libertadoras...

A' luz dos documentos com que hoje se justificam as nossas vicissitudes evolutivas, a obra colonisadora portugueza, com o seu fito hereditario de travar o desenvolvimento da colonia, chega a ser paradoxal e antinomica. Não se pode dizer que ella fosse, por excellencia, colonisadora, ou attribuir-lhe fins civilisadores. Quanto muito foi mercantil e gananciosa. Examinando-a verifica-se que, em nenhum dos seus actos, reflectiu essas preocupações superiores, características da colonisação britanica ou franceza, nem tão pouco chegou a revelar-se, pelos processos que gerou, uma missão eminentemente social, onde as medidas administrativas houvessem se associado ás politicas, para concertarem a colonia na communhão moral da metropole. Portugal agiu, sem olhar para o futuro, visando pingues effeitos immediatos e tão só uteis á realleza.

Querendo evitar a emancipação politica da colonia germinou-lh'a de prompto. Favoreceu-lhe ao contrario, a explosão do espirito nativista. Despertou-lhe, ao revéz, a noção adiantada de independencia. Precipitou-lhe, ás avessas, os surtos revolucionarios. Recrudescceu-lhe, por fim, a preocupação absorvente de servidão, que não se contenta menos que com ter livre, com lhe prohibir as mais inoffensivas recreações espirituaes, desde o entretenimento de typographias, que todas, por varias veses, foram sequestradas e queimadas, até ao das industrias, tudo sob o derisorio pretexto de que com ellas ficariam "os habitantes totalmente independentes da metropole" pelo que era "de absoluta necessidade acabar com todas as fabricas e manufacturas do Brasil". Sobre escravisal-a não lhe propiciou o fluxo de correntes emigratorias, por intermedio das quaes tentasse, num lance para a posteridade, o povoamento normal da terra. Condemnou-a a homisiar algumas récuas de criminosos degredados, uma ou duas maltas de foragidos politicos, tres ou quatro córjas de aventureiros desalmados e mil e um africanos consignados aos entrepostos reaes para mercancia.

Com os Estados Unidos os aspectos são outros. Outras lhe são as condições. Não foi assim que viveram os seus annos de colonia. As colonias inglezas não soffreram a clausula isolante, com que a metropole nos sequestrou da civilisação, condemnando-nos a prolongar.



por alguns seculos a mais, o entorpecimento milenar em que nos encontrara. Não atravessaram, indemnes na bruteza hirta de que vinhamos refertos, esses tresentos annos de penitenciaría. Não as insularam as medidas mais duras que se registam, para o tolher á terra angustiada os seus ansejos de vida. Arrosteavam o solo. Commerciavam com os povos. Viviam na civilisação.

Já ao começo do seculo desasete os settlers usufruiam das mais adiantadas prerogativas da liberdade britannica: tinham a propriedade assegurada, mantinham a instituição do jury, applicavam a outra nobilissima do "habeas-corpus". Em 1790 — quando ainda eramos um ajuntamento ignobil — a republica americana contava quatro milhões de habitantes. Por volta de 1800 registrava-lhe o censo cinco milhões. Nova York em 1697 continha uma população avaliada em quatro mil habitantes. De vinte e tres mil era ella em 1774. A mais de trinta mil foi ella em 1790. O seu desenvolvimento começou, assim, da descoberta das suas trese colonias. E' uma evolução, ainda que lhe occorresse a guerra da separação, integral e continua.

Nós... nós só ás portas da Independencia, á chegada de D. João VI a estas plagas que lhe foram de salvamento, é que iniciamos o surto evolutivo que tentavamos, tres seculos quasi ao em pós do descobrimento, por um conjuncto de circumstancias em que os factores sociaes pouco influiram, e as razões de familia melhor predominaram, consummando a breve trecho de uma desavença, ja de si mesmo entendida entre pai e filho que por instantes se desadaram. o advento de um facto politico porventura procrastinavel, mas contra cuja finalidade não havia arremetter mais.

Nesse aparallelo o nosso progresso com ser vasto e continuo não nos envergonha. Conforta-nos e ennobrece-nos. E' obra quasi exclusiva da nossa gente. N'elle reproduzem-se, com admiravel exacção, aquellas energias representativas das raças, que, por seus feitos valerosos, se cognominaram historicas.

Ante as difficuldades que se antepuzeram ao nosso caminhamento, os esforços que empregamos pelas vencer são tão nossos, tão nossos elles são, que não admittem comparações. A ingencia do nosso trabalho constructor está precisamente nisso, em saber vencer obstaculos que, pela sua colossalidade, ás vezes, nos filiam á categoria de sonhadores, e, quasi sempre, desconcertam os nossos xenophilos mais intransigentes. Essa capacidade omnimoda de solver com uma peculiaridade toda nacional os problemas que á observação usual parecem insolúveis, caracteriza tão perfeitamente o nosso modo de ser psychico, que não raro a imaginamos objectivada no celebre dedo indice de Deus, a voltar-se, sem treguas, para o nosso lado.

Não ha exemplo de nacionalidade que realisasse a sua emancipação politica, tal como nós a realisamos e conservamos ao deante. Nem ha exemplo de com uma sutura politica como a de que se apropriou a Regencia criar-se, sem a preexistencia da nacionalidade, a propria nacionalidade. E sem o vinculo das tradições viver-se dois imperios, e penetrar-se, logicamente, pela republica, trazendo-se alguns problemas — os maiores — solvidos, outros meio resolvidos, e todos mais ou menos atacados. Se algumas resistencias surgiram, retardando a obra da organização nacional, é que estava no proprio nexo das cousas o obter-se o equilibrio por mera assimilação funcional, numa longa manifestação de actividade, ás expensas do funcionamento geral de todos os órgãos.

A nacionalidade provocada a meio da sua elaboração, por uma "elite" de homens excepçionaes, que surgiram, providenciaes, maiores



do que os "Aises" com que arremeteram só havia de constituir-se funcionando. Os hábitos de que necessitavamos para adquirir a espontaneidade dos actos em que os seres organisados vasam a synthese maravilhosa da vida, esses não os alcançariamos senão sob pressão, sujeitando o nosso bravo "hypersoario" áquellas fórmulas sicias, que, até serem comprehendidas, haviam por certo de irritar o plasma a cujo miclo se transsubstanciara toda nossa existencia colonial. Os ruídos que, ás vezes, quebraram o rythmo de nosso trabalho constructor, não eram senão os da sua propria consolidação d'elle.

A começar do trabalho agrario em cuja hierarchia moral o homem só pode encontrar motivo para o exaltar, até ás relações mais elevadas da ordem social e ás noções mais altas do dever tudo nos invertera a metropole, gerando-nos uma situação onde os problemas não obteriam, em outras mãos, soluções mais convenientes do que as que com as nossas lhe preopinamos sob a égide do tempo.

Os nossos problemas — entendamo-nos — não terem equivalentes historicos. São originaes. Não comportam previsões. Hão de resolver-se tal como no tempo se criaram, sem precipitações. Nelles se constata a observação de que soffremos os efeitos de uma mesma especie de causas a cuja especificidade se pode adstringir a variedade em que se manifestam. Todas originam-se em essencia dos desgovernos da metropole: são cousas que o tempo logarithmisou em efeitos, que se á origem pouco valiam, agora dominam com tal magnitude, que para se extinguirem, tanto ha mister do agir como do esperar.

Porque tudo, entre nós, é reacção. Reacção em todos os sentidos, contra todas as fórmulas de existencia. Estamos a adquirir hábitos que não tinhamos, elementos de convicção que nos faltaram para praticarmos a patria. Vivemos a combater o passado que nos legou uma hereditariedade em que ha mais sacrificios do que glorias. Progredir é, para nós, tão somente lutar. Lutar contra a inercia de uma translação inicial invertida, e lutar ainda pela penitencia da translação verdadeira. Mas temos avançado sempre.

Não exageramos.

O nosso povoamento ahi está. Como quer que o tomemos, o que elle é devemos a nós mesmos. Esse incomprehendido coefficiente demographico, eterno argumento e estribilho predilecto dos que levam a cantar a nossa incapacidade nacional, é, ao revés, a prova da nossa capacidade. Em menos de cem annos povoamos a frente de um deserto, e empregamos os trabalhos necessarios para o povoamento do seu fundo. Os nossos destinos demographicos, não se aquilatam á luz daquelles algarismos, cuja traducção verbal está em dizer-se que não somos tres brasileiros por kilometro quadrado. Estão inviolavelmente garantidos por leis naturaes que não se torcem, as leis anthropogeographicas, instituidas por Frederico Ratzel, para a propagação das correntes humanas, e de parceria com as quaes se vê sobre a carta geographica, salpintada de pontos a longos espaços separados, a condensação brasileira do futuro.

Não devemos esquecer que as primeiras linhas para a colonisação normal do nosso territorio foram gisadas entre lances de epopéa, pelos nossos bandeirantes audazes. A colonisação normal só começou de realisar-se em 1825, com os primeiros prussianos, que, abandonando-se em Desterro, constituiriam mais tarde, agora pela frouxidão de nossos estadistas, o perigo allemão. Quer dizer: a nossa colonisação nem tem um seculo ainda! O coefficiente demographico de tres brasileiros por kilometro quadrado é, perfeitamente, normal! Nada tem de estranhavel. Não se povoaram mais depressa as terras virgens de outros continentes.



Além disso o nosso crescimento médio é outra prova da nossa capacidade, a mais certa de quantos hajam para se demonstrar que temos o direito de viver.

Tomando-se, por exemplo, a cidade do Rio de Janeiro que em 1821 contava cerca de cem mil habitantes, e subttendo-se-lhe as taxas de crescimento, obtidas no sexennio de 1906 a 1912, onde a população lhe subiu a quasi um milhão de habitantes, ao calculo de ambas essas formulas classicas por meio dos quaes se avalia o crescimento das nações, verifica-se que, com a arithmetica, a população da capital se achará dentro em trinta annos duplicada com a geometrica, em vinte e tres, isto é, quer num, quer em outro caso, a população lhe irá a dois milhões de habitantes, o que é altamente expressivo se levarmos em conta que as capitaes da Europa ha dois mil annos existem.

Ha um seculo eramos quasi selvagens. As nossas cidades, extendendo-se rudimentares nas suas construcções, pelas fraldas dos morros, estadeavam a primitividade da nossa vida social e politica. Pelos nossos sertões a barbaria recrudesca alarmando os nucleos do povoamento incipiente. Não lhes cortavam a amplitude desmesurada, estradas de ferro ou de rodagens.

O Rio era uma luxuriante feira de escravos, onde elles pululavam semi-nús, vendendo pes de moleques e amendoim torrado, que traziam á cabeça, em bandejas de folha, ou dentro de samburás cobertos com folhas frescas de bananeira, colhidos alli ao pé...

Um seculo depois surgimos transfigurados. O esforço brasileiro, livre das garras que o torturavam, começou de agir. E deu ao deante passadas gigantescas.

Para se comprehender a nossa evolução ha de attender-se ás circumstancias em derredor das quaes ella produziu-se.

Não a remontaremos á colonia, ou não lhe deferiremos as origens a esse periodo, onde as manifestações que por vezes lhe irromperam, foram ao nascedouro suffocadas. Na colonia as nossas passadas tinham interrupções de seculos. Faltava-lhes continuidade. Era uma marcha funambulesca, imagem inambulatoria de caranguejo e kágado que se tivessem associado num só organismo para desfastio da humanidade. E' da Independencia que vem todo o nosso esforço, o nosso desenvolvimento todo. Porque só então manifestamos no complexo das nossas actividades, coordenação e continuidade. Como resultado de trabalhos realísado em menos de cem annos — o maior propulsor do progresso só em 1852 irrompeu-nos na via ferrea — desperta uma exclamação quasi de espanto!

A nossa terra está hoje produzindo, criando e commerciando numa escala tão prodigiosa, que os nossos coefficients economicos, que eram o desassossego de estadistas menos responsaveis, já entravam a pesar na balança em que se está a aferir dos novos valores do mundo.

O seculo XX, disse-o Leroy-Beaulieu, de lapis em punho, deduzindo entre numeros vertiginosos e curvas caprichosas, rijamente: "semble promettre à l'Amerique latine un developpement égal à celui que le X.e siecle a apporté à l'Amerique de langue anglaise."

A previsão do economista celebre, mal admittida ha dez annos, quando a concebeu, realisa-se com a exactitude de uma lei geometrica.

Havia de ser isso mesmo.

A' medida que as nações caminham, os accrescimos que as animam tornam-se em cada instante tão successivamente volumosos, que acabam por se reproduzir, como na serie de uma progressão geometrica crescente, onde os termos augmentando na relação do precedente multiplicado pela razão, vão, assim, se succedendo, em acce-



scimos cada vez maiores, entre numeros cada vez mais elevados, em cada instante qual a qual mais vultoso. Ao começo, os accrescimos evolutivos, por tão enfiados que sempre são, escapam ao nosso apercebimento immediato. Vão, porem, aos poucos augmentando, e, para certos estadios avançados, exprimem-nos em instantes o trabalho muitas vezes de seculos.

O Brasil está no ponto em que os acrescimos do seu desenvolvimento podem adquirir, em pouco tempo, os aspectos de uma transfiguração assombrosa.

Os problemas vitais de cuja solução lhe dependem as passadas ultteriores, se já não se acham resolvidos, o estão sendo com esmerada attenção. Os campos entram a criar e a produzir. As sementeiras, varias em especie, levam a boa medrança. Industrias desenvolvem-se celeremente, ensaiando a conquista dos mercados estrangeiros. Pelo territorio a dentro alargam-se, não raro por entre mil difficuldades que mais as valorisam, novas vias ferreas. Explora-se o carvão de pedra. Decanta-se o ferro. A medicina em acção combate o mal dos nossos sertões doentes. Contra a chronicidade do analfabetismo levanta-se a nação inteira. A iniciativa particular, corporificando-se em actos prodigiosos, vai abrangendo o campo de todas as actividades nacionaes. Ha uma finalidade gigantesca no fio desse progresso enorme.

O Estado, porem, tem deveres que não pode protelar ou esquecer, tanto mais agora que o mundo nelle vê o propulsor maximo da grandeza das nações. Ao lado da acção directora deve o Estado agir coercitivamente. Agir no sentido de dirigir a collectividade. Cohibir e punir, no de premuni-la. Na situação em que estamos tanto mister ha de uma, como de outra. Estamos no ponto colloidal em que procuramos as ultimos fórmulas que hão de consubstanciar a nossa estrutura nacional. Quer physicamente, quer social ou politicamente, somos um immenso laboratorio anthropologico, uma immensa retorta onde ultimamos a nossa formação brasileira, adquirindo, pela via mendeliana, os attributos de uma estabilidade que agora ainda nos faltam. Estamos a sair da homogeneidade confusa para a heterogeneidade coordenada. Estamos a entrar pelo terreno da organização, deixando o individualismo. As reacções em que o nosso organismo vai abundando o indicam claramente. Começa de exigir-se certa especie de homens que desappareceram do nosso scenario, como tipos anormaes que eram na epoca em que surgiram... E essas reacções significam virilidade. E' o signal mais evidente de uma manifestação collectiva em marcha.

Mas o nosso desenvolvimento, como quer que o encaremos, é uma realidade palpitante. E o será mais quando houvermos de substituir o caniço de Anatole pelo tridente de Neptuno.

Curitiba.





O CAMBARÁ E A RECONSTITUIÇÃO DAS MATAS

POR P. PACHECO E SILVA

Temos aqui um estudo original e que pode vir a ser muito proveitoso, sobre a possibilidade de se utilizar certa especie vegetal na solução do problema, cada vez mais serio, da reconstituição das nossas matas devastadas, — problema acerca do qual, seja dito de passagem, quasi nada de pratico temos feito, á espera, talvez, de que elle comece a impôr-se pela intimação apavorante dos desastres...

Já devemos esperar que o leitor, ao passar os olhos pelo titulo deste artigo, indague mentalmente, antes de proseguir, se a planta designada para realizar essa obra reparadora, de interesse vital á nossa terra, é aquella mesma arvore, que de espaço a espaço, encontramos á borda das velhas estradas com o seu tronco obliquo e tortuoso, sustentando desordenada galharia, em completo dessacôrdo com as leis da esthetica e do equilibrio. Pois não é outra, nos apressamos em responder, senão o proprio Cambará, o relegado de campos sáfaros, o mal visto denunciador de terras imprestaveis. Mas que importa tudo isso, se, sob esse aspecto enganador, elle occulta qualidades que o collocam em plano superior, entre os succedaneos das nossas madeiras de lei, que se vão acabando?

Antes, porém, de mencionar as qualidades que tornam o Cambará recomendavel, temos que procurar elucidar um ponto controverso, relativo á sua classificação botanica, para se desfazer a confusão existente entre as suas diversas especies e a verdadeira *Candeia*.

Tendo-nos interessado pelo Cambará como madeira de utilidade, e como uma planta que espontaneamente vae concorrendo para o reflorestamento das terras de cultura já exgotadas e de pastagens abandonadas, procuramos indentificá-lo com a sua verdadeira nomenclatura botanica, visto que, neste caso, a denominação vulgar representa um valor muito secundario. Com esse fim, consultando as obras ao nosso alcance, encontramos na Familia das Compostas, sobretudo nos generos "*Vanillosmopsis*", "*Vernonia*" e "*Piptocarpha*", diversas classificações botanicas do Cambará, porem entre elles acham-se duas, a "*Piptocarpha rotundifolia*", Bakir,

e a *Vanillosmopsis erythropappa*, Schultz-Bip., a que alguns autores, em vez do nome *Cambará*, dão o de *Candeia*, de modo que, o *Cambará* de um, é a *candeia* de outro e vice-versa. Também com a denominação *Candeia* ou *acendecandeia*, encontramos uma outra árvore, classificada como uma *Lychnophora* (sem declarar a espécie), árvore, cujos galhos, diz um dos autores, "accendem mesmo verdes, dando uma luz muito clara e forte" e, diz outro, "contém muito óleo e arde como um archote". Ora, a *Lychnophora* (do gr. *lukhnos*, *larpada*, *archote*) é justamente o genero da *L. ericoide* de Martius — a *Candeia* do Brasil —, arbusto proprio das regiões diamantinas, e que segundo a *Flora Brasiliensis*, não possui nenhuma forma arborecente em suas 17 espécies.

Não podendo ser maior o nosso embaraço perante essa discordancia de classificação e confusa synonymia, tivemos, sendo inteiramente leigos na materia, que appellar para a competencia do conhecido professor de botanica e tecnico da Directoria de Agricultura Sr. G. Edwall, que mui pacientemente se prestou a examinar o exemplar que lhe apresentamos, identificando-o com a *Vanillosmopsis erythropappa*, Schultz-Bip., Fam. das Compostas — *Cambará* —, a mesma que se acha entre as duas espécies que acabamos de citar como recebendo em suas diferentes classificações, ora um ora outro desses dois nomes em questão.

Mas qual a origem da confusão em que andam constantemente envolvidos esses dois nomes, como se fossem de plantas quasi identicas? Julgamos tê-la encontrado na correlação dos phenomenos igneos, proprios de cada uma dellas: a *Candeia*, o arbusto, como o seu nome está indicando, arde facilmente, mesmo verde; a nossa árvore campestre, o *Cambará*, ao contrario, "dá fogo", quando se fere a casca da árvore com um instrumento cortante, "fazendo uma fumaça que preteja o aço do machado". dizem os nossos caipiras. Esse phenomeno que nem sempre se pôde observar, é relatado por pessoas veridicas que o comparam com uma espécie de explosão, como a de uma pitada de polvora que se inflamma.

D'ahi lhe veio provavelmente a denominação de "Accende *Candeia*", que já vimos empregado, e por abreviatura, simplesmente "*Candeia*", o que terá dado causa a todas as confusões.

Casos como estes e outros semelhantes devem ser a causa de muitas informações erroneas de que são victimas os que e dedicam a trabalhos desta ordem, na dependencia em que estão da gente da roça, para a obtenção dos nomes vulgares das plantas, variaveis ao infinito.

Podemos ainda acrescentar que, nas pesquisas que fizemos para a elucidación deste caso, também encontramos referencias a outras plantas com o nome de *Candeia*: *Vernonia nocroboracensis*, na America do Norte; *Chrysobolanus ardens*, a "*Candeia* das Alagoas", da familia das Rasaceas; também se chamam *candeias* varias espécies de plantas da familia das Lichenaceas (*cladonia*), que se encontram nas restingas do Rio de Janeiro, e também uma árvore da familia das Myrsinaceas, que se encontram na Serra do Mar.

Desta succinta exposição em que, para não tornal-a mais longa e fastidiosa, deixamos de transcrever detalhadamente as classificações botanicas de Löfgren e Everett e as mencionadas nos escriptos sobre madeiras do Estado e no "Índice das Madeiras do Brasil", etc., as quaes nos temos referido, e baseados no testemunho dos conhecedores da nossa flora, devemos concluir que as denominações — *Candeia*, *accende Candeia* e outras semelhantes, empregadas geralmente para designar algumas das nossas arvores campestres, referem-se as espécies ou variedades de *Cambará*, mesmo porque, a verdadeira *Candeia*, além de ser um arbusto, não existente em São Paulo, a não ser nalguma zona limitrophe com



Minas, segundo se deduz de uma referencia de Lund sobre a sua existencia nos campos arenosos entre Alegre e Pindahyba.

O Cambará é uma arvore conhecida em outros Estados, principalmente em Minas, mencionando a "Flora Brasiliensis" até os logares em que a *V. erythropappa* é encontrada nas mattas (*silvis*); tambem o General Rondon, em sua última conferencia mencionou entre as madeiras de cerne indestructivel, existentes nos cerrados de Matto Grosso.

Aqui em nosso Estado é elle conhecido sómente como arvore campestre, não existindo nas mattas propriamente ditas, como em Minas; porém agora elle já vae invadindo outras zonas, formando capoeiras, sendo mesmo encontrado em capoeirões mais novos, mui raramente nos mais antigos, e nunca na matta virgem. Donde elle partiu para invadir essas terras é que não sabemos, — se dos nossos proprios campos e cerrados ou se tambem dos Estados vizinhos, tendo sido, nesse caso, propagado desde o tempo dos bandeirantes, principalmente pelas tropas e boiadas que transitam pelas grandes estradas de penetração, onde as arvores dessa especie formam alas, alastrando-se pelos campos marginaes. As suas sementes, minusculas e adherentes, munidas de pel'os, pôdem ser facilmente transportadas por esse meio ou pelo vento, mais demoradamente e por escalas, como por escalas, andando de campo em campo, nos vieram immigrantes de outras especies, taes como os passaros João de Barro e a codorna, que ha cincoenta annos aqui não existiam. No entretanto, é de admirar que, mesmo considerando-se o cambará como planta adventicia, sendo ella de facil propagação, sómente de alguns annos para cá tenha começado a concorrer espontaneamente para o reflorestamento das nossas terras, quando desde tempo immemorial elle deve ter existido nos sitios dweassados pelas estradas.

Aqui mesmo, nos arredores de São Pau'o, pôde-se observar a mesma cousa que na região central, em que se estabeleceram as antigas lavouras de café e de canna. O cambará nunca existiu aqui, a não ser nos lugares já mencionados, mas agora, vae ganhando terreno, visivelmente. Vemol-o ao longo das estradas que vão a Jundiahy, Atibaia, Guarulhos, etc., espalhando-se pelos campos margines, como em Guapira, aquem da Cantareira, e para além da serra, pelo Juquery a fóra, sem que nas mattas ou capoeiras da Cantareira, n'õ cortadas por essas estradas, exista um unico exemplar dessa planta. Em Juquery, o nosso primeiro povoado aberto no sertão, onde os Pires creavam gado e cultivavam trigo, existem bons capões de matto formados por essa arvore, de onde se extrahem postes de cerca que são vendidos em Sant'Anna a 12\$000 a duzia.

Antigamente, antes da devastação das mattas e do exgottamento das terras, essa propagação devia ser mais difficil, porque as sementes, muito leves e frageis, não podiam attingir o solo que uma basta vegetação cobria inteiramente, ou então eram suffocadas pelas plantas silvestres em seu rapido crescimento, em seguida ás queimadas. Só mais tarde, desbravada a terra, esteril, rapada nas cercanias dos pousos, ellas encontravam o terreno propicio para germinar. Aberta a porta de entrada, o cambará foi proseguindo o seu caminho; o resto vae correndo por conta da adaptação.

O facto da sua presença mais frequente nos mattos de formação mais nova e de preferéncia nos terrenos proximos ás velhas estradas e por ella em diante, são indicios evidentes não só da sua entrada por ali (talvez



antes que naturalistas o observassem) como da sua adaptação ao meio florestal em data relativamente recente. Quanto á sua ausencia nos capoeirões grossos, poder-se-ia objectar que o cambará pertence ao numero das plantas cuja adaptação não segue uma linha parallela á evolução do meio, succumbindo em caminho; isto é, neste caso, quando o capoeirão, assumindo maiores proporções, está prestes a confundir-se com a matta virgem. Sabe-se muito bem que existem plantas proprias de determinado periodo da evolução florestal; porém, se o cambará tivesse sempre existido em nossa região, incorporado ás plantas silvestres na formação das nossas mattas, como o vemos agora, e onde, se não vae avante, é por ter que ceder o logar ao mais apto, então, ao menos em algum capoeirão mesmo secu'ar, lá estaria o seu rijo cerne a attestar a sua existencia em tempos passados. Mas isto, affirmam velhos lavradores, nunca foi constatado.

Vejamos agora, pelas suas qualidades, as vantagens que póde offerecer a sua cultura.

O cambará, sob a fôrma de arvore campestre, como a conhecemos, é pouco desenvolvido, como todas as deste meio; o seu tronco é revestido de uma especie de cortiça pardacenta e rugosa e é muito provido de galhos; o liber é preto, com camadas levemente esbranquiçadas. A madeira, posto que compacta, é de talhe brando, de côr amarella clara com listas mais escuras. Presta-se a toda ordem de trabalhos, desde os mais grosseiros até as obras mais delicadas, como as de marcenaria, tanto que della se fabricam excellentes coronhas de espingarda. Do cambará, póde-se dizer em verdade, que é pau para toda a obra: para achas e postes de cerca de arame e de fios conductores de electricidade, estacas de embasamento, dormentes, estivas, linhas e tanchões de pontes, esteios e madeiramento de casas e outras obras de carpintaria e construcção naval. E' de facil propagação, prospéra nas terras mais pobres, resiste á geada e tambem ao fogo das queimadas, quando já tem o tronco revestido pela cortiça.

E' precoce, principalmente na formação do cerne, sendo esta uma qualidade rara, pois, sendo a sua madeira muito resistente, elle é uma excepção á regra — a rapidez do crescimento está na razão inversa da duração e densidade da madeira. Em exemplares de 10 centimetros de diametro, o cerne já é igual ao a burno; nos de 20 a 25, que se encontram nas capoeiras de 10 a 12 annos de formação, elle occupa tres quartas partes e quasi todo o tronco, quando este chega a attingir 40 e 50 centimetros de diametro; os renovos brotam abundantemente e com grande rapidez. Offerece grande resistencia ás intemperies e, principalmente, á acção corruptora do sub-solo. A sua durabilidade como madeira de chão é cousa proverbial. Onde é postado uma vez, ahi fica a desafiar o tempo: veja-se o que a seu respeito escreve o consagrado escriptor das "Cidades Mortas". Elle, (o isolador de fios telephonicos) immovel, lá ficará, attestando mudamente uma grandeza morta, até que decorram muitos decennios necessarios para que o relento consume o rijo poste de "candeia", ao qual amarraram um dia, no tempo feliz em que Ribeirão Preto era lá... E' tambem muito bom combustivel.

Com estas qualidades mencionadas: precocidade, resistencia, adaptação a qualquer terreno, ainda que escavado e sem humus, o cambará, devidamente cultivado, ainda poderá satisfazer a muita gente que deseja vêr as nossas estradas de rodagem arborisadas, resolvendo a questão praticamente, pois é el e mesmo que, collocando-se espontaneamente ao seu lado,



como a espera que se lhe bata o grampo das cercas marginaes, nos sugere a idéa de aproveitá-lo como postes vivos. Com o emprego de mudas de viveiro, aparadas á mesma altura e plantadas a distancia conveniente, ao longo das estradas e com adopção de um dispositivo ou de grampos especiaes, se poderá obter, ao mesmo tempo, uma bella arborisação e um fecho eterno.

Acostumados, porém, a ver o cambará ser empregado exclusivamente em obras grosseiras e no estado bruto, — porque, como se dá com as arvores dos campos, a insufficiencia de seu tronco não offerece cubagem de madeira necessaria para as obras de maior vulto, — não lhe temos dado a importancia que merece, sem pensarmos o que podemos tirar delle, transformando-o em arvore florestal.

Esse é, a nosso ver, o motivo unico do esquecimento em que jáz o cambará, como essencia digna de cultura.

Que o julguem incapaz de regeneração e aperfeiçoamento não o cremos. O que é então, e para que serve a cultura? Se o defeito do cambará é inherente ao meio inhospito em que vive, ao abandono, o remedio é facil, offereçamos-lhe outro mais propicio. Desde Lamarck se sabe que até as especies variam com a mudança do meio. De Candolle confessa na "Origem das plantas cultivadas" que, apesar das suas constantes pesquisas, não poudo encontrar muitas das especies dessas plantas que estudou, em seu estado espontaneo, isto é, selvagem, tal a transformação soffrida sob a influencia da cultura; e Darwin, fundado nessa e em outras razões, acredita que o pecegueiro provém da amendoeira, modificada e melhorada de maneira assombrosa. O professor francez G. Bonier, nas experiencias a que procedeu com plantas das planicies, transportadas para as altas montanhas, verificou entre muitas outras modificações, que essas plantas em geral se tornam anãs ou rasteiras pela perda do caule, e que, retornadas ao antigo meio, readquirem as qualidades perdidas, tomando a forma primitiva; sendo de notar que na readaptação ellas gastam o mesmo espaço de tempo que na adaptação.

Sob a influencia de novas condições ambientes, é o proprio Darwin quem diz, os organismos parecem tomar uma certa plasticidade, achando-nos então em presença de uma grande variedade fluctuante. Essa é a occasião propicia de o homem pôr em pratica o grande factor de aperfeiçoamento, procurando fixar, pe'a hereditariedade, as variedades que lhe são propicias, assim como a selecção natural faz para com as variedades que são uteis ao animal ou á planta.

Se com esses processos, hoje banaes, temos noticia diariamente de grandes modificações operadas nos organismos dos animaes e das plantas, como em relação a estas ainda ha pouco tivemos a prova com a transformação do espinhoso cactus em apreciavel planta forrageira, conseguida por um agronomo norte-americano, porque então não havemos de tentar a transformação do nosso cambará do campo em aproveitavel essencia florestal?

Não é preciso ser grande observador para notar a transformação que se dá nas arvores das mattas quando crescidas isoladamente, como acontece com as que orná as pastagens das nossas fazendas, sendo exmp'o frizante a tayuva e a figueira; inversamente, o mesmo phenomeno se reproduzirá com a arvore campestre transportada para o matto.

O que guia o crescimento da planta é a luz; isolada, banhada de sol por todos os lados, ella desenvolve-se tanto vertical como horizontalmente, com prejuizo do tronco, que é suplantado pelos galhos; reunidas naturalmente, como o são nas matas ou nas plantações florestaes, a sede



de luz obriga-as a alongarem o tronco para o unico ponto em que penetra o sol, dando-lhe consideravel desenvolvimento vertical, no que são ainda auxiliadas pelo anteparo mutuo que offerecem contra os ventos. Se a simples mudança de meio realisada pe'a cultura, não bastar, se não fôr sufficiente para conter a maioria rebelde ao novo regimen, temos então um recurso, que não falha — a selecção; se o "pau que nasce torto não endireita", façamol-o nascer direito.

Agora, principalmente, que a pecuaria se vae tornando um auxilio indispensavel á lavoura cafeeira, a cultura experimental de uma nova arvore, como o cambará, é mais que opportuna; o lavrador já não tem mais onde ir buscar material deste genero, necessario para a reforma das bemeitorias já existentes, quanto mais para a ampliação que tal associação requer. Esse é um dos motivos que o faz hesitar em lançar-se a essa industria accessoria, para elle salvadora.

Ignoramos se alguém já pensou ou intentou aproveitar o cambará na cultura florestal. O certo é que elle vae sendo olhado com interesse pelos pequenos lavradores, que, ao contrario do que fazem nas fazendas onde elle é catado pelas capoeiras, poupam-no quando fazem a limpeza do matto nas terras que adquirem. O viajante, de passagem pelas immediações de Rocinha ou de Vallinhos, pôde observar, ao redor das habitações, uns bosquezinhos que se vão formando por arvores todas eguaes, que no verão se cobrem de cachos de flores côr de palha e cujas folhas g'abras na face e no dorso argentas-tormentosas, dão-lhe um tom prateado luzente. E' o cambará que o previdente colono, agora proprietario, vae deixando crescer como preciosa reserva.

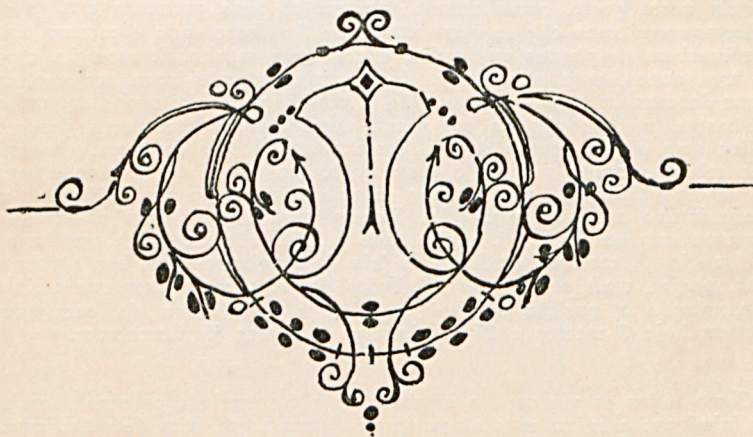
Pela nossa parte, reconhecendo tambem as suas preciosas qualidades, quizemos ver como elle se comportaria, se lhe fosse dado o mesmo trato que recebem as plantas cultivadas, e com esse intuito fizemos, ha cerca de tres annos, uma sementeira, donde transplatamos para um canteiro umas dezenas de mudas. O resultado, a principio, não foi muito animador: as hastes, muito delgadas em geral, apresentavam curvaturas desde o collo; mas, algum tempo depois, desse ponto, á flôr da terra, surgiram uns rebentos muito viçosos e rectos que, em pouco tempo suplantaram as hastes primitivas, que ficaram estacionarias como as do bambú no seu primeiro anno de plantação. Dessas vergontas, foram conservadas sómente uma em cada pé, sendo tudo o mais eliminado. O crescimento foi rapido. A maioria obedeceu ás leis do atavismo. Uma boa porcentagem, porém, mais sensivel ás condições do novo meio, manteve a linha, conservando a posição vertical perfeita, á semelhança do eucalyptus. Medem hoje 3 metros e 25 centimetros e alguns já floreceram.

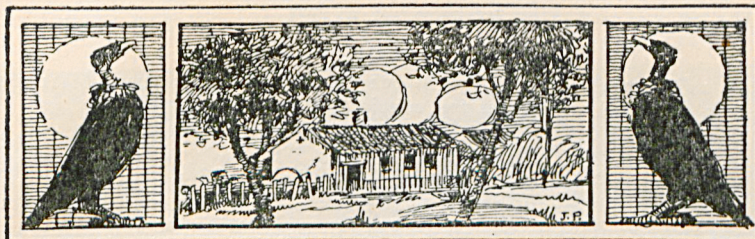
Como todos os viventes, o cambará deve ter tambem os seus parasitas e inimigos; a saúva só o ataca quando novo e em falta de outra cousa. Ha, porém um insecto que lhe produz "galhas" no botão terminal, ou onde elle deposita os ovos e se criam as larvas. Essa excrecencia limita o desenvolvimento vertical do tronco pela sua bifurcação; o remedio para reparar o mal é aparar a haste logo abaixo e deixar um dos ramos da sua parte superior que lhe sirva de guia e continuação. Este simples ensaio basta para provar que o cambará é susceptivel de aperfeiçoamento e mostrar a conveniencia que ha em submettel-o a uma cultura methodica, sob a direcção competente de especilistas que possam dar uma orientação segura aos que a queiram pôr em pratica, uma vez provada a sua viabilidade e vantagens.



Julgamos dever declarar, em tempo, que o simples facto de apontar uma essencia como digna de estudos, não importa em menosprezo de outras que vão sendo cultivadas, como, por exemplo, o eucalyptus, que já entrou em plena phase industrial, graças, sobretudo, á admiravel proficiencia com que foi emprehendida pela Companhia Pau'ista de Estradas de Ferro, que com as suas 7.800.000 arvores dessa especie, alcançou um successo bem digno de sua grandiosa iniciativa. Mais rustico, crescido ás soltas em seu meio agreste, o cambará, na verdade, precisa ser submettido á disciplina da cultura para poder apresentar-se condignamente ao lado dos seus altaneiros congeneres; mas nem por isso deve ser abandonado á sua sorte: precoce, sobrio, prolifero, resistente, elle offerece solidas garantias de successo em um tentamem d'essa ordem, ainda mais sendo elle quem vem espontaneamente ao nosso encontro, insinuando-se por toda parte onde ha um terreno vago, offerecendo-nos o seu auxilio para a reconquista de um patrimonio perdido, entregue á desoladora aridez que vai invadindo a nossa terra.

S. Paulo, Agosto de 1920.





DOCUMENTOS INEDITOS SOBRE A QUEDA DO GABINETE ITABORAHY

ANNOTADOS E PUBLICADOS POR JOSÉ WANDERLEY DE

ARAUJO PINHO (*)

DESDE a questão da fala do throno que o ministerio sentia faltar-lhe o unico apoio que mantinha de pé os gabinetes — a confiança da corôa.

Poucos dias depois dessa primeira crise escrevia Cotegepe a Rio Branco, que estava no Prata (15 de Maio de 70) :

Para mim é indubitavel que desapareceu a confiança mutua, e que, mais dias menos dias, por esta ou por outra questão, surgirá a crise suprema para o Gabinete.

Ainda a 20 de Maio, no protocollo que fez da crise relativa á escolha de senador por Minas, concluiu Cotegepe :

Do todo desta conferencia, resultou-me a convicção, de que s. m. não repelle a idéa da retirada do Gabinete, antes parece assentada em seu espirito, faltando-lhe apenas — o modo pratico — de realisar-a. A "razão capital" é a meu ver a do "elemento servil"; desde então que a confiança

(*) Vêr a *Revista* de Março de 1921.

mutua soffreu; em s. m. por vêr que não adoptavamos suas idéas; em nós pela certeza de que s. m. nos criaria "embaraços".

Ainda são de Cotegipe as seguintes palavras de uma nota que titulóu — "Circumstancias que precederam a retirada do ministerio de 16 de Julho depois da chegada do sr. Paranhos":

O sr. presidente do conselho por mais de uma vez expoz-nos que suppunha havermos perdido a confiança da Corôa, sendo a principal causa a nossa opinião a respeito do elemento servil e por mais de uma vez citou como prova o "trabalho" para a substituição do ministerio, e o silencio de s. m. em relação á sua projectada viagem á Europa, da qual todos sabiam, menos o ministerio.

Eu e alguns collegas, especialmente o sr. Paranhos, dissemos, que a nossa retirada devia nascer de uma questão qualquer entre nós e a Corôa, ou entre nós e as Camaras, mas não pretextada por difficuldades e divergencias; que eu tambem estava persuadido de que s. m. não estava satisfeito connosco mas que fugiria sempre de tomar a si a responsabilidade da quêda do ministerio e por isso convinha que nesse terreno fosse collocada a questão.

Certamente estas conversas eram posteriores a 15 de Maio, quando Cotegipe enviou a segunda carta a Paranhos — na qual, com a sua costumada acuidade, mostra ter percebido todo o trama e prevê com uma segurança e precisão admiraveis o que havia de succeder. Eis o que disse Cotegipe a Paranhos:

Extracto da carta particular que dirigi ao sr. conselheiro Paranhos em 15 de Maio de 1870:

"Abriram-se as Camaras a 6. V. exa. lerá a fala do throno. Não foi sem discussão que se deixou de mencionar o "elemento servil", embora o ministerio não se recuse a "estudar", antes seja de seu dever estudar a questão. Além da tendencia da Corôa para resolvel-a de accôrdo com o seu plano, parece que a presença de s. a. muito contribuiu para a insistencia de s. m. O conhecimento que tem o publico da dissidencia, tanto pelo passado, como tambem porque s. m. não guarda a necessaria reserva, enfraquecendo assim o gabinete, vae produzindo seus effeitos. A opposição como é natural aproveita o incidente, mas o que o surprehende é que o aproveitem alguns conservadores, quando outras questões ha mais urgentes.

Hontem fez o Teixeira Junior uma interpegação (primeira imprudencia quanto o logar proprio era a resposta á fala do throno) a que o sr. presidente do conselho deu a resposta que v. exa. acha aqui junta.

Falou tambem o A. Lima, propondo uma moção que se apresentassem medidas para a "liberdade do ventre". Ora, v. exa. conhece as ligações do primeiro deputado com o conselheiro Salles e as do segundo com o V. de S. Vicente e bem assim as opiniões dos dois conselheiros. Será temeridade pensar que ambos "animados" apalpem o terreno? Não o affirmo;



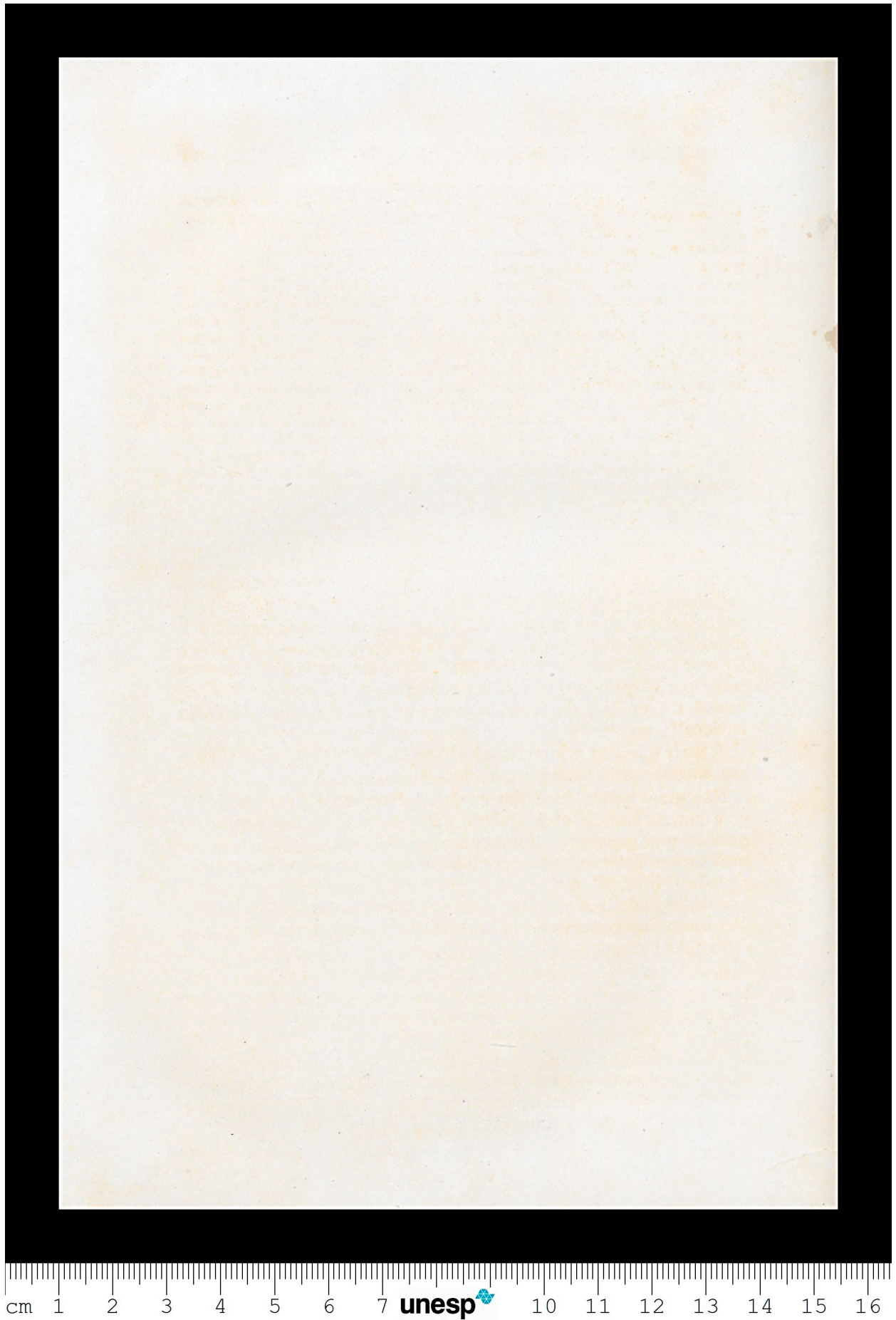
GALERIA DOS EDITADOS PELA "REVISTA DO BRASIL"



GUILHERME DE ALMEIDA

Autor do Livro de Horas de Soror Dolorosa





porém, faço este raciocínio: S. m. declara que ha de fazer bem conhecida a "sua opinião", é pois provavel que tenha "conversado" com aquelles que seguem as mesmas idéas; um cambio completo de politica presentemente teria seus inconvenientes senão perigos, conservar mais ou menos a mesma politica e realisar o seu projecto favorito é pensamento que deve naturalmente occorrer. Dahi esse movimento. Eu hesito em tirar as consequências desta minha apreensão. Em todo o caso o que me parece mais franco e mais leal era a prompta exoneração do gabinete. E porque a não provocamos? Fal-o-emos ou, ao menos, fal-o-ei, apenas tenha a certeza de que hoje não passa de desconfiança. Até lá é dever nosso conservar o posto, desde que s. m. entendeu conveniente ceder não ás nossas "observações", mas ás "circunstancias". Para mim é indubitavel que desappareceu a confiança mutua, e que, mais dias menos dias, por esta ou por outra questão, surgirá a crise suprema para o gabinete. Virá outro do mesmo "matiz" que se arrastará alguns mezes, e depois "à la grace de Dieu"... Eu sempre insisti e insisto para que os partidos se colloquem por meio de medidas permanentes em posição de fazerem o seu ponto de apoio da opinião nacional; quizera mesmo que para esse fim nos entendessemos francamente com a opposição. Haverá tempo de realisar esse "desideratum" de todos? E' o que duvido".

Além da narrativa dos factos que se estavam dando: — a falta de confiança da corôa, as indiscreções do imperador, a divisão já começada dos conservadores a respeito da questão servil, as partes principaes dessa missiva são as que se referem ás opiniões e disposições de Cotegipe a respeito da emancipação:—"é do dever do ministerio "estudar" a questão". "Eu sempre insisti e insisto para que os partidos se colloquem por meio de medidas permanentes em posição de fazerem o seu ponto de apoio da opinião nacional", etc.

A mais que isso o importante são os topicos sobre S. Vicente e seu entendimento com o imperador.

Não eram pouco fundadas as desconfianças de Cotegipe sobre esse ponto. Existia esse accôrdo entre a corôa e um procer do partido que governava, ás occultas do ministerio que estava no poder, para fazer substituir o gabinete por um outro presidido por aquelle procer. E' uma face singular de nossos costumes politicos no imperio, um singular aspecto do poder pessoal, da seducção da corôa, da acção do imperador nas mutações politicas.

Faltando a confiança da corôa demittem-se os ministros: o imperante quer realisar uma idéa e seus ministros se oppõem; o imperante precisa despedil-os para chamar novos que estejam por seu programma; teme entretanto ferir a "constituição não escripta" — o espirito do regimen, — procura declinar por isso da responsabilidade; ao mesmo tempo prepara as substituições, convida o substituto; e por indiscrições, questões, contrariedades ao ministerio, diligencia criar incompatibilidades que determinem a sahida dos que lhe resistem.



Era assim que agia então Pedro II.

Existia na verdade o entendimento suspeito entre o imperador e S. Vicente.

Foi fácil a Cotegipe isso adivinhar, mas o que elle não podia prever, e veio a saber depois certamente com funda magoa e surpresa, — é que o proprio Itaborahy tomava parte no trama e era mais que conhecedor d'elle, seu comparte.

Foi após a sahida do ministerio que Wanderley veio a ter noticia de tudo pela bocca do proprio S. Vicente.

Tendo ido visitar ao novo presidente do Conselho, de volta tomou a seguinte nota sobre a conversação que com o mesmo entreteve:

Conversação com o V. de S. Vicente. — 4 de Outubro de 1870.

Dirigindo-me á casa de s. exa. para fazer-lhe uma visita de cumprimento pela sua entrada para o ministerio — tive com s. exa. uma conversação sobre as circumstancias que haviam provocado a retirada do gabinete, de que eu fazia parte. O sr, visconde de S. Vicente expoz largamente as razões que tivera para tomar a si tão pesado encargo. A principal e que naturalmente causou-me profunda impressão foi — que desde o mez de Maio s. exa. tivera uma intelligencia com o presidente do conselho o sr. v. de Itaborahy — para o caso provavel da retirada do gabinete 16 de Julho, intelligencia de que s. m. fôra sabedor por prevenção do sr. Itaborahy; e em consequencia disto elle, v. de S. Vicente, fôra ao Paço e dera alguns passos para o caso figurado — entendendo-se com os senadores Salles e B. das Tres Barras, e sondando alguns deputados, entre os quaes mencionou os rs. Moreira (de Minas) e Silva Nunes; mas que tendo isto transpirado, elle visconde se retrahira, de sorte que foi surpreendido quando no dia de segunda-feira (26) fôra chamado ao Paço por intermedio do mesmo sr. v. Itaborahy para encarregar-se da organização do novo gabinete. Accrescentou o sr. S. Vicente que elle tinha o direito de esperar, que nós continuassemos por mais algum tempo ao menos, ou modificando um pouco nossa politica proseguissemos, certos de que nos ajudaria em tudo. Fiz algumas observações a respeito do erro servil, pouco tino do chefe de gabinete para as questões politicas, etc.

Mostrando-me surpreso, pelo que me acabava de dizer o sr. S. Vicente, declarei-lhe que eu ignorava tudo quando s. exa. me referia de sua intelligencia com o ex-presidente do conselho, e por isso sempre reputei o facto de s. exa. prevenir-se para o ministerio como uma hostilidade, e como um procedimento anormal, e que não podendo s. exa., discreto como era, dar os passos que deu sem intelligencia com o imperador, tive por certo que este não seguia a marcha que sua posição lhe indicava, e que o ministerio estava destinado a ser sacrificado, mais dias menos dias; e nesse caso eu fui de opinião que não deveramos continuar, para não sermos carregadores de pastas.

O sr. S. Vicente, louvando o meu procedimento, disse-me reiteradamente e mostrando-se resentido, que elle era incapaz de um procedimento desleal, repetiu com maiores detalhes o que me havia dito; abriu um almanack ou antes uma folhinha de algibeira, e mostrou-me uma "marca" no dia 24 de Maio, dia em que tivera a intelligencia com o ex-presidente do conselho Esquecia-se mencionar que o sr. Itaborahy declarava ao sr. S. Vicente; que só a "um de seus collegas" havia communicado o que



"occorria". Respondi ao sr. S. Vicente, que lhe pagando confidencia por confidencia, ia dizer-lhe o que se passara; que tudo isto, embora me fizesse reformar o juizo que eu fizera de s. exa., não me parecia regular em nosso systema, mas pondo de parte essa irregularidade, era para mim inexplicavel o procedimento do ex-presidente do conselho.

Referi então o que se passara por ocasião da chegada do sr. Paranhos; e da resolução do ministerio de pedir sua demissão no dia 23 (Vide essas conferencias).

Tornando á casa de sr. S. Vicente encontrei alli o v. de S. Amaro. B. de Gurupy e familia, mal podemos fa'ar; porém confirmou-me o que dissera anteriormente, e accrescentou que tendo estado com o sr. Itaborahy depois de nossa conversa, lhe dirigirá uma indirecta, que ou não foi comprehendida, ou de proposito não respondida.

Esse unico ministro a quem Itaborahy communicou o seu segredo foi Paranhos, como se verá de um topico de outro documento que vamos trasladar.

A respeito dessa convenção secreta entre Itaborahy. S. Vicente e o imperador, narra o sr. Tobias Monteiro no seu livro:

Parece que realmente o imperador não abandonava a idéa (*) e apenas espreitava oportunidade de fazel-a avançar. E' o que se deduz de um testemunho que colhemos em conversa com o sr. João Alfredo. S. exa. foi ministro com S. Vicente e delle ouviu uma confidencia que hoje póde referir. Exactamente nesse anno de 1870, pediu o imperador a Itaborahy que incluísse na fala do throno nova referencia ao elemento servil. Itaborahy recusou peremptoriamente, mas declarou ao monarcha, que se houvesse um chefe conservador que quizesse assumir essa responsabilidade, não seria elle obstaculo e lhe passaria o poder. Continuando a conversa, lembrou Itaborahy que S. Vicente tinha projectos ácerca do assumpto e era estadista capaz de tamanha empresa.

Ficou então combinado que os tres se reuniriam a sós. Nessa reunião confessou S. Vicente que não se julgava apto, por não ser um dos chefes activos do partido. Não tinha relações na Camara, ignorava as suas correntes, não conhecia os homens novos; propunha, pois, se adiasse a solução que lhe pediam e que Itaborahy meditasse ainda, até ver-se como ia proceder a Camara, prestes a reunir-se. (**). Itaborahy guardou esse segredo e, que se saiba, nunca a elle alludiu.

Não confere no todo o que disse S. Vicente a Cotegipe e o que aqui diz Tobias Monteiro ter ouvido de João Alfredo. Em primeiro lugar é de notar que o sr. S. Vicente disse a Cotegipe:—"intelligencia de que s. m. fôra sabedor por prevenção do sr. Itaborahy". Não se refere S. Vicente, absolutamente, áquella conferencia dos tres—imperador, Itaborahy e elle S. Vicente—a sós; ha pois alli engano. S. Vicente, depois, teve conversas com o im-

(*) A lei do ventre livre.

(**) Não é exacto. As camaras desde Maio estavam abertas. O v. de S. Vicente só depois é que pensou e agiu no sentido de organizar gabinete.



perador, dizia-se mesmo isso na época, mas não esqueceria nunca de narrar essa magna conferencia a Cotegipe. E a verdade se faz certa ante aquella affirmativa de que o imperador soubera da intelligencia por intermedio de Itaborahy. Não houve pois essa conferencia. Havemos de acreditar mais no testemunho do proprio S. Vicente logo fixado em escripta, na vigencia dos factos, por Cotegipe, que nessa narrativa feita, longos annos depois, por João Alfredo em conversa com Tobias Monteiro. Houve ahi pequeno lapso na boa memoria do illustre estadista pernambucano. (*)

Outro engano desse topico do livro de Tobias Monteiro ou antes do testemunho de João Alfredo está em attribuir terem as excusas de S. Vicente e opiniões de adiamento da questão sido feitas na occasião do entendimento com Itaborahy. Não; S. Vicente accitou pressuroso o encargo e adeantou-se, conforme disse a Cotegipe, e se soube na occasião, "entendendo-se com os senadores Salles e B. das Tres Barras e sondando alguns deputados entre os quaes os srs. Moreira (de Minas) e Silva Nunes".

Aquellas objecções ou negaças foram feitas quando, chamado a organizar gabinete, pediu a continuação por algum tempo do ministerio 16 de Julho, chegando a ser o sr. Itaborahy chamado pelo imperador que lhe falou sobre isso, recusando-se entretanto o chefe conservador a continuar.

Feitas estas rectificações ao sr. Tobias Monteiro não escapa da pecha de menos exacta a narrativa do sr. Pereira da Silva naquelles pontos em que diz:

Não acreditava todavia Itaborahy, até então, nos boatos espalhados em confidencias particulares de que Pimenta Bueno andava á cata de companheiros para organizar novo gabinete.

Convenceu-me assim Rodrigues Torres de que tinham no tocante a intelligencias e accórdos particulares do imperador com Pimenta Bueno.

Foi nesse terreno da desconfiança mutua que se desenrolaram os factos determinantes da quéda do ministerio.

O primeiro attrito forte entre o imperador e o gabinete foi no fim daquelle mesmo mez de Maio a respeito da escolha de senadores por Minas. Um outro manuscripto de Cotegipe da-nos conta desse episodio:

(*) João Alfredo teve occasião de, á vista destes documentos, confessar o pequeno erro de sua felicissima memoria a distincto historiador, a quem pediramos fosse ouvil-o.



Conferencia dos ministros no dia 20 de Maio ás 7 horas da noite — 1870. — Crise ministerial.

Na quarta-feira, 18 Maio em despacho foi aprestanda a s. m. a lista sextupla da eleição de senadores pela provincia de Minas. S. m. guardou-a.

No dia seguinte ao entrar na Camara dos Deputados (cerca de uma hora da tarde) chamou-me de parte o sr. ministro do Imperio, e mostrou-me uma carta escripta por s. m., na qual lhe communicava que havia resolvido escolher senadores os srs. Joaquim Delfino e Ferreira Bretas. Chegando ao mesmo tempo o sr. ministro da Guerra, e da Agricultura assentamos guardar secreta a escolha, até que o ministerio se reunisse em conferencia. — Esta só poude ter lugar na noite de 20 em casa do presidente do conselho.

Todos os ministros foram concordes em que uma tal escolha não podia deixar de enfraquecer o Ministerio, parecendo até feita ou calculada para esse resultado. A questão da fala do Throno (elemento servil havia patenteado uma divergencia profunda entre s. m. e o gabinete, e posto que s. m. cedesse á opinião deste, comtudo as coisas corrião de modo que estavamos persuadidos de que a nossa retirada era questão de occasião.

A nenhuma reserva da parte de s. m., animava não só a opposição, como introduzia a sizania no partido conservador, em uns porque pensavão que era tempo de resolver a questão, em outros porque temião que houvesse por isso um cambio de politica, em outros finalmente por ambição (sem duvida louvavel) do poder.

Nestas circumstancias a escolha dos dois senadores, embora, não nos fosse repugnante pessoalmente, trazendo perda de força moral ao gabinete — o collocaria em peor posição, sendo até contraria á sua dignidade.

A exclusão successiva de 2 ex-ministros do mesmo gabinete não podia deixar de affectar o credito delles e o nosso. A primeira exclusão ainda tinha uma explicação nas circumstancias que precederam á eleição, quaes a annullação della e pela qual votaram os ministros, e as proprias observações de s. m. ao ministerio candidato, mas a segunda exclusão — não tendo os mesmos motivos — tirava qualquer justificação á primeira, e dava a conhecer que havia intenção ou de reprovar o procedimento dos dois ex-ministros, ou de todo o Ministerio, que comparti'hava a responsabilidade delles enquanto ministros. Nenhuma das hypotheses podíamos acceitar sem sacrificio da propria dignidade, e sem rebaixar o cargo de ministros — admittindo como titulo de exclusão o tel-o occupado, tanto mais quanto os preteridos em nada erão inferiores aos preferidos, antes tinham mais serviços.

Em consequencia assentou-se que o sr. ministro do Imperio lavrasse de seu punho as cartas imperiaes e as levasse a s. m. — declarando-lhe muito respeitosaemente, que referendadas ellas o Ministerio julgava de seu dever demittir-se.

O sr. ministro do Imperio que já tinha as cartas lavradas de seu punho seguiu para S. Christovam ás sete da noite.

Regressando á casa do sr. Presidente do Conselho ás 10 horas da noite deu-nos parte da longa conferencia que tivera com s. m. depois da qual s. m. disse precisava de reflectir e responderia depois. — Não julgo dever referir os pormenores da dita conferencia, apenas parecendo-me conveniente mencionar que discutindo-se a attribuição exclusiva da Corôa na escolha dos senadores, — o sr. ministro do Imperio sem contestal-a — observou que a attribuição era plena, e tanto que o Ministerio estava prompto a expedir as Cartas; mas que não se lhe podia negar (ao Ministerio) o direito de apreciar as consequencias desse acto em relação a sua marcha, e portanto retirar-se se um tal acto lhe fosse prejudicial; — no que s. m. concordou.



Do todo desta Conferencia resultou-me a convicção de que s. m. não repelle a idéa da retirada do gabinete, antes parece assentada em seu espirito, faltando-lhe apenas o "modo pratico" de realisá-la. A "razão capital" é a meu ver a do "elemento servil"; desde então que a confiança mutua soffreu; em s. m. por ver que não adoptavamos suas idéas, em nós pela certeza de que s. m. nos criaria "embaraços".

Como objecto de "estudos futuros da historia politica do Brasil, não serão perdidas estas "notas".

N. B. Alludindo a outras escolhas que tem tido lugar durante a administração actual — disse o sr. ministro do imperio a s. m. que não estavam todas de accordo com o pensamento do ministerio; mas que como ellas não tinham tido influencia sobre a sua força moral, entenderamos não fazer reflexões, caso que não se dava com a de Minas.

Parece-me que para evitar destas discordancias, que se tornam de mais difficil solução depois de enunciado o pensamento da corôa — seria conveniente que neste como succede em outros actos de poder moderador fosse ouvido o gabinete. Porque nas amnistias, perdões, adiamentos assim se pratica, e não ha de succeder o mesmo com a escolha de senadores?

Não vejo razão para a pratica contraria.

S. M. escreveu uma carta ao sr. presidente do conselho, declarando que cedia — quanto á escolha do senador; mas que esperava que o ministerio fizesse as reformas — como elle "indicava".

O sr. presidente do conselho depois de ouvir-nos respondeu pessoalmente que o ministerio não recebia a decisão conditionalmente: a que traria de cumprir o que promettera na fala do throno; mas não podia tomar compromisso de fazel-as passar, e repetiu o pedido de demissão.

Passados dois dias s. m. explicando seu pensamento de que não impunha condições e sim lembrava a conveniencia das reformas, mandou passar as cartas de senadores.

De maneira differente da que procedera com Zacharias na occasião da escolha "desacertada" de Salles Torres Homem agora o imperador cedia á resistencia de seus ministros. E' exquisita a sua attitude e, até certo ponto, contradictoria. Quer a emancipação e porque seus ministros lhe resistem retira-lhes a confiança e age de modo a despedil-os; entretanto, quando apparece uma razão com a qual delles se poderia libertar "constitucionalmente", afinal capitula! Porque? Porque cede assim, já tendo cedido na questão da fala do throno? E porque provocar agora a crise para resolver-a em favor do gabinete?

A unica explicação que aqui occorre é esta:—consultou S. Vicente e este não se achou aparelhado para subir ao poder, tal como se encontrou desprevenido quando afinal organisou gabinete. Foi o imperador por isso obrigado a adiar a retirada e por isso cedeu. Baste aqui recordar que a "marca" do calendario de S. Vicente assignalando o dia em que teve a sua intelligencia com Itaborahy (intelligencia que foi levada ao conhecimento do imperador pelo proprio Itaborahy) trazia a data de 24 de Maio. Ora a reunião do ministerio foi a 20 de Maio; diz o protocollo de Cotegipe que o imperador escreveu a Itaborahy dizendo que cedia



mas (não dá a data depois dessa carta, foi Itaborahy conferenciar, e dois dias depois é que tudo se resolveu cedendo o imperador certamente depois de 24. (*))

Ainda assim novamente victorioso sobre os designios da corôa não cessara ao gabinete a convicção de que se impunha a sua retirada. A difficuldade estava no motivo constitucional e allegavel á nação e ao parlamento. Em certa occasião reuniu-se o ministerio para deliberar sobre o mister. Cotegipe levou o seu parecer por escripto e foram seus termos os seguintes:

Receiando não expôr claramente a minha opinião, se o fizer verbalmente, peço licença para deixal-a por escripto.

Para mim não soffre duvida de que uma mudança de ministerio está nas vistas de s. m., e por consequente que não podemos contar com seu franco apoio.

Entretanto nenhum facto directo tem accorrido, que sirva de explicação á nossa retirada perante o paiz. As explicações que tivéssemos de dar quando interpellados, seriam de alguma forma offensivas ou prejudiciaes á corôa, isto é, seria mister que expuzessemos — o que occorreu na abertura das camaras a respeito do elemento servil, a intervenção da corôa em sentido contrario ás idéas do ministerio, — promovendo particularmente a apresentação de differentes projectos neste sentido, suas conferencias com membros do partido, etc. — de sorte que o ministerio sem ter soffrido a menor quebra de confiança do grosso do partido — sente-se enfraquecido.

Dizer simplesmente que não temos a confiança da Corôa sem provas — fica-nos mal: dar outro motivo não nos parece proprio do nosso caracter, e muito menos provocar entre nós uma scisão para pretextar a dissolução do gabinete.

Por outro lado se o Gabinete tem a confiança das Camaras, e se com elles pode realisar as reformas que tem em vistas, é um dever arrostar a má vontade da Corôa — até que ella se pronuncie positivamente em questão séria.

(*) Póde-se deduzir ass'im a sequencia dos factos, com uma tal plausibilidade que não é afouteza garantir a sua certeza:

18 de Maio — O ministerio começa a deliberar a respeito da escolha senatorial.

20 de Maio — O ministerio reúne e resolve pedir sua demissão. O sr. ministro da Justiça conferencia com s. m. de 7 ás 10 horas da noite. O imperador declara necessitar de reflexão e decide resolver depois.

22 de Maio — O imperador escreve a Itaborahy dizendo ceder mas "esperando que o ministerio fizesse as reformas como elle indicava".

23 de Maio — O ministerio reúne-se e resolve insistir no pedido de demissão por não aceitar a condicional imposta por s. m.

24 de Maio — Itaborahy procura São Vicente e ás occultas do ministerio tem com aquelle estadista a sua "intelligencia". Talvez nesse mesmo dia ou no seguinte Itaborahy participa ao imperador o seu conchavo com S. Vicente.

25 de Maio — S. Vicente tem conferencia com o imperador. E' provavel que então S. Vicente enunciasse as excusas e renuncias a que allude o sr. Tobias Monteiro "apud" João Alfredo. S. Vicente não se acha aparelhado para organ'sar gabinete assim de surpresa e pede um adiamento da crise emquanto passa a dar passos junto a senadores e deputados. O imperador com o animo deliberado de chamar ao poder S. Vicente resolve ceder ao ministerio para que este se conserve no poder emquanto aquelle se aparelhasse.

26 de Maio — O imperador escreve a Itaborahy explicando que não impunha a condicional e manda passar as cartas como as queria o gabinete.



A Corôa quer lançar de si a responsabilidade de qualquer mudança; nós a devemos acceitar, mas por um facto, não por suspeitas, ou por illações.

Este facto não nos faltará — encerradas as Camaras, e é do nosso brio provocal-o.

Temos as nomeações de presidentes e alguns Conselheiros de Estado, posto que eu acredite que ahi não acharemos grandes difficuldades a vencer.

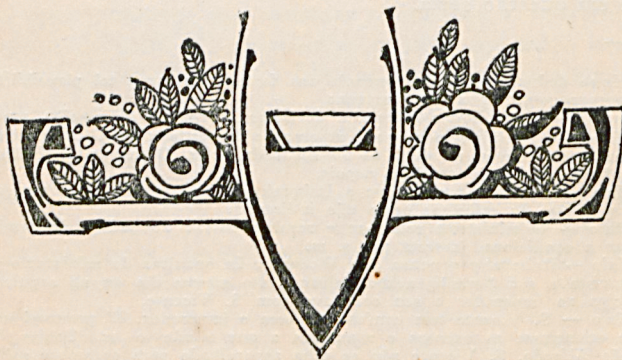
A projectada viagem do Imperador parece o ponto principal. S. m. nada tem communicado ao ministerio a respeito dessa viagem, que é negocio importante — sobre o qual não pode o ministerio deixar de ser ouvido — para que dê a sua opinião sobre a conveniencia della, e se concordar tomar as providencias que o caso pede.

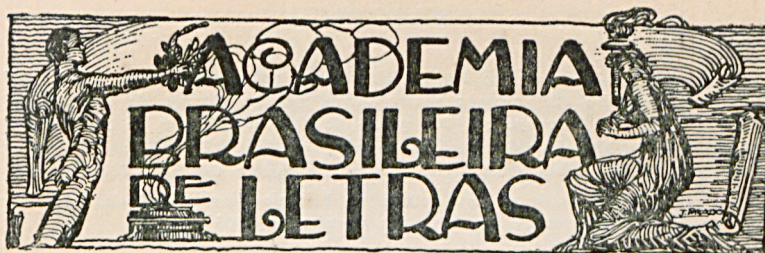
Entendo, pois, que se deve ter uma abertura franca com s. m. declarando-se-lhe que o ministerio toma o seu silencio como falta de confiança, e como uma prova de que s. m. não reputa o gabinete na posição de continuar durante a sua ausencia e então é preferivel que o ministerio se retire para dar tempo a outro de preparar-se para as camaras. — Se s. m. disser que a viagem depende ainda de circumstancias, e que por isso não o communicou ao ministerio, resta-nos ainda saber em segundo logar qual será a intenção a respeito das medidas a tomar caso este projecto passe a realidade. Neste caso convém declarar-lhe: 1.º — que o ministerio reserva-se o direito de oppor-se a essa viagem; 2.º — que se concordar cumpre resolver de attenção a questão da regencia e suas attribuições.

A' vista do que resolver-se o ministerio pensará se pode ou não continuar.

Ha outras causas que podem influir na retirada; é a reorganisação do ministerio pelo estado do ministro da Justiça; mas isto é questão interna, e se ella fôr causa de dissolução teremos justificação de nosso procedimento.

Bahia.





POR ARTHUR MOTTA

FRANCISCO DE CASTRO

(Successor de Alfredo Taunay na cadeira n.º 13. — Nasceu em S. Salvador, no Estado da Bahia, a 17 de Setembro de 1857 e falleceu no Rio de Janeiro a 11 de Outubro de 1901).

BIBLIOGRAPHIA

- * 1 HARMONIAS ERRANTES — poesias, com uma introdução de Machado de Assis — XII — 194 pags. — Rio. Typ. Moreira Maximino & Cia. — 1878.
- 2 CORRELAÇÃO DAS FUNCÇÕES — Therapeutica geral dos envenenamentos. Da septicemia — Da susceptibilidade recorrente — these apresentada á Faculdade de Medicina do Rio a 23-9-1879 e sustentada na da Bahia a 13-1-1880 — 223 pags. — Bahia, 1880.
- 3 DAS FÓRMAS CURAVEIS DAS MOLESTIAS DO CORAÇÃO, inclusive a syphilis cardíaca — prelecção do Dr. G. Meyer, traduzida e annotada — Rio, 1889.
- 4 DO PROGNOSTICO DAS MOLESTIAS DO CORAÇÃO, pelo prof. E. Leyden — monographia traduzida e annotada — Rio, 1892.
- * 5 CENTROS CORTICAES PSYCHOGENICOS, memoria apresentada á Academia Nacional de Medicina — Possui a separata dos Annaes Brasilienses.
- * 6 INVENTO ABEL PARENTE — no ponto de vista do direito criminal, da moral publica e da medicina clinica — 140 pags. — Rio, Laemmert & Cia. — 1893.
- * 7 POLEMICA PESSOAL — (documentos para o estudo de suas origens, seguimento e desfecho) — 70 pags. — Rio, Cia. Typ. do Brasil — 1894.
- * 8 TRACTADO DE CLINICA PROPEDEUTICA — 2 vols. — 431 — 429 pags. — Rio, Laemmert & Cia. — 1896 — 1900.
- * 9 DISCURSOS — com prefacio de Ruy Barbosa — 59 pags. — Rio, Typ. Besnard Frères — 1902.

Escreveu no *Diário da Bahia*; *Revista Acadêmica*, publicação mensal (Rio) 1877-78; *Revista Brasileira* (2.^a phase): Castro Alves, poesia; *Revista da Academia B. de Letras*: Elogio de Taunay, vol. 2.^o, pag. 424; *O Paiz*; *Annaes da Academia de Medicina*: Elogios historicos dos academicos fallecidos de 1883 a 1887; Vaccina preventiva da febre amarella; Centros corticaes psychogenicos; *O Brasil Medico*, etc.

Encontra-se a reproducção do seu retrato no "Ensaio biographico" do prof. Dias de Barros, nos "Discursos" e no Almanach Garnier de 1903 e 1905.

FONTES PARA O ESTUDO CRITICO

- 1 SOUZA BANDEIRA — Discurso em o n.º 3 da "Revista da Academia".
- 2 MACHADO DE ASSIS — Critica, pag. 219, ou introdução das "Harmonias errantes".
- 3 RUY BARBOSA — Prefacio nos "Discursos".
- 4 NUNO DE ANDRADE — Parecer sobre a memoria "Centros psychogenicos".
- 5 DIAS DE BARROS — "O prof. Francisco de Castro".
- 6 SACRAMENTO BLAKE — "Dicionario bibliographico".
- 7 MIGUEL COUTO — "Lições de clinica medica".
- 8 ALOYSIO DE CASTRO — "Allocuções academicas", pags. 1 e 137.
" " " — Discurso de recepção na Academia B. de Letras, n.º 8 (Maio de 1919) da "Revista Americana".
- 9 EUGENIO WERNECK — "Anthologia brasileira", pag. 439.
- 10 PEREIRA DE CARVALHO — "Os membros da Academia em 1915".

NOTICIA BIOGRAPHICA E SUBSIDIOS PARA UM ESTUDO CRITICO

Filho do negociante Joaquim de Castro Guimarães e D. Maria Heloisa de Mattos, nasceu Francisco de Castro a 17 de Setembro de 1857, na Bahia. Muito cedo privado do carinho materno, teve os desvelos do pae para o supprir e iniciou a sua educação no *Atheneu Bahiano*, onde se conservou até terminar o curso.

1873 o pae levou-o á França e, em Pariz, aperfeiçou elle alguns estudos e familiarizou-se com a lingua de Molière, a ponto de escrever versos em francez, incluídos no volume das "Harmonias errantes". No anno seguinte matriculou-se na Faculdade de Medicina da Bahia. Durante o curso academico deixou-se attrahir pelo convívio literario e o cultivo das bellas letras, tendo como companheiros Guilherme de Castro, irmão de Castro Alves, Augusto de Freitas, Pedro Severiano de Magalhães e outros; e, por modelo, a fascinante figura de Castro Alves, que terçara armas

com Tobias Barreto, nos memoráveis desafios poeticos de Recife. A admiração pelo poeta dos "Escravos" exerceu decisiva influencia em parte das "Harmonias errantes", emprestando a Francisco de Castro a feição condoreira, transmittida pelos poetas brasileiros e haurida no proprio Victor Hugo. O livro de versos do estudante bahiano, publicado em 1878, quando elle tinha 21 annos de idade, e encerrando producções anteriores, manifesta dupla orientação: a dos romanticos descrentes, com alarde de penas e desventuras, ou demonstrações de scepticismo artificial; e a da poesia social, a rebuscar themas historicos e assumptos de empolada eloquencia. De um lado Lamartine ou Byron e os influenciados Casimiro de Abreu e Alvares Azevedo; de outro, Victor Hugo e os discipulos Castro Alves e Tobias Barreto. Sente-se no livro do joven poeta unicamente a vocação e o engenho, mas as imperfeições e a indecisão predominam e embaraçam conceito definitivo.

Ainda na phase academica e antes da estreia literaria, casou-se Francisco de Castro com D. Joanna Monteiro Pereira, de cujo enlace matrimonial lhes vieram tres filhos: Francisco, advogado, Aloysio, distincto medico e membro da Academia, e Lucia. Mas, durante as férias do primeiro anno do curso medico, retornou elle á Europa, em visita ao pae extremoso. Depois de contrahidas as nupcias, transferiu-se para a Faculdade do Rio, onde se lhe desenvolveu a capacidade de estudo e despertou o enthusiasmo transmittido pelo notavel professor da época, o Dr. Torres Homem. Em 1879 a turma de doutorandos teve um attricto com o prof. Souza Lima e resolveu prestar exames na Bahia, em cuja escola, a 13 de Janeiro de 1880, Francisco de Castro sustentou a sua these sobre a "Correlação das funcções". Nesse mesmo anno obteve a nomeação para o corpo medico do exercito, onde se deteve cerca de um biennio, quando pediu demissão e foi eleito membro titular da Academia Imperial de Medicina, com as credenciaes da memoria scientifica — "Centros corticaes psychogenicos", trabalho analysado por Nuno de Andrade. Conseguiu o logar de adjunto á 1.ª cadeira de clinica do prof. Torres Homem, graças a um concurso em que derrotou tres candidatos. Teve oportunidade de reger as cadeiras de pathologia geral, de physiologia e de clinica medica, succedendo ao sabio mestre que deixara a publicação do seu curso incompleto, somente com dous volumes, cabendo-lhe a missão de completar a obra, com o 3.º tomo, vasado nos moldes dos anteriores e conservando o cunho e o sinete caracteristicos do collendo professor a quem substituiu com brilhantismo. Tornou a ser medico do exercito durante 9 annos e leccionou a cadeira de allemão na Escola Superior de Guerra. Com a reforma geral do ensino,



patrocinada por Benjamin Constant, em 1890, teve F. de Castro a incumbência de modificar o curso de medicina e criou a cadeira de clínica propedeutica, para a qual se transferiu, leccionando-a até surprehendel-o a morte, a 11 de Outubro de 1901.

Entre as obras que nos legou, além das retro-mencionadas, destaca-se apenas de caracter puramente literario e contam-se duas memorias por elle traduzidas e annotadas, respectivamente de G. Meyer e E. Leyden — “Das fórmas curaveis das molestias do coração” e “Do prognostico das molestias do coração”. A proposito da intervenção cirurgica praticada pelo Dr. Abel Parente na clinica gynecologica, escreveu elle uma série de artigos em “O Paiz”, depois enfeixados em volume, sob o titulo “O invento de Abel Parente”. Nesse trabalho revela conhecimentos profusos de direito criminal e medicina legal, além de boas normas de dialectica, e defendeu o seu collega da necessidade, em casos opportunos, de semelhante intervenção que não incide sobre os preceitos da moral publica. “Est modus in rebus.” Poderia assistir ao Dr. F. Castro, razões sobejas para justificar o seu trabalho no ponto de vista abstracto, em these; mas seria o caso de interpretar a acção do facultativo italiano no terreno da pratica, em factos concretos. Não se teriam verificado abusos? Adstricto ao mesmo invento, escreveu “Polemica pessoal”, refutando os pareceres dos Drs. Furquim Werneck e Augusto Brandão.

Nos “Annaes da Academia de Medicina” publicou, além de algumas monographias, como “Vaccina preventiva da febre amarella”, “Centros corticaes psychogenicos” e outros, os “Elogios historicos” pronunciados em sessões do centro scientifico, sobre os socios fallecidos. Mas a sua obra primordial e de folego, além das lições professadas na Faculdade de Medicina, é indubitavelmente o “Tratado de Clinica Propedeutica”, de que publicou dous volumes, restando o terceiro em preparo, quando surgiu inopinada a morte. O primeiro tomo comprehende o exame physico do apparelho circulatorio, abrangendo além das considerações geraes sobre o diagnostico, as partes anatomicas, physiologica e pathologica do coração, bem como os methodos de exame. O tomo segundo se occupa do exame physico do apparelho respiratorio, encarado sob o mesmo criterio.

Teve os encargos de dirigir o Instituto Sanitario Federal, durante quatro annos, a partir de 1893, quando se aventou o caso Abel Parente, e a Faculdade de Medicina, desde 1901, escrevendo relatorios que não logrei reunir em minha collecção. Adversario de desofficialização do ensino technico superior, proferiu memoravel discurso na collação de gráo dos doutorandos de 1898, merecendo



francos applausos de Ruy Barbosa na **Imprensa**. Esse discurso, com outros do mesmo genero, foram reunidos em folheto sob a epigraphê "Discursos", o melhor attestado de suas qualidades literarias e do seu estylo castigo.

A' hcmenagem posthuma dos seus discipulos e amigos coube o magistral prefacio do grande Ruy Barbosa, que sobre elle assim se exprimiu:

Era Castro, em nossa terra, a mais peregrina expressão da cultura intellectual, que jamais conheci. Tenho encontrado, entre os nossos naturaes, aliás raramente, artistas e sabios. Mas nelle se me deparou, entre brasileiros, o primeiro exemplo, e unico até hoje, a meu parecer, de um sabio num artista. Na exploração da verdade, ou do bello, como no amor activo do bem, éra a mesma excellencia, a mesma primazia, a mesma facilidade elegante de quem se acha no seu, e na consciencia delle se move como no seu ambiente nativo.

Era um erudito e um sabio na sua profissão e tinha, a par do preparo profissional, rara illustração literaria, scientifica e philosophica. Lia autores gregos e latinos no criginal e conhecia bem as linguas franceza, italiana, ingleza e allemã. No idioma materno alliava á competencia philologica, o conhecimento dos classicos e o perfeito manejo da lingua, com preciosidade de estylo rejuvenescido, segundo os moldes dos mais acatados escriptores e respeitando sempre os principios de vernaculidade. Na medicina impunha-se como provecto professor, clinico competente e abalisado consultor dos collegas, em conferencias clinicas ou em interpellações occasionaes.

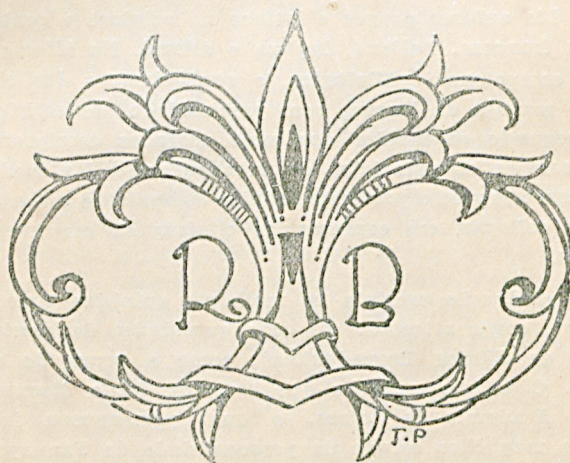
De sua producção escripta os melhores quinhões constituem os "Discursos", como attestado de suas qualidades de escriptor, e o "Tractado de Clinica Propedeutica", como a prova do seu valor scientifico. O ultimo trabalho que escreveu foi o discurso de recepção na Academia de Letras, o qual permaneceu incompleto. Representa magnifico estudo da personalidade de Taunay, apologia merecida, envolta na synthese do nosso meio social. Oração digna de leitura e por onde se podem aferir os seus meritos de escriptor.

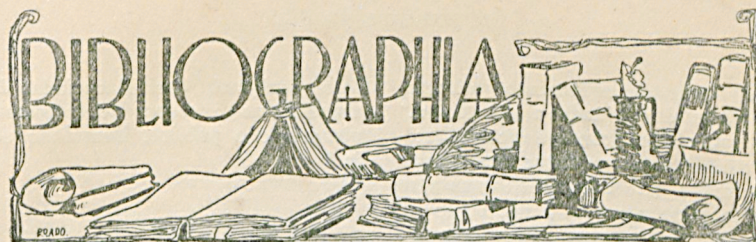
Informam os seus amigos que, além do 3.º tomo, já delineado, da "Clinica Propedeutica", deixou por acabar um "Tractado das febres no Rio de Janeiro". Mas a sua obra principal, como muito bem accentuou Ruy Barbosa, não foi escripta, estava em sua vida de clinico e professor e ficou disseminada na geração de medicos que lhe olviram as palavras ardentes, os periodos lapidados e as sabias lições.



SUMMARIO PARA UM ESTUDO COMPLETO

No Atheneu — Projecção de luz — O academico — Influencia literaria — As
"Harmonias Errantes" — Transferencia de meio — Discipulo de Torre Homem —
Os primeiros trabalhos scientificos — Como poeta, foi medico do coração — A
reforma do ensino — O professor — O clinico — Na Academia de Medicina —
No Instituto Sanitario — O caso Abel Parente — O tractado de clinica propedeutica
— Orações de paranymphe — Elogio de Taunay — A cultura do espirito —
Os discipulos attestam-lhe o valor da obra.





Firmino Costa: *GRAMMATICA PORTUGUEZA. Bello Horizonte, 1920.*

Os leitores da *Revista* já conhecem Firmino Costa através do *Vocabulário Analogico* de que publicou aqui varios capitulos muito apreciados. e não se admirarão, pois, de vel-o surgir como autor de uma alentada grammatica.

Em materia de lingua caminhamos no sentido de crear uma lingua nova, filha da portugueza.

A lingua brasileira positivamente está a sair das faixas, e coexiste no Brasil ao lado da lingua portugueza — como filha que cresce ao lado da mãe que envelhece. E tempo virá em que veremos publicar-se a "Grammatica Brasileira". Pois bem: a grammatica de F. C., sem que o autor pensasse nisso, é já um bom passo á frente para a criação da grammatica brasileira.

Innumeras peculiaridades do nosso falar, que as grammaticas anteriores, rigorosamente portuguezas, consignavam condemnando como crimes horribéis, F. C. consigna innocentando-os, isto é, registrando-os como factos consumados da lingua. Fez, pois, a mais brasileira das grammaticas portuguezas.

O seu systema grammaticante é bastante intelligente. Foge de muito pedantismo consagrado e apresenta-se com uma clareza e uma singularidade extremas. O seu systema decorre do conceito com que abre o livro: a palavra vale não tanto pela sua forma, mas principalmente

porque exprime idéas e pensamentos; a alma da palavra é o sentido, e a sua forma apenas materia percível. "O sentido, como parte essencial da palavra, norteará a organização desta grammatica, e a elle subordinar-se-á a forma vocabular. Desprendido assim dos laços, em parte artificiosos, que ainda cingem os estudos grammaticaes, este compendio apresentará uma nova feição, tomará caminho differente do de seus congeneres, pretenderá simplificar e melhorar o ensino da lingua patria." Diz bem o A. dizendo *lingua patria*. Porque a lingua patria já não é propriamente a lingua lusa de Portugal — é a sua filha brasileira. E se grammatica é o estudo dos factos da lingua, a grammatica que nos convem é a que estude os factos da *lingua patria*.

Assis Cintra: *QUESTÕES DE PORTUGUEZ. Comp. Melhoramentos, S. Paulo, 1921.*

O prof. Assis Cintra, já conhecido na imprensa atravez de suas polemicas e estudos historicos, reúne em livro uma serie longa de questões linguisticas, deveras interessantes, algumas eternas, como a do infinito pessoal. E sobre todas discorre com elegancia, concisão, boa logica, muita força de argumentos, vencendo e convencendo ao mesmo tempo. Alguns destes estudos constituem novidade, como o inicial, que nega o caracter de brasileiro ao emprego do pronome

elle como complemento directo. Também é novidade a questão n.º 14 sobre um pronome pessoal extinto. O mais constitue um acervo de casos já debatidos, mas que muito lucraram com a projecção de luz que sobre elles lança o prof. Cintra. Resumindo: o livro é optimo; revela um verdadeiro philologo, perfeitamente apetrechado para impor-se com toda a galhardia no mundinho dos nossos philologos. E' tão bom, mesmo, o livro, que dispensaria, para obter esta classificação, o luminoso e admiravel prefacio de Ruy Barboza. E' um livro que se impõe pela força propria e revela um philologo de primeira grandeza, extremamente comprehensivo.

Oliveira e Sousa: PIRAQUARAS. Casa Editora "O Livro", S. Paulo, 1921.

Contos de accentuado caracter regional, escriptos com vivacidade e talento. O estylo do Sr. O. e S. é incisivo, pittoresco e forte. "Um declive de morro,, um tabocal, uns rastilhos de tapéra e, trancafiada no meio, uma choça de terreirinho e lagartixas nas gretas."

Os dialogos, a mesma coisa — vivos e incisivos, com annotação só do essencial. — "T'esconjuro! Lá dentro pena a alma do "Olho-de-fogo", murmura, a medo, o tabareu, chapeu na mão, gatafunsando signaes da cruz.

— Quem é "Olho-de-fogo"?

— Sei lá! Vá saber com os Demos, no Inferno! Elles sabem...

— Algum diabo, então?

— E isso não é nada! O peor é a *anja* casada com o sapeta... Eu lhe conto."

Quer isto dizer que o Sr. O. e S. faz parte desta pleiade de novos de talento, ricos de presonalidade, que estão a crear uma literatura

forte, original, desinfluciada de francezismo e capaz de interessar vivamente o publico. Bemvindo seja!

Jayme d'Altavilla: MIL E DUAS NOITES. Liv. Fonseca, Maceió, 1921.

Não são, como parece dizer o titulo, uma parodia ás narrativas da Sheharazada. São chronicas de jornal, borboleteios de idéas, variações sobre themas varios. E como o A. já está seguro da sua penna e a faz, docil, seguir o pensamento com agilidade de acrobata, seu livro é, no genero chronica, dos melhores ultimamente apparecidos. Amostra do estylo: "Quando a sua figurita exangue appareceu repentinamente, alvejada em cheio pela agudissima luz da ribalta, houve por todo o recinto um significativo estremecimento de curiosidade. Os cavalheiros aconchegavam-se ás poltronas e as senhoras, com os dedos faiscantes de pedrarias, assentaram-lhe os binoculos. Começava o concerto. Não me recordo bem se a primeira interpretação ao violino fôra de algum trecho beatico de Sebastião Bach, ou se de alguma commovente melodia de Schumann."

Está aqui toda a maneira, flexuosa e elegante, do A., cm tanto influenciada pela maneira de Eça de Queiroz. E' um delicado, um sybarita mental, inimigo da violencia, dos paradoxos excessivos, das ironias amargas. Compraz-se em passeios através dos themas chronicados e nunca os ataca a fundo, guerreiramente, como os esplendidos Brennos literarios.

Medido e commedido, senhor da linha e da distincção de modos, Jayme d'Altavilla, cujas preoccupações estheticas já se revelam ao pseudonymo adoptado, atravessa o livro sem uma descahida — sem quebrar nunca a harmonia das pregas do seu manto.



João C. de Freitas: *HISTÓRIAS MAL CONTADAS*. Pelotas, 1921.

Não é um contista, mas conta sob a forma de chronicas. Elegeu, erradamente, esta forma literaria para tratar themas que exigiam a forma do conto. Porque os seus themas são todos magníficos, originaes quasi sempre, imprevistos e impregnados de um forte sabor de tragedia.

Cada uma destas chronicas, desenvolvida convenientemente, daria um conto sensacional. "O trem que passa..." — como é suggestiva esta tragedia! O pae corre de casa, noite alta, em busca de remedio para o filhinho doente. Corre desvaireado, na ansia de salvar o menino, mas ao transpor a linha ferrea cae ao chão, victima de um ataque que lhe tira os movimentos mas não lhe adormece o cerebro. E elle allí fica, immovel, na paralyisia dos musculos, enquanto o cerebro fervilha no horror do supplicio horrendo: o filho a morrer lá em casa e elle condemnado á morte pelo esmagamento, allí, no leito da estrada... Afinal aproxima-se a locomotiva. E' um ronco e um olho de cyclope que rompem o silencio e o escuro da noite. E crescem para elle... E alcançam-no...

E o trem passa, num fragor de ferros que se chocam, estremecendo e atroando a cazinha do doente. O menino assustado, abre os olhos febris, e interroga a mãe, com voz debil:

— Que é isso, mãe?

— Nada, meu filho. Socegue. E' o trem que passa...

Mario Sette: *SENHORA DE ENGENHO*. Imprensa Industrial, Recife, 1921.

Já conhecido por dois livros de contos, aborda hoje o Sr. Mario Sette o romance. E cumpre confes-

sar que se sahiu galhardamente da empresa. *Senhora de Engenho* é um romance pernambucano onde paisagens e typos realçam-se de muita cor local.

No romance o que estabelece o valor é a criação dos typos e a sua focalização dentro dum meio typico. Ora, em *Senhora de Engenho*, bastaria o typo de Maria da Bethania para collocar a obra entre as melhores que nos tem dado o Norte ultimamente. Bethania é a moça que não se casa, e, toda meiguice, timidez, thesouros de coração, murcha como flor na haste sem que surja o eleito que a devia colher. Ama em segredo, cultiva mm primeiro amor desses que nascem pela infancia e se prolongam, occultos como coisa criminosa, até o fim da vida. Nestor, o heroe do livro, o principe encantado, mimo da familia, deixa-se amar por ella, e namora-a. Depois, retirando-se para o Rio, esquece-a e casa-se com uma flor de moda, Hortencia.

De volta á Provincia, a passeio, Hortencia o acompanha, condescendentemente, com attitudes tolerantes e sorridentes de creatura superior posta num meio inferior. Detesta a vida provinciana, quer tornar ao turbilhão do seu Rio; mas o narcotico da vida de provincia a vae enlaçando, quebrando-lhe as resistencias e ella acaba *senhora de engenho*.

E Bethania, pobrezinha! sacrifica-se de vez, silenciosamente.

O romance de Mario Sette é bom e, se o autor o apurasse melhor na parte technica da construcção e no estylo, tornar-se-ia optimo. Apesar disso o leitor o lê com vivo interesse, convencendo-se, ao cabo, que o Brasil se acha enriquecido de mais um verdadeiro romancista, ao qual cumpre fixar toda a vida hodierna de seu Pernambuco.

M. LOBATO.



Paulo de Magalhães: *RESIGNAÇÃO* (romance brasileiro). Ed. J. Ribeiro dos Santos, Rio, 1920.

O joven autor Paulo de Magalhães é, de certo, de um grande futuro. Com os vinte annos que tem (sob o seu retrato vem a data do seu nascimento) não fez obra desesperadora, convenhamos. Se a desataviada narrativa seguido peca pela pormenorisação quasi pueril, que pouco adianta ao effeito do conjunto e mesmo o prejudica, revela, no emtanto, observação ainda que inexperta, e um desejo de veracidade aproveitaveis. E, se a contextura do entrecho se desmancha a toda hora, não ha duvida que um certo interesse mantem o leitor desprevenido.

E' a historia de uma menina ingenua da roça, seduzida por um estudante de medicina. O estudante volta ao Rio. Para o Rio, em casa de uma tia muito a proposito arranjada, vae a menina. E elles não se vêem mais, senão depois de casada ella com um portuguezinho sentimentalissimo. A vida de Rosinha na capital tanto se passou no Rio, como se teria passado onde quer que fosse. Não tem nada, absolutamente, que a caracterise.

Rosinha, nascida a sua Dulce, morre e... o romance prosegue em torno desta, com derivativo para a revolta de Custodio de Mello... Por fim, a orphan, já moça, é noiva — de quem, ó deuses? — de Luiz, o irmão desconhecido, que nascera nos primeiros capitulos...

Comtudo, quem nos dirá que Paulo de Magalhães não será um grande romancista?

Carlos de Vasconcellos: *DESERDADOS* (romance). Ed. de Leite Ribeiro & Maurillo, Rio, 1921.

"Sussurram ainda as trovas brejeiras dos simplorios camponios, nos festins sequentes ao mourejar diurno, nos roçados esmeraldinos

da minha terra; balam, mansuetos, os lanijeros pelas varzeas, cambalhotam, endiabrados, os caprinos..."

Mas que é isto?

E' a primeira pagina do romance "Deserdados". E' o preludio, uma symphonia wagneriana, talvez. Quando, com tanta frequencia, os adjectivos se engarupam aos substantivos, quando o preciosismo assimtôa e a emphase se empertiga toda, estejamos certos, é Wagner que nos sae traduzido em literatura.

Por essa craveira se pauta o livro todo. Salva-se uma ou outra pagina de linguagem correntia. Notadamente, nos pontos em que a narrativa interessa e a acção culmina, a phrase se contorce nesses esgares do falso "euclydianismo". Um exemplar de estylo dramatico: — "Condurú e Torquato haviam caído em um socalco do barranco, físgados, com as facas empunhadas, o braço de um sustendo o lance brutal do outro que, traspassado, havia tambem embebido até o cabo o punhal opponente".

Não é um modelo de precisão, de força e tragicidade? "O braço de um sustendo o lance brutal do outro" — positivamente, homérico. E aquelle — "havia embebido até o cabo o punhal opponente" — não é menos pittoresco.

Assim é o estylo e diferente não é o romance, diluido em soluções assim palavrosas. E' difficil perceber-lhe a trama, atravez do intricado scenario amazonico e por entre esses arabescos de linguagem.

Provavelmente, o autor teve muita razão para proceder como procedeu. Não lhe discutimos a technica nem a esthetica. Apenas, registamos o facto.

BRENNO FERRAZ.

Carlos Magalhães de Azeredo (da Academia Brasileira): *A VOLTA DO IMPERADOR*. Edição do Annuario Brasileiro, Rio (sem data).

A repatriação dos restos mortaes de Pedro II deu lugar a uma larga

florescência literaria, muito interessante pelos sentimentos altos e delicados que a dominam, pelas questões historicas, politicas e outras que foram ventiladas, e ainda pelas paginas de arte, em prosa e verso, que nos ficaram. Entre estas ultimas destaca-se o poema de Magalhães de Azeredo. Destaca-se com esse brilho intenso, mas calmo, que é muita claridade e pouca fulguração enganosa, ao qual já nos habituou a arte culta do nosso academico. Bella concepção, bellas idéas, bellos versos, recamados de bellas imagens; eis a synthese do poema. A technica do A. tem um colorido pessoal que a realça. A musica dos versos é correntia, flexuosa, suggestiva, principalmente no decasyllado,

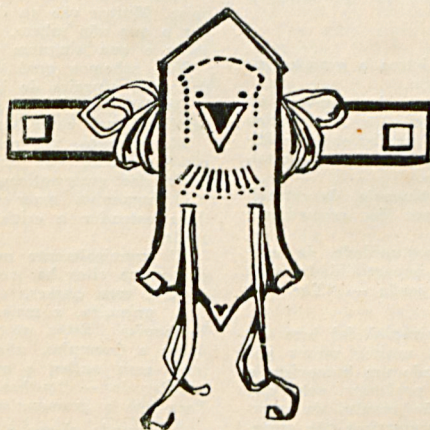
que tem algo da moderna melodia do seu irmão italiano:

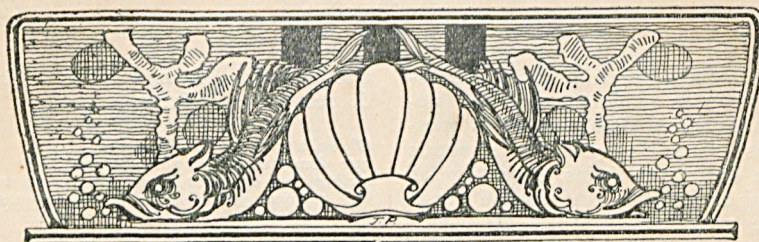
O' bella raça de navegadores,
que domastes o mar torvo e revel,
melhor que essa que, entre hinos, salvas,
lhe atirava, por fim, sinal de amores,
[flores,
por mão do Doge o seu perene anel!

raça de capitães e de juristas,
de oradores, de vates triunfais,
que enlaçam na epopéa das conquistas,
romantizando o texto dos cronistas,
meigas paixões, lendas sentimentais;

os que levou consigo o inclito Gama,
e os que o feliz Cabral seus socios fez,
vós que o universo num só grito aclama,
atletas em mil actos de um só drama,
que uma é a obra do genio português...

A edição, em 53 paginas, apresenta-se graciosamente ornada de desenhos de Julio Vaz. A.





DEBATES E PESQUIZAS

VIDA LITERARIA

GRAMMATICOS E LITERATOS

O sr. JOÃO RIBEIRO, em artigo inserto no "Imparcial", retrança, com leveza, que não exclue um fundo de sabedoria, as grandes linhas invariáveis da eterna luta entre homens de letras e grammaticos.

Para o homem de letras o grammatico é o inimigo hereditario.

Thema excellente e inesgotavel do epigramma e da satyra, o grammatico por sua esterilidade profissional, difficilmente alcança a reabilitação a que talvez terá algum direito.

E' o typo da impertinencia, da caturrice, do finca-pé, sempre de irremediavel atrazo.

Haveria talvez oportunidade de examinar com serena imparcialidade este caso que não é outro senão — "The case against grammar."

Esse sentimento universal foi bem definido ainda não ha muitos mezes por Robert. Utter que sendo um humorista e ao mesmo tempo um professor, acha que aquella incompreensão resulta da enorme variedade de grammaticos tão grande como a variedade dos letrados.

O mestre A aconselha certo uso porque este data de quinhentos annos. O mestre B aconselha o uso actual e diverso como preferivel pois não falamos linguas mortas, mas vivas.

A sciencia grammatical consiste n'um circulo vicioso, assim formulado pelo professor H. Peck, em perguntas e respostas:

P. — Pode o verbo passivo admittir um objecto?

R. — Sem duvida. Toda gente assim usa faezlo.

P. — Qual é a razão em que se funda toda gente para isso?

R. — A unica razão é que o verbo passivo pode admittir um objecto.

Eis ahi uma amostra luminosa dos methodos grammaticaes.

A razão está com o humorista.

A grammatica usual é uma série de circulos viciosos, uma tautologia infinita.

Com os dictionarios acontece a mesma coisa. Muitos vão ao dictionario para saber o que não sabem, outros lá vão para saber o que ninguem sabe.

Não sabemos qual é a mais razoavel das duas especies de ignorancia.

Os letrados fazem grammatica ás escondidas, por contrabando e pilhagem.

E', portanto, um pouco injusta a parcialidade com que habitualmente fazem burla dos grammaticos.

O humorista americano pensa que se deve estender a critica aos proprios letrados.

E' principalmente notavel a variedade que entre elles ha; reduzida pelo humorista a tres classes.

A primeira, a mais radical, é a dos bolcheviks. Estes querem plenas liberdades e franquias, não precisam de mulhetas para andar e representam o typo popular do — "ta-that-walks-by himself". Para que a grammatica?

A segunda classe é a dos democratas; guiam-se pela maioria. O que mais se repete é seguramente o melhor e o mais conforme á soberania popular.

A ultima classe é a dos realistas, aristocratas, partidarios da auctoridade.

Essas classes engalfinham-se entre si, e, como todas são unanimes contra os grammaticos o tumulto é indescritivel e infinito.

Como sempre succede, ha um grão de verdade em cada partido, e certamente foi uma divindade diabolica que dividiu entre elles o bem que devia ser indivisivel.

Como, pois, conciliar tamanhas divergências?

E valeria a pena conciliá-las?

Todos trabalham sobre o mesmo material, os que se exercitam na lingua de quinhentos annos atraz fazem autopsia, os que trabalham na lingua viva fazem viviseccão.

Longe ou perto, uns e outros procuram o segredo da vida.

*

Ha trezentos mil annos no seio da floresta virgem um anthropoide achou certo grunhido para dizer — paz! e outro grunhido mais aspero para dizer — guerra!

Estava feita grammatica, o dictionario primevo, semente de discordias infinitas. Mas ha gargantas femeas e machas e ha as que se endefluxam.

Dahi surgiram as primeiras dissensões phoneticas que vieram culminar na torre de Babel.

O systema de grunhidos barbaros não eram, certamente, adequados a qualquer uniformidade. E nos cahos linguistico em que vivemos é d'ffícil descobrir os macacos responsaveis pelas differenciações; provavelmente eram todos bolcheviks e libertarios, e não ha nada melhor para dividir os homens ou macacos que o bolchevismo.

Depois de milhares de seculos entramos a viver num regimen conservador, mas ainda tempestuoso.

O professor Bain que escreveu uma "High Grammar" diz logo em começo: "A grammatica é uma sciencia ou não é nada".

A sciencia não pode condemnar factos quaesquer que sejam. Logo, pôr aquelle dilemma a grammatica não é coisa alguma.

*

Os dilemmas são insolúveis.

Que vivam, cão e gato, o grammatico e o homem de letras, como bons inimigos hereditarios.

THEATRO

VERDADE E VEROSIMILHANÇA

Em longo artigo, publicado no "Correio da Manhã", a proposito de criticas feitas á sua peça "Bonecos articulados", o sr. CLAUDIO DE SOUSA adduz algumas considerações interessantes sobre a rebatidissima questão da verdade no theatro.

Eis por que quando se levanta o velario no theatro moderno de observação, á primeira figura que apparece em sce-

na surgem as discussões. Uns entusiasmados exclamam:

— Que delicioso flagrante! Que espirito de observação aguda a do autor!

Outros ao lado replicam áquellas vozes:

— Flagrante? Onde já viu aquillo? Falso, absolutamente falso! O outor nunca soube o que pretendeu pintar, e apresenta-nos palhaçada insossa!

E ambos estão, com a verdade, porque a verdade é um ponto de vista individual. Apparece por exemplo, um cavalheiro em scena que se vendo trahido pela mulher aguarda pacificamente a sahida do rival para lhe pedir com o que pagar um capricho que sua amante, delle marido, acabava de expor-lhe.

Um cidadão conspicuo que vive sua vida estreita e confinada, com poucas relações, e relações honestas, nunca se tendo encontrado com typo semelhantemente nojento, achará a peça verdadeiro aleijão. Mas a seu lado ha um outro que exclama, a morrer de tosse com o riso que lhe caiu no gotto:

— Reparem, reparem! Parece copiado ao vivo! E' o Ferreirinha, escarrado, sem lhe tirar nem pôr.

Entre criticas assim dispaes o escriptor theatral creou uma verdade especial que é a verdade scenica: a verosimilhança, ou seja uma ment'ra amavel com apparencia de verdade.

Faz suas figuras como se fazem os scenarios: brocha ampla, traço largo, braço longo. E' roupa feitas com sobras: tanto vae á este como áquelle. Ao espectador compete vestil-a ao typo que lhe appetite, e ajustal-a exactamente a seu corpo.

Ainda me lembro que foi este o thema de uma palestra com Edmond Rostand que me acabava de ser apresentado, seis annos faz, e muito burguezmente, por um alfaiate que a ambos servia, e que na occasião despachava os trinta ternos com que Brulé pretendia deslumbrar os selvagens nus da America, que apenas eram seis: Barclay, avenida da Opera. E contava-me Rostand que tivéra certa vez a paciência de fazer tachygraphar um dialogo que se entabolará num café entre dois individuos que em mesa proxima animadamente discutiam. Puzéra aquelle dialogo integralmente numa scena, e mostrara-a a um amigo, critico de arte. Era tudo quanto havia de mais natural, de mais verdadeiro, de mais real. O critico, que não conhecia aquelles antecedentes, ao terminar a leitura exclamou:

— "Mais, mon ami, ça c'est abominable!"

A verdade, de facto, se fosse posta nua em theatro seria abominavel, e daria a impressão do falso. E's por que parece-me sempre arriscado dizer de uma peça e de seu entrecho que fogem á verdade. Não ha facto algum por mais



monstruoso que seja, que não possa ter sido praticado por um homem, ou por uma mulher, ou, o que é mais comum, pelos dois juntos. O animal irracional, esse sim, tem ferocidade limitada. O homem tem-na illimitada porque o raciocínio lhe permite variá-la ao infinito. Ora, frequentemente tenho ouvido criticos que vivem a catar inverosimilhanças em theatro incipiente. Ainda agora, a proposito d'“Os bonecos articulados”, minha ultima comedia em scena no Palacio Theatro, ha uma figura de marido, o Pombo, que tendo apanhado sua mulher ao ser ella beijada por um terceiro, resolve a crise conjugal por meio de uma ligeira farça. Convencido de que, na maioria, os seductores das mulheres alheias só as preferem porque são senhoras bem installadas na vida, “como casa, comida, roupa branca, e trocos meudos garantidos por outrem”, prega ao seductor a partida da famosa de passar-lhe a mulher com armas e bagagens. Saltou a critica a perguntar-me: Onde foi descobrir esse typo de marido desbriado que em vez de correr o seductor a tiro ou a chicote tem ainda calma para procurar desilludir a mulher com um jogo de farça?

Evidentemente, agarrado assim de sopetão, e reintegrado na mentira social de que em scena estou liberto, não é possível dizer a meus contradictores a rua, e numero das casas em que residem alguns specimens daquelle marido, com ou sem suas respectivas mulheres. Mas eis que dois dias depois, o mais antigo e mais profissional de nossos criticos de arte, Oscar Guanabary, vem contar em seu folhetim caso semelhante, passado nesta heroica cidade, ainda não ha muito tempo, suppondo nas seguintes linhas que me tenha inspirado nelle.

“O assumpto da comedia não é novo, mas foi bem aproveitado e bem posto em scena. Pareceu-me que o autor reproduziu um facto que aqui se deu com um jornalista medico que, quando estudante, fez a corte a uma bonita mulher, casada com um negociante.” O negociante percebeu que era traído. Certo dia pretextou viagem a Therezopolis. Horas depois de haver saído em direcção ao caminho de ferro regressou á casa onde, como esperava, encontrou o casal de amantes, elle muito á vontade sem paletó. A mulher, que era esperta, apresentou o amante como um primo chegado de fóra, e explicou que lhe permitira que se puzesse em braços de camisa por vel-o que estranhava a canícula carioca. O marido, que não era peço, fingiu sel-o. Cumprimentou amavelmente o “parente” da mulher, deu-lhe opiparo almoço, aromaticos havanos, confortavel rede para que fizesse sua sesta, e a tantas do dia, depois de haver preparado o relatório do que custava a manutenção da casa e da mulher, enquanto o outro somnolejava, despediu-se de ambos, en-

tregando a mulher ao amante nestes termos:

— Aqui está a relação do que me custa a casa e a mulher, meu caro senhor. Está tudo pago até hoje. Daqui por diante tome você conta de minha mulher, e sejam felizes!

Não tardou que a adúltera fosse cruelmente castigada, pois o amante, sem recursos, fugiu á responsabilidade que lhe caíra sobre a cabeça.

E ahí está um enredo real que se parece com o dos *Bonecos articulados*, e que prova que a realidade, é tão polymorpha quanto o proprio sonho.

HISTORIA

EM TÓRNO DE D. PEDRO II

A proposito da repatriação dos restos de dom Pedro II, um escriptor estrangeiro, o sr. SIGMUND MÜNZ, enviou de Vienna para “La Nacion”, de Buenos Aires, o valioso artigo que em seguida reproduzimos.

Quando cheguem estas linhas a Buenos Aires, estarão já em terra brasileira os restos do imperador D. Pedro. O navio que trouxe o rei dos belgas já se prepara para embarcar o cadaver do imperador e devolvê-lo á querida patria. E' uma gloria para o seu povo honrar sem protesto algum áquelle que foi o ultimo imperador do continente americano, e que, sem embargo, por seu character, teria podido ser um republicano fiel. Quando o republicano mexicano Palacio viu morrer em Queretaro o penultimo imperador da America, Maximiliano de Habsburg, deixou involuntariamente escapar-se de seu peito o grito: “Era uma alma grande!” Um sentimento igual dominou os que viram morrer o ultimo imperador da America, em seu desterro da Europa.

O autor destas linhas teve a oportunidade de observar um pouco o imperador, durante uma visita de primavera, em Florença, um anno antes de sua queda, poucos annos antes de sua morte, e esta curta permanencia em sua proximidade, confirmou nelle a impressão de ser o soberano um homem notavel. Como foi imperador do Brasil, poderia ter sido o primeiro presidente da Republica brasileira. Ia pelo mundo como um sabio. Parecia-me, por suas inclinações, algo romantico, ás vezes um tardio successor do antigo imperador romano Adriano.

Era na primavera de 1888 e Florença albergava varios monarchas. Na Villa Quarto viviam os reis de Wurtemberg, na Villa Palmieri, a rainha Victoria, da Grã-Bretanha; na Villa Itzinger, a bella

rainha Natalia, da Servia, e no palacio Pitti estiveram o rei Humberto e a rainha Margarida para saudar os soberanos estrangeiros. Aguardavam-se os imperadores do Brasil.

A chegada de D. Pedro era esperada coninteresse, sobretudo nos circulos artisticos e scientificos da cidade. "Les beaux esprits" estavam, por consequente, na estação, na noite em que elle chegou a Florença. Eu acompanhava o consul do Brasil e sua esposa, a qual offereceu á imperatriz Thereza um ramo da flora brasileira, especialmente de orchideas. Muitos dos presentes conheciam já o imperador ou tinham tido relações intellectuaes com elle. Encontravam-se ali Barbera, o livreiro classico florentino; Augusto Franchetti, o traductor de Aristophanes; o internacional Angelo Gubernatis e o celebre actor Ernesto Rossi. Sempre com tacto, adeantou-se o actor ao imperador que descia do ferrocarril, e disse: "Maestà, io non vi o dimendicato". O grande tragico era muito conhecido nos circulos florentinos, pela sua presumpçosa ufanía, que tanto desdobra em suas memorias. Mais distincto ainda e homem de sociedade, era o não menos Thomaz Salvini.

Parece-me que ainda vejo ali os soberanos brasileiros. O imperador envelhecido, mas com aspecto majestoso, que inspirava respeito; a imperatriz, mais velha do que elle, uma figura encurvada, pequena e dolente. Junto d'elles avança com desenvoltura seu neto, o principe Pedro, joven de uns vinte annos, ruivo. A imperatriz travou immediatamente conversação em italiano com as damas presentes, pois era realmente italiana, sendo filha de Francisco I, rei das Duas Sicilias. Florença engalanava-se com a Paschoa Florida. Nas egrejas havia adornos de flores e fluctuava um perfume de sentimentalismo catholico sobre os "Sepolcri", onde iam em peregrinação moços e velhos. Os canticos da Resurreição elevavam as almas doloridas a espheras mais puras. Quando os grandes senhores já haviam passeado bastante pelas "Cascine", sacudiam o pó do mundo ante as portas dos templos e se deixavam commover pelo "Miserere" ou pelo "Stabat Mater".

A par da rainha Victoria, que sempre saia com os seus indios, attraía a attenção D. Pedro, vendo-se a digna figura do soberano, com o rosto rodeado de barbas brancas.

Por intermedio do consul brasileiro, fui apresentado ao imperador. Uma vez, ao meio-dia, recebi o convite seguinte: "Rogo-lhe que se apresente esta noite, ás 8, no Hotel de la Paix, na praça Mannin. A essa hora, o receberá Sua Magestade." O consul accrescentava que podia ir sem casaca, porque ao imperador não agradavam taes formalidades. A's oito, estava no hotel, que ostentava o no-

me de "Grand Hotel Continental et de la Paix", e cuja fachada dava para o Arno. Immediatamente fui apresentado pelo gentilhomen, visconde de Nioac. Nos primeiros annos da guerra européa, tive occasião de conhecer, em Vienna, a bella neta do antigo gentilhomen, que está casada com o diplomata suizo Sr. Segesser, e de recordar-lhe seu avô, que era tão intimo do imperador.

A apresentação foi feita no primeiro andar, nos aposentos do soberano. Entrámos sem cerimonia, o visconde, o consul e eu, uma pequena peça de uma janella. Num divan azul estava sentado um ancião, deante de uma mesinha, sobre a qual havia uma lampada de estudo, e livros, e junto d'elle um homem de uns quarenta annos, ambos aprofundados na leitura. Se não me engano, tinham deante de si as tragedias de Euripedes. O ancião lia em voz alta, traduzia do grego para o portuguez e o mais joven, que o ensinava, rectificava a traducção. Não percebi que era o imperdor, pois não levantava os olhos do livro. Era, com effeito, D. Pedro II quem estudava assim, tranquillamente, e o homem mais joven era um philologo allemão, que acompanhava o monarcha na viagem. Eu acreditava assistir a uma scena das "Mil e uma noites", vendo um kalifa que ia desconhecido pelo mundo, guiado por um sabio. Estava o imperador tão absorvido pelo seu trabalho, que não reparou em nós. Tomámos assento perto d'elle, e escutámos a sua traducção e as suas observações. Tinham passado uns vinte minutos, quando D. Pedro terminou a sua tarefa e pôde attender-nos. A' sua pergunta sobre se desejava falar com elle em francez ou em italiano, respondi que preferia este ultimo idioma.

A conversação com o imperador foi mais de caracter literario do que politico. Tinha eu a impressão de que o interessaria mais a literatura do que a politica. Talvez não fosse esta uma impressão atilada, talvez tivesse elle alguma reserva commigo, mas o certo é que conversamos principalmente sobre literatura italiana. Celebrou as poesias de Carducci; admirava as suas odes barbaras; quando, a miudo, florescia nellas a linda primavera, saindo o autor da confusão das batalhas romanas. Entendia, com razão, que este poeta era quasi mais romano do que italiano. Logo, falámos de Alexandre Manzoni, e elle citou uma passagem de sua maravilhosa ode á morte de Napoleão II, "Il Cinque Maggio", que começa com as palavras: "Ei fu". Conversámos ainda, sobre Leonardi, poeta tambem cheio de orgulho romano, em contraste com a humildade de Manzoni, este completamente christão, e os outros dous mais pagãos, por seu estylo antigo, por seu orgulho e pelo culto da belleza. E o imperador se impressionava, por outro lado, com o "genius loci",

pois estávamos em Florença, no sitio onde viveram Dante e Bocaccio, e em cuja Villa Palmieri, em que residia a rainha Victoria, desenrolou-se uma parte do Cecameron, segundo as tradições.

Depois que o imperador visitava, durante o dia, as instituições scientificas e artisticas da cidade, não se permittia descanso de noite. Quando não ia ao theatro, recebia Emulo Rossi, que lhe recitava versos de Shakespeare e Dante, de Alfieri e Niccolini. Do mesmo modo que Rossi no terceiro volume de suas "Memorias", Adelaide Ristori elogia a D. Pedro, em seus "Ricordi e Studi Artistici", em que disse: "Quante occasioni non mi ebbi d'ammirare le culture, l'ingegno profondo di Sua Maestà. Tutte le letterature gli sono famigliari. Per la rettitudine dei principii, per la giustizia nel governare, egli è adorato dai suoi sudditi, non mirando che a lo sviluppo ed al benessere di essi... Ma trovo superfluo l'enumerare qui le doti infinite ch'egli possiedi." Os acontecimentos não deviam dar razão aos successos, pois a revolução ardia no Imperio Brasileiro sob a calma apparente, e os subditos que, segundo se dizia, adoravam o imperador, depuzeram-n'o depois.

Por aquelles dias de Paschoa, vi o imperador num pequeno circulo, ao expôr-se o quadro de um pintor brasileiro que vivia em Florença. O quadro representava um episodio do anno de 1822, daquelle época em que os brasileiros, aproveitando-se dos transtornos da mãe patria e seguindo o exemplo das colonias hespanholas, se declararam independentes, depois que João VI, que tinha fugido em 1807 para o Brasil, regressou para Lisboa em 1821. Representava uma verdadeira batalha, pois o paiz não conquistou a sua liberdade sem sangue. O imperador queria adornar com elle o salão de uma nova escola superior que ia fundar-se na capital brasileira. Viu-o, então, meditando deante da tela, e, sem duvida, passavam por sua alma imagens de sua animada vida, nos ultimos cincoenta annos da historia brasileira. Conversou, em seguida, com a rainha Natalia, da Servia, que estava ao seu lado, offerecendo-se, assim, á vista, juntos, um suave philosopho e uma mulher apaixonada e ambiciosa. O imperador falava com calma e a rainha com excitação. Lançavam vivos olhares, os grandes olhos da sedutora mulher e sua bocca voluptuosa sorria mostrando os nacarados dentes.

Achavam-se presentes muitos membros da nobreza florentina e o imperador revivia as suas lembranças da Italia em conversas com o meu amigo, o ex-ministro e ex-alcaide de Florença, Ubaldino Peruzzi, hoje defunto, e com o alcaide Torrigiani. D. Pedro tinha mostrado sempre predilecção pela Italia e por seu desenvolvimento nacional. Aos 18 annos tinha se casado com a princeza Thereza,

cujo pae foi rei de Napoles, como foi dito, mas não occultava a sua sympathia pela moderna Italia. Ia repetidas vezes, em companhia de sua esposa, a Napoles, onde deveriam despertar melancolicas recordações de sua juventude; de quando fluctuava a bandeira bourbonica no Palazzo Reale e nos castellos de Capodimonte e Caserta.

Mas não se limitava D. Pedro a tratar com os conservadores italianos, senão que conversava com muita satisfação com o radical Mantegazza, physiologo florentino, e com o poeta bolonhez Josué Carducci. Em Bolonha até assistiu a uma conferencia universitaria deste ultimo.

Ia pela cidade, de cidade em cidade. Em Milão adoeceu tão gravemente, que pediu os consolos da religião ao arcebispo da cidade de Santo Ambrosio. O velho historiador Cesar Cantù e o senador Verga, então o Nestor dos psychiatras italianos, accudiam com frequencia á cabeceira do seu leito, e Verga assistia-o, ás vezes, como medico. Cantù e Verga me elogiaram com enthusiasmo, mais adeante, o valor que D. Pedro demonstrava.

Sua nobreza de alma revelou-se no desterro, pois não quiz representar o papel do conde de Paris, o do principe Jeronymo Bonaparte ou do pretendente D. Carlos, mas deixou em paz a Republica Brasileira. Devia meditar philosophicamente sobre as mudanças da humana fortuna e dizer como o rabbino Ben Akiba: "Tudo foi já". Nem a monarchia nem a republica são eternas. Só é eterna a mudança das cousas."

UM PROPAGANDISTA DA REPUBLICA

Uma das figuras bem representativas do ardente periodo de lutas que precedeu a queda da Monarchia, foi, sem duvida, o dr. Sampaio Ferraz, — figura de forte recorte, impregnada de vivo idealismo, que, sendo de hontem, já parece tão remota! Fez um anno, em 4 de Março, que falleceu no Rio o illustre e honrado paulista. Nessa data o "Estado de São Paulo" publicou as seguintes "reminiscencias", muito dignas de attenção, que lhe foram remettidas por um collaborador anonymo:

Promotor publico da Córte Imperial aos 24 annos e neste posto permanecendo 6 annos, Sampaio Ferraz nelle se portava com tal brilho e rectidão, que, apesar de se manifestar publicamente republicano, o imperador d. Pedro II, por duas vezes, recusou a sua demissão, solicitada pelo conselho de ministros, o que só acon-

teceu em 1888, quando, ao lado de Silva Jardim defendeu à mão armada o ideal republicano, na celebre mashorca da travessa da Barreira, — o mais sério e o mais heroico de todos os raros combates travados na propaganda e em cujo terrível conflicto o promotor publico do Imperio foi ferido a bala.

Demittido, não esmoreceu. Assentou immediatamente formidaveis baterias contra a monarchia, fundando com grande dispendio de dinheiro, o "Correio do Povo", folha francamente revolucionaria, onde ao lado de Silva Jardim, padre João Manuel, Xavier da Silveira, Aristides Lobo, Ubaldo do Amaral e Annibal Falcão, se revelou um jornalista eloquente, desassombrado e cavalheiresco.

Propagandista, o seu temperamento combativo e arrojado, servido por extraordinarios dotes oratorios, lançou-o logo numa propaganda de movimento e de audacia. Assim foi elle o grande companheiro de Silva Jardim, com quem viajou pelo sul do Imperio, ora colhendo triumphos, ora arriscando a vida, como no anno de 1888, no terrível conflicto de S. João d'El Rei, Estado de Minas, em que o heroismo de Sampaio Ferraz foi narrado pelo proprio punho de Jardim em sua obra, "Memorias de um propagandista". Neste livro, elaborado quando o heroico pregoeiro da Democracia amargurava, no exílio a mais negra das ingratidões, elle esboça, á pagina 414, o interessante retrato de Sampaio Ferraz:

"Tenho muitas vezes feito referencias a este bravo companheiro da propaganda republicana. A "sua physionomia politica porém é de tal modo caracteristica, que eu chamo de novo para elle a attenção" do meu leitor Já era então bem conhecido o futuro chefe de policia da capital. Uma natureza de escolha, no corpo e no espirito: um rapaz alto, gordo, forte, elegante, athletico; côr bronzada de caboclo, como elle se chamava, cabelo preto, um tanto hirtto e revoltto; olhos grandes de uma doçura energica, um ligeiro bigode a deixar ver os labios vermelhos, a compostura desimpedida e correcta. Espirito alegre e comedido, tão expansivo na intimidade quanto reservado diante do mundo, uma intelligencia lucida, capaz de num relance abranger as questões, uma palavra facil, quente e persuasiva. Sampaio era um rapaz bem equilibrado, um bom cerebro solidamente firmado em um sangue robusto.

Chamava-se "caboclo" na conversação, quando queria d'zer-se homem decidido, capaz de sacrificar pelos ideaes. Dahi veio que espontaneamente formassemos um nucleo de boa e san palestra que denominámos "Club dos Caboclos". Eram caboclos sob a presidencia do "cablocômôr" Xavier da Silveira, o padre João Manuel, o Annibal Falcão, Teixeira de Souza, eu e mais uns tres cidadãos".

("Memorias de um propagandista, pagina 415).

Paremos aqui. O estylo vivaz e pittoresco, a attracção do assumpto nos levariam longe.

Revolucionario em 15 de Novembro de 1889 a sua abnegação desdobra-se nesse dia decisivo em actos de verdadeira bravura. Transfigurado em tribuno-soldado, arenga, a cada momento, ás tropas indecisas, incitando-as a fazer a Republica, em discursos memoraveis, alguns dos quaes são lembrados no livro de Ernesto Senna "Subsidios para a H'atoria da Republica". Aos batalhões formados no campo de Sant'Anna, hoje campo d'Acclamação, justamente no quadrilátero em frente da actual Escola Normal, dizia, com vehemencia, o tribuno revolucionario:

"O sol que illumina estes canhões hiantes, estas espadas ainda limpas de sangue, não se esconderá atrás das nossas montanhas, no seu occaso, sem que primeiro se resolva a empolgante mudança do regimen politico para o Brasil! Soldados! Peço me acompanheis num brado unisono e victorioso: Viva a Republica!" Estas palavras produziram tal enthus'asmo e sobresalto nas fileiras que dentro de um minuto o marechal Deodoro mandava a Sampaio Ferraz esta simples phrase: Ainda é cedo!

Um homem de tal tempera não podia ser esquecido. Organizado o ministerio, no Instituto dos Surdos-Mudos, de que era director Benjamin Constant, o marechal Deodoro mandou chamar Sampaio Ferraz para occupar o cargo que, naquelle momento, era talvez o mais importante de todos — o de chefe da Segurança Publica da Republica. Nenhum momento houve, em nossa historia, mais perigoso do que o da implantação do novo regimen, pois era certo que o imperador gozava de estima popular e de não poucas dedicacões nas classes armadas, principalmente na Marinha. Cada um tinha, pois, que jogar a sua vida. Foi bem o momento psycholog'co em que se accentuaram as grandes energias moraes. A nomeação de Sampaio fôra uma medida acertadissima. Um pulso de ferro, desmedida coragem, alliadas á proverbial sagacidade e inquebrantavel sentimento de justiça, deram-lhe um tal relevo que o seu nome, quasi legendario, começou a correr, celere e aclamado, por todos os recantos do Brasil!

Falta-nos espaço para recordar aqui todos os feitos dessa policia memoravel, a mais famosa de todas que tivemos, bastando lembrar o acontecimento mais empolgante: — a tremenda e victoriosa campanha contra os celebres capoeiras, desordeiros contumazes, muitos dos quaes fascinoros que importando-se pelo terror, dominavam varios antigos bairros da cidade e, quando o queriam, o proprio centro da Côrte. As chronicas do tempo

referem que o capoeira constituía no Rio de Janeiro duma verdadeira potencia, estranhamente indebellavel! Nas campanhas eleitoraes, nas festas, formaturas de batalhões, armavam luta feroz a navalha, ferindo-se, deformando-se e, por vezes, fazendo cair sem vida o adversario. Formavam grupos poderosos entre os quaes se destacavam os Ganôas e Guayamús. Da rivalidade entre elles nasciam lutas sanguinolentas. Ao lado destes, havia o grupo dos capoeiras amadores, os "cordões elegantes", cuja especialidade era promover conflictos e desordens nos theatros, casas de jogo e demais logares frequentados pela alta roda da Corte.

A policia imperial, em successivas campanhas, destacando-se a lesfechada pelo energico desembargador Siqueira, jámais conseguira dominar essa terrivel maita que, ao lado da febre amarella, constitua então uma verdadeira calamidade nacional. Pois o que o Imperio não conseguiu em 20 ou 30 annos, Sampaio Ferraz realisou em menos de 6 mezes! Como medida preliminar, porém, começou dando o exemplo: não mandava prender e atacar os reductos mais poderosos; ia, pessoalmente, e não raras vezes, usava de sua conhecida robustez e agilidade physica. Além deste recurso valioso, usou de outro, mais decisivo ainda, o que lhe assegurou, talvez, o triumpho da campanha: começou prendendo todos os capoeiras-amadores, da alta roda, especie de "meninos bonitos" avalentoados, e, sem fazer excepção de especie alguma transficava-os no xadrez da policia, ao lado dos mais reles desclassificados!

Em seguida, deportava-os para as fortalezas da barra e para o presidio de Fernando de Noronha, nas costas de Pernambuco. Assim, com as duas grandes armas, raramente empunhadas pelos homens de hoje, — a coragem moral e a justiça, Sampaio Ferraz amparado pela opinião publica, triumphava desde o primeiro dia numa campanha de cujo exito muitos duvidavam. Não tardou, porém, que surgissem grandes contrariedades e aborrecimentos alguns dos quaes se tornaram memoraveis e realçam o animo varonil de Sampaio Ferraz.

O primeiro desgosto quem soffreu foi Lopes Trovão, o grande tribuno da propaganda, amigo intimo do chefe de policia. O conhecido republicano teve, sob o Imperio, de afrontar nos "meetings" o punhal ameaçador dos adeptos do throno. Em uma dessas occasiões foi um dos mais terribes capoeiras, então conhecido, o braço forte que o livrou generosamente de um golpe mortal. Nestas condições, sabendo da prisão e imminente desterro do homem que lhe salvara a vida, o ardoroso tribuno tentou em vão libertar-o não só junto de Sampaio Ferraz, como mais tarde perante o proprio generalissimo Deodoro, presidente da Republica, nada, porém, conseguindo.

Este facto, passado com um dos maiores amigos do chefe de policia, produziu tal impressão no espirito publico que, dias depois, fugiam do Rio de Janeiro, varios capoeiras importantes entre os quaes um filho de conhecido e estimado almirante, afim de não cair nas malhas da policia. (Estes factos vem citados na obra de Dunshee de Abranches — "Actos e actas do governo provisorio").

O acontecimento, porém, mais ruidoso e celebre da campanha e no qual Sampaio Ferraz se houve com extraordinaria energia e desassombro, foi o da prisão e desterro de José Elysio dos Reis, filho dos condes de São Salvador de Mattozinhos, importante capitalista e figura da alta roda carioca, prisão esta que provocou uma crise ministerial.

"Bella figura de rapaz forte, estroina e maneiroso, trajando sempre com apurada elegancia, José Elysio dos Reis — o Juca Reis, como era mais conhecido, tinha-se tornado famoso nas viellas do crime, por seus constantes conflictos e violencias, frequentes espancamentos em mulheres decahidas e pela autoria ou cumplicidade de um assassinato occorrido em meados de 1888, na rua dos Andradas, junto ao largo de S. Francisco de Paula".

Pouco antes da proclamação da Republica elle havia partido para a Europa, onde ainda se encontrava, quando foi encetada a energica repressão daquelles perversos delinquentes. Conhecendo as estreitas relações de amizade entre o saudoso chefe Quintino Bocayuva, então ministro do Exterior e o conde de Mattozinhos, Sampaio Ferraz lembrou ao chanceler republicano a conveniencia de um aviso da familia para que José Elysio não regressasse ao Rio de Janeiro, pois que estava disposto a não deixar o pisar impunemente as ruas dessa capital.

Foi, pois, com grande surpresa que, no dia 8 de Abril de 1890, Sampaio Ferraz deparou com o famoso valentão, todo de cartola cinzenta e luvas, bem em frente da Confeitaria Paschoal, na rua do Ouvidor, havendo desembarcado horas antes de um vapor da Messageries.

Sampaio Ferraz dá-lhe immediatamente voz de prisão e falo recolher ao xadrez da policia, junto com os demais capoeiras. Ao mesmo tempo que o ministro do Exterior se mostrava profundamente constrangido e pedia a liberdade do preso, filho do seu protector e antigo proprietario d'"O Paiz", Sampaio Ferraz declarava positivamente ao governo que, ou Juca Reis seguia o destino dos demais capoeiras, ou elle abandonaria o cargo de chefe de policia.

No primeiro despacho colectivo com Deodoro, o do dia 12 de Abril (1890), declara-se a crise ministerial. Quintino Bocayuva solita a sua demissão do cargo de ministro das Relações Exteriores, declarando que as relações pessoases que o



ligavam á familia do moço encarcerado, determinavam a sua retirada do governo.

O marcehal Deodoro levanta-se e diz não consentir na retirada de tão illustre companheiro. Campos Salles e Ruy Barbosa defendem o acto do chefe de policia, enquanto outros ministros o julgam excessivo. (Vêde "Actos e actas do Governo Provisorio" — D. de Abranches).

No dia seguinte, dá-se a entrevista entre o marechal Deodoro e a condessa de Mattosinhos, dignissima matrona, das mais bellas virtudes pessoas, e que, em tão angustioso momento, ia interceder pelo filho.

Deodoro chama, em seguida, Sampaio Ferraz ao palacio Itamaraty, e, grande coração que era, narra a sua penosa situação, referindo haver-se a illustre fidalga ajoelhado a seus pés, alfofrando-os de lagrimas e supplicando commovedoramente a poupassem de vêr o seu filho em um afastado e lugubre presidio de criminosos vulgares, e accrescentou que, compungido diante de tão emocionante scena, elle havia promettido acudir áquelle angustioso appello.

A estas palavras do dictador enternecido, responde Sampaio Ferraz: Tudo está bem general, mas permitta-me ponderar a v. exc., neste doloroso momento, que igualmente já soffri a funda magoa de vêr aos meus pés uma porção de outras mães intercedendo por filhos estremecidos, a quem resisti em nome dos sagrados interesses sociaes e da dignidade da Republica. Eram humildes criaturas, pobres mulheres do povo, algumas talvez fieis companheiras de bravos soldados do Exercito Nacional, e, entretanto, mães tão extremosas e dignas de compaixão quanto a veneravel condessa de Mattosinhos!

Fitando Sampaio Ferraz com as fulgurações de um olhar que se humedecia e apertando-lhe as mãos com carinhoso affecto, o valente cabo de guerra exclamou, commovido: Tem razão; tem razão. Mande o homem!

No dia seguinte, Glycerio e Campos Salles, no intuito de conciliar os interesses em jogo e pôr fim á crise ministerial provocada por Bocayuva que insistia em seu pedido de demissão, propuzeram ao chefe de policia o alvitre de fazer embarcar Juca Reis até Pernambuco e dalli facilitar o seu regresso para a Europa, mediante petição despachada pelo proprio chefe de policia.

Sampaio Ferraz, porém, disposto desde o primeiro momento a não recuar, a tudo resistiu e, por fim, venceu. E no dia 1.º de Maio de 1890 era Juca Reis deportado, com os demais capoeiras, para o presidio de Fernando de Noronha, a bordo do vapor "Arlindo", alli permanecendo, encarcerado, durante 6 mezes. Quintino Bocayuva, mais conformado, resolveu continuar no posto de ministro do Exterior.

Apenas o conde de Mattosinhos resolveu abandonar a propriedade d'"O Paiz", passando-a ao conselheiro Mayrink.

Estes acontecimentos, que tanto agitaram, no momento, a opinião publica, a qual se manteve unanime ao lado do chefe de policia que della recebeu grandes e festivas demonstrações de applauso, vêm longamente narrados nos "Actos e Actas do Governo Provisorio", de Dunschee de Abranches, "Subsidios para a Historia da Republica" de E. Senna e nas "Reminiscencias" insertas ha tempos na "Noite", do Rio de Janeiro.

Almeida Nogueira, em seu interessante trabalho "Tradições e Reminiscencias" (9.ª serie), narra, á pag. 260, um outro facto historico passado na administração Sampaio Ferraz, o qual merece ser lembrado.

"De outro serviço menos celebrado por ser menos notorio, são devedores a Sampaio Ferraz os primeiros dias do Governo Provisorio. Infelizmente o desatino alheio não se demorou em vir desfazer a sua obra de benemerito patriotismo. Referimos ao assalto brutal, na noite de 29 de Novembro de 1890, ao escriptorio e officinas da "Tribuna", installados na rua do Ouvidor, facto este que occasionou o pedido de demissão collectiva do ministerio.

Os antecedentes desse verdadeiro desastre politico que tanto maculou a vida do governo provisorio, vieram, ao contrario, pela eloquencia mesmo do contraste, realçar o sincero liberalismo de Sampaio Ferraz e a sua tempera varonil na mais difficil emergencia.

Como ainda se acha na memoria dos contemporaneos, a "Tribuna" sucessora da "Tribuna Liberal", movia, sob a direcção de Antonio Medeiros, violenta opposição ao governo do Marechal Deodoro. Este, e, ainda mais do que elle, os seus parentes e alguns officiaes militares sofriam com má contida paciencia aquelles ataques. Não tinham a mais tenue intuição do que fosse a liberdade de imprensa!

Em certa occasião, foi o dr. Sampaio Ferraz procurado em seu gabinete, por dois officiaes militares, sendo um de patente superior — o general Piragibe — e outro, que presentemente... sim, presente mas então não passava de capitão, sentemente mas então não passava de capitão, a inda que capitão e sobrinho do seu "tio"... (Trata-se do marechal Hermes Rodrigues da Fonseca, ex-presidente da Republica). Ao dr. Sampaio vinham declarar que haviam deliberado pôr cobro á injuriosa campanha da "Tribuna" contra o Marechal e por isso preveniam a policia de que estava assentado para "a noite seguinte" um assalto á mão armada áquelle redacção e ás suas officinas!!

— Jamais consentirei nesse attentado! interrompeu-os com severidade, Sampaio Ferraz.

Piragibe sorriu com ligeiro laivo de zombaria e depois perguntou: Mas não consente, de que modo?

— Oppondo-me... por todos os modos. Farei sahir á rua, com as almas emba-

das, toda a força da brigada policial, a cuja frente, pessoalmente me collocarei. Mandarei fazer fogo contra os perturbadores da ordem e na acção procederei com a maior energia: prenderei e mandarei processar os criminosos, quem quer que sejam, mandantes e mandatarios. Se tiver de enfrentar forças superiores, lutarei sem pavor, succumbirei, talvez, cumprindo o meu dever, mas succumbirei em defesa dos direitos do cidadão, da liberdade do pensamento e da honra da Republica!

Esta nobilissima resposta, proferida com firmeza e energia varonil, teve o effeito de conjurar por algum tempo, a medonha borrasca que devia mais tarde desabar. Com effeito, dias depois, por desavença com o governo, a proposito de um acto administrativo que o contrariava, Sampaio Ferraz pedia demissão do elevado cargo que exercera com tanto zelo, nobreza e patriotismo.

Com a sua retirada desapareceu o mais poderoso amparo da "Tribuna" e esta, a 29 de Novembro de 1890, cerca de um mez depois, succumbia victimada pelo ignominioso attentado que contra ella perpetraram amigos ursos do inclito fundador da Republica.

Taes attitudes, assumidas por um joven ainda na flor da mocidade e cheio de natural ambição, em face de uma poderosa ditadura militar, constituem seguramente lições de civismo, de desassombro, dignas de ser divulgadas no seio da mocidade brasileira para que ella, retemperando-se nesses bellos gestos do passado, não deixe estiolar e morrer a antiga, solida e valerosa fibra brasileira.

Deixando a Policia, coberto de louros e em meio de manifestações populares das mais estrondosas realisadas no Rio de Janeiro, o povo agradecido, quiz presentear-o com um palacete. Sampaio Ferraz mandou immediatamente sustar a subscrição popular, pedindo que ella revertesse em favor de um dos asylos da cidade, no que foi attendido.

Querendo premiar os extraordinarios serviços por elle prestados, o governo provisório galardeou-o com a patente de coronel do exercito brasileiro. Quasi ao mesmo tempo era elle feito coronel commandante da Brigada de Cavallaria da Guarda Nacional do Rio. E, como mais tarde, em 1892, ao fundar o famoso Batalhão Tiradentes, foi elle aclamado coronel-commandante do mesmo, ficou o integro republicano sendo coronel tres vezes, o que deve ser, presumimos, o "record" dos coronelatos no Brasil... E não valer'a elle, na realidade, 3 ou 4 "coroneis" dos nossos?...

Nessa época Sampaio Ferraz já se havia tornado a individualidade mais querida e popular do Rio de Janeiro. Por toda a parte celebravam e applaudiam a sua coragem, decantavam-lhe a energia indomita e o invulneravel sentimento de justiça. Nas revistas theatraes, nas mo-

dinhas da lyra popular, nos artigos da moda, etc., figurava o nome de quem fôra, com espanto de todos, o pesadello dos delinquentes, o terror e vencedor dos capoeiras! Muitas outras figuras surgiram depois, algumas com feição mais nacional, se quizerem; porém todas com os seus adversarios mais ou menos extremados, emquanto Sampaio Ferraz conseguiu o milagre da unanimidade absoluta. A natureza do cargo, as excepcionaes qualidades do homem, eram das que mais facilmente empolgam a massa popular".

LITERATURA

A "VIDA OCIOSA", DE GODOFREDO RANGEL

Sobre o bello romance do joven escriptor mineiro sr. Godofredo Rangel escreveu o sr. AUGUSTO DE LIMA, no "Imparcial" um artigo, que merece transcrição pelo valor excepcional do livro e pela autoridade do critico.

Em recente carta que me dirigiu Monteiro Lobato, a quem peço desculpar a minha indiscreção, literariamente louvavel, leio esta confidencia entusiastica: "Aquillo (o livro de Godofredo Rangel) é que é escrever, e sentir, e observar! Sinto-me pequeno diante delle, desse humilde rapaz desconhecido que é uma das puras glorias literarias de Minas.

E' um livro que se lê, e relê e trelê, cada vez com mais encanto. E como editor estou todo ancho de ser por meu intermédio que essa estrella de primeira grandeza começa a brilhar nas nossas letras".

Depois de tão effusivo elogio, traçado pela penna que escreveu os "Urupês", "Cidades Mortas", "Idéas de Jeca Tatú" e "Negrinha", nada mais era preciso, para que de par em par se franqueassem festivamente ao neophito as portas do panteon das letras. Nem a critica ousa embaraçar o accesso victorioso com pedido de vista impertinente e protelatorio, depois de uma tal sentença, proferida em instancia, que reputo unica, pela competencia de quem a proferiu.

A sentença de Monteiro Lobato foi justa, menos quando se referiu ao seu prolator, unica parte em que cabiam embargos e a critica os opporia, se não fosse a certeza de serem desprezados "in limine" pela modestia do juiz. E' justa a sentença quanto ao valor da "Vida ociosa".

E', com effeito, este um dos melhores livros que o genio brasileiro produziu no anno trascorrido. Original na concepção, perfeito na forma, verdadeiro e sincero nas confissões de alma e na interpretação das scenas e paisagens que descreve.



E' tão simples, entretanto, a série de episódios de que se faz a urdidura empolgante das impressões descriptas!

E' durante a villegiatura na roça de um juiz do interior de Minas, que se passa toda a acção do romance. Mas não se pense que essa acção seja de enredos dramaticos, de intrigas complicadas, de amores bucolicos e lyrismos pastoris. Nada disso. São scenas e quadros que todo o mundo vê, a mesma natureza, os mesmos homens, os mesmos costumes na sua trivialidade commum.

Tudo isto como num livro aberto, visto e apreciado por todos, mais ou menos conforme a visão de cada um.

Sobretudo, porém o que predomina invariavelmente é uma constante monotonia das cousas, sempre as mesmas, da successão morosa e compassada dos factos na sua normalidade invariavel. Pois bem: foi justamente nessa monotonia, feita de cousas triviaes, que Godofredo Rangel encontrou motivo para, realizando uma obra de arte superior, estudar, como fina psychologo, um dos mais interessantes estados de alma, revelados sob os mais curiosos aspectos. A monotonia do "Le desert" inspirou a Pierre Loti a mais difficil das suas concepções de quantas realizára no romance. Mas, apesar de toda a sua maestria, já exercitada em outros assumptos dos seus livros, sem embargo das bellezas disseminadas á margem daquella peregrinação, ainda assim, pela ingratidão das areias inhospitas, "Les Desert" ficou um livro monótono, de leitura fatigante. Mais feliz que o doce narrador do "Vecheur d'Islande" Godofredo Rangel fez, da monotonia da vida da roça, com uma riquíssima palheta, a que não foi vedado nenhum segredo da cor e despreocupados tons de um leve humor philosophico, um admiravel quadro da Natureza numa tela de scenas vivas e palpitantes. E' que toda a alma do autor se comunica ás cousas que descreve. Não ha exaggero, mas justa precisão nestas palavras de Hilario Tacito, que primorosamente lhe prefaciou a "Vida ociosa":

"O que me parece característico seu inconfundível é que elle está presente e se revêla até no intimo, ainda quando descreve sitios e paisagens que o impressionaram. Cada cousa vista desperta-lhe emoções immediatas que se ligam a outras interiores por élos inconsistentes, numa cadeia de evocações, cujas formas precisas elle surprehende e grava instantaneamente, em paginas que são obras primas de psycho-analyse".

A historia da solitaria e decadente fazenda do Poço Fundo e do velho casal que a habita é de uma belleza melancolica e de uma ternura sadia, onde o pictoresco se casa a leves toques de ironia benevola para com o Americo, o filho unico de Prospero e Siá Marcianna, o qual vivia nas suas ingenuas locubrações scientificas, na vendinha da beira da estrada.

Com que interesse o leitor acompanha, fascinado pela penna do romancista, todos os movimentos da vida caseira de Siá Marcianna, desde o terreiro das criações, incluido o episodio do frango Marrequinho, até o papagaio e a historia da sua velhice naquella velha casa de velhos!

Nem lhe faltou a gata carinhosa e importuna no seu ron-ron.

E o tédio do concerto interminavel das dez rédes do Sr. Prospero, e a monotonia das cousas que ia invadindo a alma somnolenta do hospede?

Este capítulo é de um irresistivel encanto suggestivo. O hospede deixou-se vencer pela preguiça da digestão do almoço. Ao cabo do concerto da segunda rede (eram dez!), annuciado pelo velho pescador, era esta a sua situação:

"A cabeça azoinada achou-se bem naquelle aconchego de paína macia, e a alma dilatou-se satisfeita, predisposta a cahir na beatitude de um longo cochilo... Parava o tempo, o mundo immobilisava-se na ultima postura das mãos e no derradeiro soído de voz, como no castello de princeza adormecida, suspendia-se a vida numa ultima emoção, o rythmo do coração numa diastole final, tudo passava ao estado de irreallidade e de sonho... Não era bem dormir, mas apenas entreviver, fazer na alma um grande vacuo, dar-lhe uma varredura nas idéas e preocupações, fazela uma cousa inerte que se abre ao sol e á vida com a passividade de uma fronde largamente espalmada na altura..."

O quadro termina com estes toques magicos de encantamento:

"Longe, na estrada, rangia ainda o carro, interminavelmente; e era como se o meio-dia se houvesse feito som e por essa voz atorporada e longa dissesse o desmaio voluptuoso dos grandes campos adormecidos ao sol..."

A monotonia é cortada por historias de aventuras de caçadas; estas tambem acabam tornando-se monotonas; mas o leitor acompanha attento e seduzido os caprichos irresistiveis do narrador, ora alludindo aos cochilos do papagaio, ora fazendo evoluções elegiacas aos encantados accordes da sanfona do Americo, ora num salto de ironia, voltendo a memoria á vida forense...

O episodio do sentenciado Lourenço é de uma dramaticidade simples e cruel. Um criminoso, que, cumprida a pena de 30 annos, volve ao lar; encontra a companheira, por quem commettera o crime, entregue ao outro e em vez de tomar uma vingança de tragedia, troca com ella phrases de pura cortezia, bebe-lhe o café, que ella tambem muito calma offerece, e depois, retomando a trouxa e o bordão, segue sem rumo, indefinidamente...

"Crescite et multicamini" é a descripção de um solar patriarchal, que era a fazenda da Paineira, onde os casaes numerosos, cançados de ocios, viviam encos-



tados a sô Quim Capitão, e cuja vida consistia em dormir, comer e procrear.

O humorismo imaginoso de Godofredo Rangel revê-la aqui em toda a sua graça e expansão. A semelhança da situação descripta com outras que conhecemos por esse interior desperta-nos maior admiração ao artista que soube apanhar, com um poder enorme de penetração, o lado comico e picaresco, inédito á observação vulgar.

O livro acaba num traço sympathico, rematando a physionomia dos moradores da velha fazenda, que offerecem um rico annel ao juiz municipal, que, por sua vez, em retribuição gentil, entrega a Americo um telegramma com a boa nova da criação de uma cadeira rural, seu almejado sonho de ouro.

Que bello livro! Fica-se com vontade de realizar a mesma villegiatura nas fazendas do Corrego Fundo e da Paineira, para continuar a viver as deliciosas paginas da "Vida ociosa".

Que pena que não vivam de carne e osso os amigos Prospero, Siá Marciana e Americo, admiraveis creações do genio bom de Godofredo Rangel!

Consofemo-nos, lendo de novo o livro, e, de vez em quando, tornando a lê-lo, de pleno accôrdo com Monteiro Lobato.

QUESTÕES SOCIAES

O AUGMENTO DA POPULAÇÃO DO MUNDO

A proposito do ultimo recenseamento nacional, o sr. AFFONSO CELSO recordou, no "Jornal do Brasil", as reflexões do professor H. Truchy sobre o augmento da população do mundo.

A população do mundo augmentou consideravelmente no curso dos seculos ultimos.

Tanto quanto é possivel confiar em avaliações que, para épocas nas quaes a estatística não se achava ainda organizada, são necessariamente conjecturaes, a população da Europa era, em 1760, de 130 milhões de habitantes; em 1811, de 180 milhões; em 1861, de 280 milhões; em 1911, de 450 milhões.

O augmento foi, pois, de 38 por cento, entre 1760 e 1811; de 56 por cento, entre 1811 e 1861; de 62 por cento, entre 1861 e 1911.

Quanto ao mundo inteiro, a população passou de 750 milhões, em 1760, a um bilhão 650 milhões em 1911.

Por mais consideravel que seja este accrescimento, não resta duvida que, no conjuncto, não só os meios de subsistencia, no sentido estreito da expressão, como os bens de toda sôrte proprios ao uso

do homem, augmentaram ainda mais: a humanidade dispõe agora de provisões materiaes como em nenhum outro periodo.

Por outro lado, muito irregular é a distribuição dos habitantes na superficie da terra. A densidade da população por kilometro quadrado é, para a Europa, de 45 habitantes; para a Asia, de 19; para a Oceania, de 5; para a America, de 4.

Na Europa mesmo, registram-se grandes irregularidades. Assim, enquanto a Belgica apresenta 252 habitantes por kilometro quadrado a Inglaterra 239, a Allemanha 120, vemos a Hespanha com 39, a Russia com 26, a Suecia com 12, e a Noruega com 7.

Fôra da Europa, a irregularidade é tambem muito grande. No Canadá, a proporção por kilometro quadrado é de 1 habitante; nos Estados Unidos, de 12; no Mexico, de 7,6; no Brasil, de 2,4.

Ninguém sustentará que, em todas as partes habitaveis do globo, a população venha a ser um dia tão densa quanto o hoje em certos paizes, de modo que os 252 habitantes por kilometro quadrado da Belgica si tornem a regra geral.

A densidade é funcção de determinado numero de elementos: clima, fertilidade do sólo, riqueza mineral, estado da technica agricola e industrial, havendo alguns fornecidos uma vez por todas e immodificaveis pela acção dos homens.

Mas o certo é que ha logar no mundo para muito mais homens de diversas raças do que as agora existentes.

E' verosimil que, na actual situação da technica, a população do mundo possa ser duplicada, sem o risco de collidir com o limite das subsistencias.

Não significa isto que não se possa dar em certos paizes, ou em regiões mais ou menos extensas de alguns paizes, um accumulo de população: foi o caso da Irlanda e de varias provincias italianas, no decurso do seculo 19º.

Na immigração, facilitada pelo progresso dos transportes, está o meio de remediar o tal excesso de população local.

A immigração derrama o superfluo da população dos paizes atravancados nos paizes de população escassa, contribuindo, desse modo, para tornar menos irregular a distribuição dos homens pelo mundo.

Conforme o famoso Malthus, a população de um paiz, quando não detida por algum obstaculo, vai dobrando de 25 annos em 25 annos e cresce de periodo em periodo, segundo uma progressão geometrica.

E' discutivel a these de Malthus que não dispunha, no fim do seculo 18º, quando escreveu, de informações estatísticas completas e seguras.

No seculo 19º, comquanto na alguns paizes houvesse sido consideravel o augmento de população, nenhum, todavia, averiguou a duplicação do numero de seus habitantes, por periodos de 25 annos.

Mesmo nos paizes que mais se prestavam a rapido accrescimento da população,



aquelles onde havia pouca gente e muitas terras vagas, o movimento proprio do numero de habitantes, isto é, o seu augmento mediante o excesso dos nascimentos sobre os obitos, abstracção feita do contingente trazido pelos immigrants, não representa o dobro em 25 annos.

Nem no Canadá, nem na Argentina, nem nos Estados Unidos, notou-se esse phenomeno de quarto de seculo em quarto de seculo.

Na Europa, em paizes de rapido accrescimento de população, como a Inglaterra, a Allemanha, a Belgica, acham-se periodos de duplicação que não descem abaixo de 40 e 50 annos e não se elevam a 80.

Sem duvida, o facto da população dobrar em 25 annos não é elemento essencial da doutrina de Malthus.

Se se admittir que, em um periodo determinado, qualquer que lhe seja a duração, a população tende a crescer segundo

progressão geometrica, emquanto as subsistencias apenas crescem em progressão arithmetica, mistér será fatalmente que um dia a fome ou outros flagellos devastadores eliminem o excesso de seres humanos.

Mas, desde que o periodo de duplicação do algarismo dos habitantes é de muito menos de 25 annos, até nos paizes cujas condições favorecem o augmento, e uma vez que no mundo ha ainda lugar para centenas de milhões de novos habitantes, o problema não é actual e não póde ser utilmente discutido.

Escapa ás nossas vistas o que se passará daqui a dous ou tres seculos e não é inverosimil que no futuro a utilização da natureza pelo homem seja tal que a questão das subsistencias haja totalmente mudado de aspecto.

Não tenhamos preocupações tão longinquoas.





ESPERANTO

Ha cerca de vinte annos (isto vae sem precisão alguma) um paciente e engenheiro moscovita, o Dr. Zamenhoff, descobriu um succedaneo do famoso e defuncto Volapück: e poz-lhe nome "Esperanto" — nome onde soube vasar aquella dóse discreta de vago mysticismo, que é tão do paladar dos homens praticos.

O Esperanto propagou-se rapidamente, ameaçando conquistar o mundo. Em poucos annos, os seus adherentes contavam-se por muitos milhares, e esses milhares passaram logo á ordem seguinte. Os esperantistas mais tomados de anseios apostolicos exultavam. Mas não tardou que surgisse o inevitavel scisma: surgiu o *Ido*. E surgiu a *langue Bleu*. Atrás disso veio uma sensivel diminuição do impeto inicial, com que o Esperanto abrira vôo. Os seus progressos, sem serem contestaveis, estão comtudo muito longe de se desenvolverem segundo uma *progressão*. Dir-se-ia que o Esperanto, logo de entrada, conquistou quasi todos os que deviam ser seus adeptos, nas varias partes do mundo.

O Brasil não podia deixar de fornecer bom numero de taes adeptos. Todas as idéas generosas e nobres, como se costuma dizer, tem aqui adeptos ardentes ou, pelo menos, mornos. Apenas, as idéas generosas e nobres que mais profunda e mais largamente nos interessam, essas, ficam de lado... Como a defesa desse malsinado, e utilissimo Café, que representa a base da nossa economia, a vida, o sustento, a felicidade de trinta mil familias brasileiras. Como a propagação do ensino primario e da educação

profissional, que seriam a força e o viço da nacionalidade, sempre a cata de enxertos alienigenas, que se tornariam inúteis. Como a defesa e protecção da primeira infancia brasileira, cuja sorte está entregue á rotina ignorante, á miseria assassina, ao crime, á exploração, á doença, a todos os flagellos do céu, a todas as ignominias e todos os horrores.

O Brasil tem um grande numero de esperantistas. E esses esperantistas se aprestam a celebrar mais um Congresso, onde trocarão as suas idéas e as suas impressões sobre o movimento no Brasil e no mundo, bem como sobre os meios de intensificar a propaganda.

Não partilho, infelizmente, das esperanças que os esperantistas alimentam. Uma "lingua universal" só é possivel para reduzido numero de amadores, com tempo para manter artificialmente, por uma applicação continua, a perfeita integridade do idioma. No momento em que essa lingua comece a ser usada livre e correntemente, como qualquer lingua natural, nesse momento começará, em qualquer parte do mundo, a obra insidiosa, tenaz, invencivel, fatal das differenciações regionaes, da dialectação, numa palavra; e lá se irá por agua abaixo o sonho da lingua *universal*... para toda a gente.

Emquanto não se modificarem as condições naturaes de clima, de meios phisicos, de raça e outros que formam as differenças physiologicas e psychologicas de que derivam as modalidades da linguagem, emquanto não se conseguir esse milagre, não será prudente contar com a possibilidade de uma só lingua para todos os povos.

Entretanto, nada se perde neste mun-

do! Alguem ha de aproveitar a experiencia realizada pelos outros. Execute-se, pois, até onde fôr possível, com o maximo de esforços, de precauções, de energias, de entusiasmos, a experiencia linguistica do Esperanto. Quanto mais favoraveis as condições dessa experiencia, maior valor terá o seu resultado para os que gostam das experiencias pelo que ellas ensinam, seja qual fôr a lição. — Vorick.

"ENFERMIDADES DA LINGUA"

Lemos num jornal: "Campeonato Sul Americano". Em outro: "Relações Luso Brasileiras". Em outro: um ferimento perfuro cortante". Em todos esses exemplos houve supressão do hyphen, ou traço de união, que era de rigor.

Tratando-se de palavras compostas, o pequeno traço é de evidente necessidade, para, como o proprio nome indica, mostrar que existe estreita união entre os dois elementos. Assim mesmo se entendeu sempre — até certa epoca. Não havia quem, menino de escola que fosse, olvidasse esse pequenino signal, tão facil de fazer e de tão essencial importancia em todo systema de graphia que mereça o nome de systema.

Entretanto, de algum tempo a esta parte, quasi simultaneamente, surgem aqui, ali, acolá, na imprensa, na correspondencia commercial, na frente dos estabelecimentos, em toda a parte, e tanto em S. Paulo, como no Rio e outros pontos do paiz, essa curiosa novidade de se supprimir o traço de união até onde elle é mais necessario, como naquelles casos em que a sua ausencia pode ocasionar obscuridade e confusões!

Desde que, pela sua constante repetição, começou a fazer-nos especie o estranho phenomeno, puzemo-nos a matutar sobre as suas causas possiveis. Seria facil attribui-lo, por exemplo, á... famosa decadencia do ensino. Mas essa explicação complicaria o problema. Como é que essa decadencia, que, se existe, vem de longos annos, só agora, e simultaneamente em tantos pontos deste vasto paiz, entra a manifestar-se por um phenomenozinho identico?

Não, a causa ha de ser outra. Em falta de melhor, cremos poder attribui-la á machina de escrever. Sim, á machina de escrever... Parece que á escriptura mechanica, na qual todo individuo, embora sem maior necessidade de economisar tempo, procura ser o mais expedito que lhe é possível, cabe a principal responsabilidade no caso. Confessamos que não conseguimos ainda perceber o *mecanismo* do facto, isto é, o processo psychologico em suas minucias; mas acreditamos que a machina tem culpa no caso. Sem ella, será difficil achar explicação aceitavel. Demais, é preciso ponderar a coincidência do phenomeno com a crescente propagação da machina de escrever entre nós.

Seja como fôr, aqui têm os glottologistas uma interessantissima prova a mais da inconsciencia e da simultaneidade dos phenomenos linguisticos. E só esta reflexão vale o trabalho desta parlan-da. — Silvestre Silverio.

ACADEMIA BRASILEIRA

Dos trinta dias de Abril, a Academia Brasileira commemora no seu calendario dezenove. Tendo apenas um quarto de seculo de existencia, mas carregando, com os patronos das suas cadeiras, a contar de Gregorio de Mattos, tres seculos de tradição, póde a nossa Academia gabar-se de ser mais velha do que a Academia Franceza, e vae assim se apoderando de todas as datas do anno com os seus natalicios e os seus trespasses, a que trazem tambem contingente apreciavel os membros estrangeiros.

A 2, em 1840, nasceu Emilio Zola, primeiro correspondente eleito e a quem succedeu o grande lyrico portuguez Antonio Corrêa d'Oliveira.

A 5 nasceram, em 1860, Augusto de Lima e, em 1866, Vicente de Carvalho, que succederam, respectivamente, a Urbano Duarte e Arthur Azevedo, dois fundadores da Academia.

A 6 nasceu Goulart de Andrade, em 1882. O poeta da *Plenitude* é actualmente o 1.º Secretario da Academia, posto em que substituiu Afranio Peixoto. Foi por algum tempo o caçula da Academia, de-



pois de Paulo Barreto e antes de Helio Lobo. E' um dos que mais trabalharam no conaculo, onde já fez o elogio não só de Jaceguay, a quem succedeu, como tambem do patrono da cadeira, Casimiro de Abreu. Recebeu, em notavel discurso, a Xavier Marques e acaba de fazer a memoria historica do anno findo, com o brilhantismo e a leveza a que já nos acostumaram todas as suas produções.

A 7, em 1623, nasceu Gregorio de Mattos. E' a data princeps da Academia, que, na flôr dos annos, foi buscada tão recuada para se dar autoridade e circumspecção, mostrando bem ás mulheres que, embora feminina, engeita os seus engenhos... Gregorio é o patrono da cadeira de Felix Pacheco, que falará sobre elle no seu tricentenario, como falará este anno no centenario do Marquez de Paranaguá, que é o seu patrono na Academia do Piahy.

A 8 nasceu, em 1857, José Verissimo, cuja "Revista Brasileira", na travessa do Ouvidor, hoje rua Sachet, foi o berço da Academia. Vem a proposito lembrar que, tendo a Academia nascido na rua Sachet e funcionando na rua Augusto Severo, não seria despidiendo eleger para uma de suas cadeiras a Santos Dumont, o que apenas dizemos como balão de ensaio...

A 10 falleceu, em 1907, Teixeira de Mello, o qual dissera, em um verso: "Eu sou como o sepulcro de mim mesmo" e, em outro, "Quem do meu nome guardará memoria?!", o que deu causa certamente a que seu successor na Academia, Jaceguay, só falasse de si proprio, deixando em olvido a memoria do poeta.

A 11 falleceu Joaquim Manoel de Macedo, em 1882. E' o patrono da cadeira de Humberto de Campos e o centenario do seu nascimento foi celebrado pela Academia, no anno passado, com grande elevação. Humberto é o mais moço da illustre companhia e mal entrou para ella viu-se logo guindado a figura central de um centenario, o que concorreu talvez para o tom austero que desde então tomaram as chronicas do "Conselheiro X. X."

A 12, em 1863, nasceu Raul Pompeia. Escolhera-o para patrono Rodrigo Octavio, mas teve de cedel-o ás instancias reiteradas de Domicio da Gama, que fez so-

bre o seu conterraneo um dos mais bellos elogios ouvidos na Academia. Ficou então o illustre paulista com Tavares Bastos.

A 14, em 1857, nasceu Aluizio Azevedo, a quem veio a succeder Alcides Maya.

A 16, nasceu Julio Ribeiro, em 1845, e falleceu Heraclito Graça, em 1914. O primeiro é o patrono da cadeira de Luiz Guimarães Filho. Ao segundo succedeu Antonio Austregesilo.

A 19, nasceu França Junior, em 1838. E' o patrono da cadeira de Augusto de Lima.

A 20, nasceram Tavares Bastos, em 1839, e o Barão do Rio Branco, em 1845. A este, que succedera ao senador do Imperio Pereira da Silva, succedeu o senador da Republica. Lauro Müller.

A 21, nasceram Sylvio Romero, em 1851, e Antonio Austregesilo em 1876. O primeiro foi um dos fundadores da Academia, succedendo-lhe Osorio Duque Estrada. O segundo occupa a cadeira fundada por Pedro Rabello.

A 25, falleceu Alvares de Azevedo, em 1852. E' o patrono da cadeira de Coelho Netto. E' tambem patrono, na Academia Paulista, da cadeira que Wenceslau de Queiroz acaba de deixar vaga.

A 26, falleceu João Francisco Lisboa, em 1863. E' o patrono da cadeira n. 18, onde se sentou José Verissimo e hoje se senta Alberto Faria, o erudito escriptor carioca que residiu por tantos annos em Campinas e que tambem pertence á Academia Paulista.

A 27, nasceu Herbert Spencer, em 1820. Foi um dos primeiros correspondentes da Academia, em cujo quadro teve por substituto Jean Finot, director da "Revue Mondiale".

A 28, nasceram Guilherme Blest Gana, em 1829, e Alberto de Oliveira, trinta annos depois. Foi aquelle um dos primeiros correspondentes estrangeiros da Academia, onde o substituiu Victor Orban.

A 29, nasceu Osorio Duque Estrada, em 1870. Occupa a cadeira de que é patrono Hyppolito da Costa, sobre quem prepara volumosa monographia para o centenario de sua morte, em 1923.

A 30, nasceu Maciel Monteiro, em 1804. E' o patrono da cadeira "pernambucana"



fundada por Joaquim Nabuco e occupada por Dantas Barreto, que lhe fez o elogio no anno passado, no anniversario do nascimento de Nabuco. — V.

* * Encerrou-se a 31 de Março a inscripção para as obras que concorrem, no anno presente, aos seis premios creados pelo livreiro Francisco Alves.

Aos tres premios para as melhores monographias da lingua portugueza concorrem as 11 seguintes obras:

- Grammatica Portugueza (Firmino Costa); Dicionario de Raizes e Cognatos (Carlos Góes); Lexicologia do Portuguez Historico (M. Said Ali); Collocação dos pronomes (Agenor Silveira); Estudos de Portuguez (Antonio Mauro); Na hora incerta ou a nossa patria (Antonio Corrêa d'Oliveira); Questões de portuguez (F. Assis Cintra); O nome Brazil, com s ou com z? (F. Assis Cintra); Portuguez Pratico (Marques da Cunha); Manual Orthographico Brasileiro (Julio Nogueira); Morphologia e Syntaxe do substantivo na lingua portugueza (Clovis Monteiro).

Para os tres premios ás melhores monographias sobre a divulgação do ensino primario no Brasil, inscreveram-se as seguintes 28 obras:

Historia Natural (Waldemiro Potech); Educação (Gustavo Pena); Cathecismo Civico (José Agostinho dos Reis); Primeiros passos na arte de escrever (Olin da de Souza); Queres ler? (Olga Acauan e Branca Diva Pereira de Souza); Revista do Gymnasio 28 de Setembro, cinco exemplares diversos (Liberato Bittencourt); Esboço de um novo methodo racional de ensinar a lêr (J. de Castro Fonseca); A Escola Primaria, revista mensal de inspectores escolares do Districto Federal; Primeiro Anno (Liberato Bittencourt); O desenvolvimento do ensino primario no Brasil (professora Luiza Oliveira de Faria); Os vegetaes, sua vida e sua utilidade (Souza Brito); Noções da lingua grega (Arnaldo de Souza Pereira); O ensino primario (Firmino Costa); Breves lições de Historia do Brasil (Creso Braga); Primeiras Saudades (M. Bomfim); O caracter (Liberato Bittencourt); A' margem da educação (R. Denavarro); Cartilha (Liberato Bittencourt); Narizinho Arrebitado (Mon-

teiro Lobato); Leitura II (Erasmo Braga); Cartilha brasileira. Qual o methodo de ensino da leitura que mais de perto acompanha a evolução mental da creança?; Bases scientificas do ensino da leitura; Novo systema de educação da infancia; Economia domestica e nova concepção psychologica da creança, folhetos (Clemente Quaglio); Os bonecos de Violeta (João Lucio) e Analyse da Constituição Federal (Francisco Eugenio de Toledo).

Dessas obras, uma é em verso: "Na hora incerta ou Nossa Patria", do poeta portuguez Antonio Corrêa de Oliveira, socio correspondente da Academia, e outra, "O desenvolvimento do ensino primario no Brasil", pela professora Luiza Oliveira de Faria, é humoristica.

A academia recusou inscripção a dois volumes: "Saudade", de Thales C. de Andrade, por já ter sido publicada em 2.a edição, e "A leitura elemental na Escola Moderna", por Graciano G. Calçado, por ter apparecido anteriormente á época abrangida pelo concurso.

* * Com as obras que concorrem aos premios Alves sobem a 234 o total das que entram nos varios concursos da Academia, este anno.

A 20 de Julho e a 7 de Setembro proximos, a Academia distribuirá os doze premios estabelecidos para o corrente anno, no total de 48:000\$000.

As obras apresentadas assim se reparam: 63, poesia; 39, theatro; 34, contos e novellas; 30, ensino primario; 22, erudição; 20, obras publicadas em 1919; 17, romances; 11, lingua portugueza.

* * Numa das ultimas sessões da Academia o Sr. Affonso Celso apresentou a seguinte proposta, a qual foi approvada unanimemente:

"Proponho que o Sr. Presidente nomeie uma commissão incumbida de organizar o modo como a Academia commemora o centenario da independencia nacional. Do programma fará parte um livro em que os academicos celebrarão, em prosa ou verso, o grande facto".

O Presidente, Sr. Carlos de Laet, nomeou para a commissão respectiva os srs. Affonso Celso, Goulart de Andrade e Osorio Duque Estrada.



ORTHOGRAPHIA

A questão orthographica, sempre e cada vez mais embrulhada, põe a todo o mundo em difficuldades. A Academia Brasileira, que devera assumir no meio desta confusão uma attitudo de autoridade, em bem da ordem, teve a lamentavel fraqueza de abrir a questão, ou — o que é peor — de abandoná-la. Com isso, a desordem não podia senão augmentar, e é o que vae succedendo.

Na redacção desta "Revista", já não sabemos para onde nos voltar. Cada autor escreve segundo um systema, — este segundo o systema portuguez, aquelle segundo o systema portuguez modificado, aquelle outro segundo o systema mixto, ou usual, simplificado em certos pontos, ou mais complicado ainda do que vulgarmente. Acresce que o systema mixto já não é propriamente um systema, mas uma transacção, variavel segundo os autores que se possam tomar por guias...

Entretanto, urge tomar uma decisão.

Não podemos, de modo algum, fazer respeitar, dentro da "Revista", todos os modos de graphar, com que os nossos estimaveis collaboradores se apresentam. Isso faria um effeito horrivel, e augmentaria, sem proveito nenhum, as cancelas dos typographos e revedores, diffcultando e demorando as respectivas tarefas. E até nos acarretaria maior despesa.

Rejeitaremos, pois, todos os systemas individuaes, por muito bons e sabios que sejam, fazendo-os conformar ao estalão de Aulete, na generalidade dos casos. A NOSSA ORTHOGRAPHIA OFFICIAL É A DE AULETE, em falta de outra melhor.

Comtudo, não nos é licito recusar a orthographia official portugueza. Aqui já não nos achamos em presença de simples tentativas individuaes. Estamos em face de um systema, o unico systema existente em nossa lingua. A orthographia portugueza está adoptada em toda uma nação, é seguida, lá, por toda a gente, e ainda fóra de lá se encontra muito quem a siga, senão por achala perfeita, ao menos por entender que é preciso adoptar um systema qualquer e

sair desta balburdia nociva e ridicula, em que nos debailemos.

Portanto, fique entendido: a "*Revista do Brasil*" só tem uma orthographia, essa baseada em Aulete. Os originaes que nos forem remettidos serão postos de accôrdo com ella. Só abrimos excepção em favor dos que observarem RIGOROSAMENTE a orthographia portugueza, por se tratar de um systema perfeitamente definido, codificado, e officialmente adoptado num paiz inteiro.

Rogamos encarecidamente aos nossos illustres collaboradores tomarem nota desta advertencia e pouparem-nos o desgosto de questões que nada adiantarão, nem a nós, nem a elles.

MOVIMENTO EDITORIAL

A empresa desta revista acaba de publicar: *Paiz de Ouro e Esmeralda*, romance do sr. José Antonio Nogueira, curioso por ser um confessado ensaio de idéas sobre a nossa formação e o nosso futuro, sem exclusão da paisagem e dos desenhos de figura; *A Onda Verde*, collecção de chronicas, fantasias e commentarios do sr. Monteiro Lobato; *Brasil com S ou com Z?*, monographia erudita do sr. Assis Cintra.

A Companhia Melhoramentos lançou uma *Lexeologia historica* do sr. prof. Said Ali, os *Estudos de Portuguez*, do sr. Assis Cintra, além de outros volumes.

A Casa Editora "*O Livro*" tirou dos prelos e poz á venda o *Mealheiro de Agrippa*, chronicas leves do sr. Humberto de Campos.

A Sociedade Editora "Olegario Ribeiro" tem em trabalho typographico o primeiro volume da serie "Nova Pleiade", destinada á divulgação de obras de estreia dos poetas jovens. Esse primeiro volume será occupado pelo sr. Graccho Silveira, com o livro — *Manhã*.

* * Aceitaremos com prazer qualquer informação que os srs. Editores de todo



o Brasil nos queiram enviar, no sentido de nos pôr ao corrente dos seus trabalhos realizados e em vias de realisação.

agradavel e succulenta... Emfim, dirige-o Azevedo Amaral.

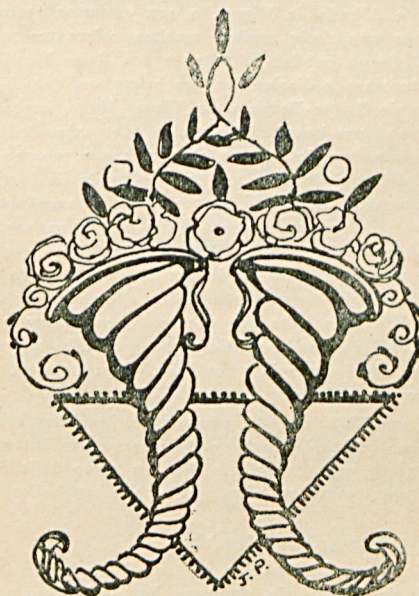
CONGRESSO SCIENTIFICO LUSO-HESPANHOL

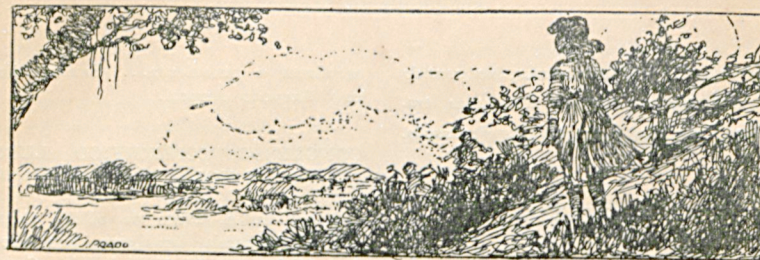
IMPrensa FLUMINENSE

A grande imprensa brasileira tem feito progressos visiveis. Ha pouco, "O Jornal" veio mostrar-nos um novo typo de folha, conciliando as conveniencias de uma apresentação clamante com uma bella seriedade conservadora. Agora, surge "O Dia", lindo e brilhante, cheio de originalidades inteligentes e de audacias honestas. É um jornal que faz todo o serviço da imprensa carrança, e até melhor, porque o faz... sem carrancismo. Jornal bom e bello, leve nas maneiras e grave no fundo, obrigando o publico a interessar-se pelos factos que tem interesse, dando-lhe muita leitura

O sr. dr. A. Pinto da Rocha remetteu á Academia Brasileira uma cópia do officio que recebeu do dr. Gomes Teixeira, reitor da Universidade do Porto, presidente do Congresso Scientifico Luso-Hespanhol, a reunir-se no Porto, no proximo mez de Junho, sob a protecção dos governos das duas nações ibericas, convidando todas as corporações da sciencia brasileira a se fazerem representar por delegados naquelle grande Congresso.

O dr. Gomes Teixeira pediu ao dr. Pinto da Rocha que fosse interprete perante a Universidade do Rio de Janeiro e as sociedades academicas e corporações scientificas.





NOTAS DO EXTERIOR

TRI-CENTENARIO DE LA FONTAINE

A 10 de julho, a Academia Franceza commemorará o tri-centenario de La Fontaine. As festas se realizarão em Chateau Thierry, onde será representada ao ar livre uma peça de La Fontaine. Jean Richepin representará a Academia.

O "DIARIO" DE VIGNY

Quando appareceram em 1867 sob a epigraphe "Jornal d'um poeta", as notas e impressões intimas de Alfredo de Vigny, o seu executor testamentario Louis Ratisbonne achou melhor supprimir muitos trechos referentes a personagens ainda vivos. O sr. Fernand Gregh publica na "Revue des Deux Mondes" varios fragmentos ineditos desse interessante diario. Um dos primeiros, datados de 23 de maio de 1829, reúne os perfis de Sainte-Beuve e de Victor Hugo, ambos traçados por mão severa: "Sainte-Beuve é um homenzinho muito feio, aspecto commum, dorso mais do que redondo, que fala fazendo caretas obsequiosas e reverências, como uma velha; exprime-se com difficuldade, tem um grande fundo de instrucção e muita habilidade na critica literaria. A' força de espirito, fez excellentes versos sem ser poeta instinctivo. Cheio de formas modestas, elle se poz no sequito de Victor Hugo e foi por elle arrastado para a poesia. Mas, Victor Hugo, que, desde que veio ao mundo, tem passado a sua vida em ir de um homem a outro para os aproveitar, tira delle uma porção de noções que não tinha, e embora tome uns ares de mestre, é seu discipulo. Elle bem sabe que recebe do outro um ensino literario, mas não avalia a que ponto é dominado politicamente por esse moço espirital que acaba de o levar, pela sua influencia quotidiana e persuasiva, a mudar absolutamente e inteiramente, de opinião."

Vigny recorda que em 1822, quando appareceram as Odes reunidas, Victor Hugo tinha-se por vendeano, redigindo então o "Conservateur Littéraire" com os seus irmãos: Hugo era devoto a ponto de um dia, em certo baile, desviar os olhos ao vêr senhoritas decotadas, como se vêem geralmente em bailes, e dizer-lhe, a elle, Vigny:

— "Ne sont-ce pes des sepulcres blanchis?"

Chateaubriand era o deus de Hugo, mas logo foi substituido por Lamennais. E Vigny diz que depois de Lamennais, era para Benjamin Constant que se voltava a admiração de Victor Hugo. A proposito da "Marion Delorme, Vigny nota no seu diario: "Hugo fez uma excellente obra de estylo. O publico não vê que é no estylo que está unicamente o seu bello talento. Ninguem teve jamais tanta forma e menos fundo, e elle não tem uma idéa que lhe seja propria, nem uma convicção,

nem uma observação sobre a vida ou uma fantasia além dos tempos. Mas, maneja os vocabulos com uma arte admiravel".

Estas notas sobre Victor Hugo são datadas de maio a agosto de 1829.

E' a parte mais interessante dos fragmentos publicados pelo sr. Fernand Gregh na "Revue des Deux Mondes", e por onde se vê que, apesar de parecerem muito amigos Vigny e Hugo, aquelle alimentava um ciúme secreto deste, e considerava-o menos como amigo do que como um rival.

O PREMIO NOBEL

Ao passo que o premio Goncourt, de cinco mil francos, e os pequenos premios, os de 5 luizes, da Academia Franceza, despertam ambições apaixonadas, o premio Nobel, no valor de quinhentos mil francos, passa completamente despercebido em França. Até hoje só o obtiveram dois escriptores francezes — Sully Prudhomme e Romain Rolland, sem fallar em Maeterlinck e Mistral — enquanto são quatro os allemães: Hauptmann, Mommsen, Paulo Heyse e R. Eucken, além do poeta suíço Carlos Spitteler. São tambem quatro os escandinavos premiados: Bjoernson, Selma Lagerlof, Heidenstamm e Knut Hamsun, além de Karlfeld, que recusou o premio.

A proporção não corresponde á importancia relativa das diversas literaturas actuaes. Se a escolha fosse feita entre allemães, não havia quem a merecesse mais que Heyse e Eucken, o que não quer dizer que seu triumpho se impunha. Mas — diz um critico — se não ha objecções contra Mistral, Maeterlinck e Sully Prudhomme, não é verdade que Romain Rolland seja o primeiro escriptor francez.

A má collocação dos francezes entre os coroados pelo premio Nobel, deve-se ao regulamento especial que rege a sua distribuição e que na França não tem sido levado em conta. O candidato não se inscreve por si mesmo, porém, por intermedio de uma academia ou universidade. Romain Rolland foi regularmente inscripto. Anatole France nunca o foi. Pierre Loti foi apresentado uma vez pela Academia Franceza, assim como Bergson, mas, em ambos os casos, não se preencheram todas as formalidades.

A Academia Sueca não se deixa levar, aliás, pelo exclusivo criterio literario, considerando, segundo o testamento de Alfredo Nobel, a obra mais notavel "no sentido do idealismo". Interpretada essa indicação sob o ponto de vista conservador e puritano, foram repellidos Tolstoi, Ibsen e Swinburne, considerados immoraes e subversivos. Provavelmente, terão a mesma sorte d'Annunzio e M. Barrès, aquelle por licencioso e este por nacionalista.

UM CRITICO PROCESSADO

Os escriptores Silvain e Jaubert, autores de uma traducção dos "Persas" de Eschylo, movem processo contra R. Doumic, critico literario da "Revue des Deux Mondes", o qual, tendo feito sobre aquella obra observações pouco lisongeiras, se recusou a publicar a resposta dos autores.

O caso não é inédito. Em 1897, sendo Brunetiere director da mesma revista e critico J. Lemaitre, deu-se factio identico, em relação a Dubout.

René Doumic é chamado a juizo para pagar dois mil francos de indemnisação por não ter publicado a resposta á sua critica. Em defesa, affirma elle que "tal escripto não é uma resposta; é um artigo sobre este assumpto exgotado: a traducção em verso; é um mau artigo; eu o recusei". Os autores respondem a uma injuria, quando o critico apenas lhes negou a qualidade de grandes poetas. Dirigindo-se ao tribunal, Doumic o exhorta a não cooperar para o desaparecimento da critica franceza, salvaguarda dos bons escriptores. "O que recommenda as nossas obras ao estrangeiro—acrescenta—é a critica de um homem de letras que manifesta, com probidade, sobre os livros e as peças, o seu sentimento tal qual é".



Se o direito de resposta se pode exercer contra a critica, não haverá mais logar senão para o artigo de publicidade e, consequentemente, para o de complacencia—conclue elle.

ESCOLA DE CIVISMO

A 14 do mez de janeiro, inaugurou-se em Paris uma escola de novo genero. Ha alguns annos teria sido extravagancia, que não resistiria ao ridiculo, pensar apenas em semelhante instituto. Repugnava ao scepticismo da epoca. Ha um mez, porém, está fundada, no palacio das Sociedades Sabias, a Escola Civica, que se destina a ensinar o civismo por meio de cursos e conferencias, inculcando a ideia dos deveres do cidadão, as condições de formação e exercicio dos direitos, as relações moraes do cidadão com o Estado. Segundo um methodo positivo, historico e scientifico, propõe-se a ser uma escola de historia, de moral, de critica e de organização intellectual e de preparação para a acção civica.

Presidiu a cerimonia inaugural o sr. Gustavo Lanson, director da Escola Normal Superior, o qual justificou a escolha dos professores entre os membros da Universidade e os mestres do ensino tecnico como o meio de alliar o senso pratico ao idealismo.

Iniciou-se, em seguida, o curso do prof. Paul Desjardins, sobre o thema — “O patriotismo francez”, salientando a evolução do conceito da Patria, desde Luiz XIV até a Revolução.

OS RUMOS ORTHODROMICOS EM NAVEGAÇÃO AÉREA

Para se deslocar de um ponto para outro, o piloto de aeroplano deve dirigir-se pela bussola, como o navegante, e traçar na carta geographica uma direcção que não corresponde á linha recta.

O francez Favé apresentou á Academia das Sciencias de Paris alguns graphicos destinados á determinação dos rumos “orthodromicos”, que são, no globo terrestre, os caminhos mais curtos entre dois pontos dados. Tanto na navegação aerea como na maritima, esses traçados no mappa são necessarios para que se consiga um maximo de economia de tempo e de combustivel. Os graphicos resolvem o problema mais simples e rapidamente que qualquer das soluções já tentadas. Assim, para ir de Paris a Changai, em vez de seguir uma linha recta, que passasse pela Europa Central, Arabia, India e Malaca, é preciso, segundo Favé, remontar a Petrogrado, passar ao norte da Siberia, atravessar a China em diagonal, para chegar enfim a Changai.

Para ir de Paris a Numéa, cumpre, buscando o Norte, costear o mar Branco, atravessar o mar de Kara, approximar-se do estreito de Behring e quasi attigil-o, passar por Tokio e descer o Pacifico até a Nova Caledonia.

A linha recta, como se vê, não é, em navegação aerea, o mais curto caminho entre dois pontos.

Os mesmos graphicos de Favé se applicam tambem, vantajosamente, á orientação dosapparelhos do telegrapho sem fio, para a emissão e a recepção dos signaes radiographicos.

A DETERMINAÇÃO DO SEXO

Em sua chronica scientifica, no “Temps”, Edmond Perrier, a proposito do livro — “Os problemas da determinação do sexo”, de A. Bonnet, escreve:

“E’ regra geral, tanto no reino vegetal como no animal, que todo ser vivo procede de um ovo nascido de um organismo semelhante áquelle que será produzido; o proprio ovo resulta da união de um elemento carregado de reservas nutritivas, o ovulo, o elemento feminino e de um elemento muito menor, movel, sem reservas



alimentares, o elemento masculino. Os dois elementos, a principio, têm a mesma constituição; apresentam phenomenos de formação analogos, que geralmente os tornam um e outro incompletos, em relação aos elementos normaes dos organismos de que procedem, de modo que são obrigados a se unir para reconstituir o primeiro destes. Essa união é que constitue a fecundação, ponto de partida habitual dos organismos novos, animaes e vegetaes. Porque? Além do que dissemos, ainda não se pode dar a razão profunda, assim como não se sabe porque os elementos masculinos e os femininos são produzidos, habitualmente, por organismos especiaes, que muitas vezes têm caracteres diferentes e que são, tambem, de um sexo e de outro. Como nasceu essa divisão do trabalho de reproducção? Quaes as condições exteriores ou proprias aos organismos, as quaes determinam a producção dos dois sexos? Poderemos, um dia, senhores do segredo, produzir um ou outro sexo á vontade?"

A resposta parece proxima. A historia dos animaes inferiores está cheia de ensinamentos. E' sabido que as ostras, conforme as estações, passam de um sexo a outro, bem como outros animaes.

"Em primeiro lugar, quaes os caracteres diferenciaes e geraes que apresentam os dois sexos? Limitando-nos aos vertebrados, parece justo applicar-lhes o orgulhoso proverbio creado pelo homem: — "A omnipotencia está do lado da barba". Assim é tambem para a generalidade dos insectos, animaes activos como os vertebrados e cujos machos, se não são sempre os mais volumosos, os mais robustos e os mais intelligentes, são, entretanto, em geral, os mais ornados e os mais bem armados. Ha, porém, excepções; em toda a parte, alhures, o sexo masculino é o sexo fraco e desherdado. Começa pelas abelhas, cujos machos, os zangãos, não se alimentam e, desde que a rainha se fecundou, são expulsos da colmeia e mortos. Entre os louva-a-deus frequentemente o marido é comido no acto da fecundação. Ha uma lei que define essa inferioridade do sexo masculino:—Todas as vezes que um grupo zoologico passa das condições da existencia exuberantes ou apenas constantes a condições mais ou menos precarias ou aleatorias, os machos desaparecem e as femeas se tornam hermaphroditas. A fixação aos corpos submersos entre os animaes marinhos, a passagem da vida marinha á vida em agua doce ou ao ar livre bastam para produzir essa consequencia. Certos crustaceos, que tapizam a superficie dos rochedos que se descobrem ás marés baixas e certos vermes, o caracol e outros molluscos estão nesse caso. As ostras são mais notaveis ainda. Na primavera, algumas tomam o sexo masculino; á medida que o verão se approxima, tornam-se hermaphroditas e, finalmente, femininas. Em 1900, Maupas descobriu outro caso interessante. O verme esbranquiçado, em forma de longo fuso, que as creanças muitas vezes põem, o ascaris lombricoide, é o typo de uma classe inteira de animaes, os nematodes, em que se podem ver larvas de insectos como os vermes da carne ou dos queijos e que, tornados parasitas no interior do corpo, teriam cessado de se metamorphosear e se reproduziriam, como o caso se manifestou mesmo com alguns insectos, em permanente estado de larva. Ligados a um hospede capaz de lhes fornecer alimentação abundante, não tinham nenhuma razão para perder o beneficio da separação dos sexos; mas os paes recommencaram a levar uma vida livre tanto mais precaria para elles quanto a vida parasitaria lhes tinha roubado todo meio da locomoção. Certo numero desses nematodes livres, semelhantes aos que vivem no vinagre, soffreram a decadencia commum; os machos desapareceram e as femeas tornaram-se hermaphroditas.

Todos esses factos caracterisam bem o sexo masculino como o sexo fraco, por excellencia, aquelle que poderia resultar do periodo da penuria que attingisse toda uma geração. As femeas sujeitas a privações durante muito tempo só deveriam engendrar machos; mais modestamente, ovos mal aprovisionados de materiaes nutritivos ou que gastaram esses materiaes antes da sua fecundação não deviam produzir senão machos. As experiencias tentadas nesse sentido não deram resultados concludentes."

Entre as abelhas os zangãos nascem de ovos que a rainha não fecundou e, podendo ella fecundar ou não os ovos, produz os sexos á vontade. A indicação é preciosa, significando a inferioridade masculina.

O mesmo acontece com outros insectos como os cynips, as daphnis, as rotíferas sujeitas a experiencias por Doyère. Resurgidas depois de uma morte apparente, põem ovos não fecundados e produzem femeas que podem ser o ponto de partida de uma serie de gerações femininas, reproduzidas tambem sem fecundação até que tornam á normalidade, pondo duas especies de ovos, uns pequenos que dão origem ao sexo masculino e outros maiores, e que produzem individuos femininos.



"O caracter da inferioridade, de precariedade do sexo masculino nitidamente se patenteia agora ahi."—conclue Edmond Perrier. Parece assim que, dando-se aos reproductores uma nutrição mediocre ou forçando-os por um treino especial a esgotar suas reservas, chegaríamos a uma super-abundancia do sexo masculino. Infelizmente, os resultados não são certos. Parece que, fornecendo ás mães, em abundancia, elementos ricos em lecitina ou injectando-os em seus tecidos, provoca-se uma predisposição em favor do seu sexo; mas parece que intervêm outras causas ainda desconhecidas.

"Mas que revolução na vida das sociedades, quando cada casal puder ser obrigado a produzir determinado numero de homens e de mulheres!"

AUTO-OPERAÇÃO CIRURGICA

Informam de Nova York que um operador da Pennsylvania, com a idade de 60 annos, operou-se, elle proprio, de appendicite. Por interessante que seja esse acto fóra do commum, que revela pelo menos o sangue-frio do operador-operado, não constitue propriamente uma novidade. Em uma lista já importante de "autotomistas" se inscreve, por ultimo, o nome do doutor Kane.

Evidentemente, a auto-operação só é possível em uma das tres condições seguintes: sem a anesthesia, com a anesthesis intra-rachidiana pela cocaina (ou seus succedaneos) a qual insensibilisa toda a parte inferior do corpo, ou, enfim, com a anesthesia local, obtida com os mesmos productos e que limita a insensibilização á região que se deve operar — diz o dr. Henri Bouquet, de quem tomamos estas notas. Da primeira hypothese nada ha que dizer, senão que a dor não deixaria, certamente ao cirurgião o completo dominio sobre si mesmo, que lhe é indispensavel. Já é muito admiravel que Dolbeau a tenha conservado sufficientemente para dirigir a operação que um seu collega nelle executava.

A anesthesia rachidiana modifica um pouco as condições da experiencia. Praticada ao nivel da columna vertebral, delicadissima, requer o auxilio de um assistente experimentado, que della se encarregue. O acto operatorio não é, pois, de começo a fim, obra do auto-operador. Foi nestas condições que, ha dez annos, o dr. Alexandre Fzaïou (de Bucarest) se desembaraçou de uma hernia inguinal. Algum tempo antes, parece, o cirurgião americano Alden praticára em si mesmo a ablação do appendice, servindo-se do mesmo processo anestesico.

A insensibilização local, por injeção de anestesico nos planos successivos que o instrumento deve abordar é, pois, a unica que permite, no rigor do termo, executar uma auto-operação. O primeiro que ousou essa acção temeraria foi o doutor Reclus, auctor do methodo. Elle proprio conta como, quando chefe do serviço do hospital de Broussais, em seguida a um ferimento feito por um osso tuberculoso, no correr de uma operação, viu sahir-lhe no index direito um tumor tão inquietante que Verneuil lhe propoz a amputação do dedo todo. Ante essa proposta, Reclus não hesitou em operar-se elle mesmo. Perante os seus alumnos reunidos, anesthesiou o dedo á cocaina, em duas injeções circulares, uma superficial, outra profunda. Em seguida, "segurando solidamente, com a mão esquerda immovel, um bisturi bem afiado, em cuja ponta a mão direita em actividade, como mais habil e mais precisa em seus movimentos", applicava successivamente as diversas camadas do tumor a extirpar. Alguns minutos depois, Reclus havia salvado o seu index, depois de ter provado o seu sangue frio e a sua bella habilidade operatoria.

Em 1911, o dr. Julio Regnauld se operou com anesthesia local, de uma hernia inguinal, agindo só, de começo a fim. O facto na occasião teve grande repercussão. Algum tempo depois, o medico do exercito ottomano dr. Mehmed Saib se operou de uma varicocele nas mesmas condições. O dr. Kane chega, pois, em sexto logar. Resta-lhe o merito de ter feito a primeira auto-operação de appendicite, com anesthesia local.



UMA FORMA DESCONHECIDA DE PROPRIEDADE

Existe uma forma de propriedade que não é desconhecida dos sociólogos, mas cuja importância não parece ter sido apreciada em seu justo valor. É encontrada em toda a sua amplitude nas sociedades simples, sobretudo entre os selvagens, mas não se lhe pode seguir os traços até as sociedades civilizadas. É difícil defini-la: ella se materialisa no nome.

Não ha duvida que o nome, em certos povos, é uma instituição social com todos os caracteres da propriedade. Um nome ou prenome se transmite por herança ou por venda. Hoje o facto está bem estudado: segundo R. Brough Smyth os indigenas de certas regiões da Australia têm o direito de vender o seu nome; para os Kvakiult, povo da Colomb'ia britannica e da ilha de Vancouver, o prenome tem um valor objectivo e pode ser dado em penhor, ao passo que o nome de um clan pode ser trocado, com o assentimento da tribo; enfim, um clan dos Haidas, povo vizinho dos precedentes, pode dar ou vender o direito de usar o seu nome.

Os nomes e prenomes das raças australianas e os dos indigenas norte-americanos são os de um totem, isto é, de uma espécie de patrono ou protector. São estes nomes, derivados de totens, que têm valor commercial.

Em geral, o totem é hereditario e muitas vezes em linha materna. Mas evidentemente, não se trata de uma hereditariedade comparavel á um objecto que o successor não pode adquirir senão quando o possuidor estiver desapossado. É um direito de co-propriedade, que se obtem pela maioridade ou pela iniciação.

Mesmo na Europa ha exemplos claros de transmissões deste genero. Transportemo-nos para as montanhas da Suissa. Ah! as pastagens e as florestas, isto é, as terras não cultivadas pertencem, não a individuos, mas a collectividades que têm o nome de "burguezias". Ha uma "burguezia" com cada communa, mas todos os habitantes da communa não fazem parte della. O direito de burguezia se adquire por duas maneiras: pela hereditariedade e pela aquisição de um direito de admissão.

Da mesma forma, as associações profissionais podem organizar a defesa dos individuos.

Enfim, o direito de assistencia em caso de revez se inscrevia nos estatutos da maior parte das corporações, de uma maneira mais ou menos extensa. Assim, em Toulouse, no XIII seculo, os padeiros infelizes tinham direito ao barbeiro, ao medico e ao boticario. Em caso de necessidade, os menestreis eram soccorridos.

As formas potenciaes de propriedade são desconhecidas nas antigas confrarias, mas podem ser encontradas em outras instituições das sociedades modernas:—as sociedades de soccorro mutuo, as companhias de seguro, etc.

(P. Descamps — "Revue Internationale de Sociologie").

ANECDOTAS

No "Correspondant", de Paris, Ernest Daudet publica as memorias de sua vida de homem de letras, recordando as figuras mais notaveis nas letras e na politica, ao tempo do segundo Imperio. Entre as curiosas anedotas contadas, ha a seguinte:

Tendo sido attingido por uma "boutade" do "Figaro", o duque de Morny prometteu agir rigorosamente contra o jornal. Prevenido o director, Villemessant, este sem demora se dirigiu ao Duque, em sua propria casa, exclamando com grande jubilo: "Quando soube que V. Excia. queria vêr-me, pensei que ia nomear-me cavalleiro da Legião de Honra! Desarmado Morny, o "Figaro" estava salvo.

Barbey d'Aurevilly e Bandelaire se encontravam muitas vezes, por esse tempo, em determinado café de Paris onde as suas palestras eram o encanto dos seus amigos. Certa vez, o segundo, para provocar o interlocutor, declara-lhe que não acredita em Deus, ao que lhe responde Barbey: — "Que pena! Elle te havia de amar muito!"

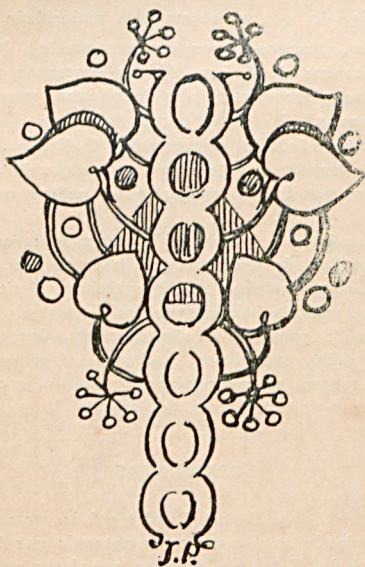


O ESTYLO JORNALISTICO

Na Revue Hebdomadaire, o sr. Louis Latzarus trata do estylo jornalístico e, entre outras coisas, observa:

"O antigo estylo dos "factos diversos" é morto. E' morto. Não se comprehende. Elle era tão commodo! Era melhor que um estylo, aliás; era uma lingua, perfeitamente adaptada ao seu uso especial, e que parecia definitiva. Cada substantivo tinha o seu epitheto invariavel. Uma dona de casa era **attenta**; uma aldeia, **pacifica**; uma localidade, **risonha**; uma pharmacia, **vizinha**; um pequeno jardim, **modesto**; um hotel, **luxuoso** ou de **má apparencia**, segundo o caso; as echymoses, **violaceas**; o commissario, **distincto**; o secretario do commissario, **activo**; o inspector, **habil**; o rescaldo, **fatal**; uma pista, **séria**; um heroe, **triste**; uma discussão, **violenta**, e, ás vezes, **mais violenta** que de costume; um transeunte, **pacato**; um cidadão, **corajoso**; um semblante torvo; uns modos, **equivocos**; um conflicto, **sangrento**."

Hoje, tudo mudou, e os jornalistas vão seguindo o conselho de La Bruyere: "Quereis dizer que chove? Dizei: Chove."



CARICATURAS DO MEZ



— Os tempos são ruins, já não sei mais o que roubar.
— Vae conversar com quem trabalha; pelo menos lhe roubarás um tempo precioso.

YANTOK (*D. Quixote*).



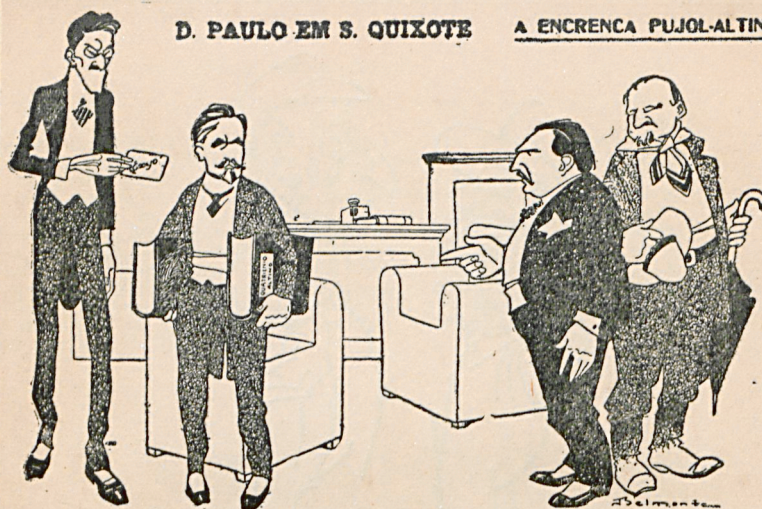
Elle — V. Exa. não leve a mal as palavras que proferi...

Ella — Oh! meu senhor! Eu nunca confundi maldade com asneira...

COLOMBO ().

D. PAULO EM S. QUIXOTE

A ENCRENCA PUJOL-ALTINO

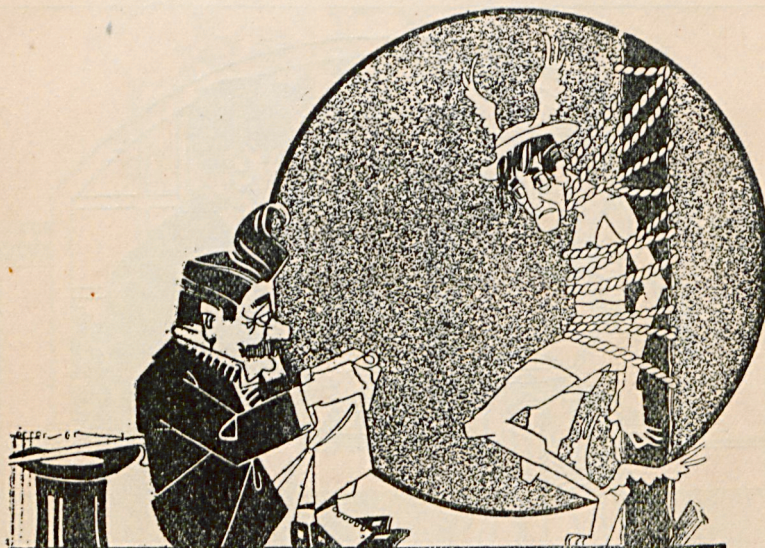


E' necessario que ambos exijam a *devassa*, para que este substantivo não fique adjectivando a politica.

BELMONTE (D. Quixote).

O PRESIDENTE BANCA O JÉCA

(Echos da entrevista famosa)



Pita — Meu filho, continua a gemer até que Deus te ouça, porque eu, assim sentado como estou, não posso absolutamente socorrer-te.

JEFFERSON (D. Quixote).

A ULTIMA OPERETA VIENNENSE



A aventura de Carlos 1.º para reconquista do throno.
VOLTOLINO (Pasquino).

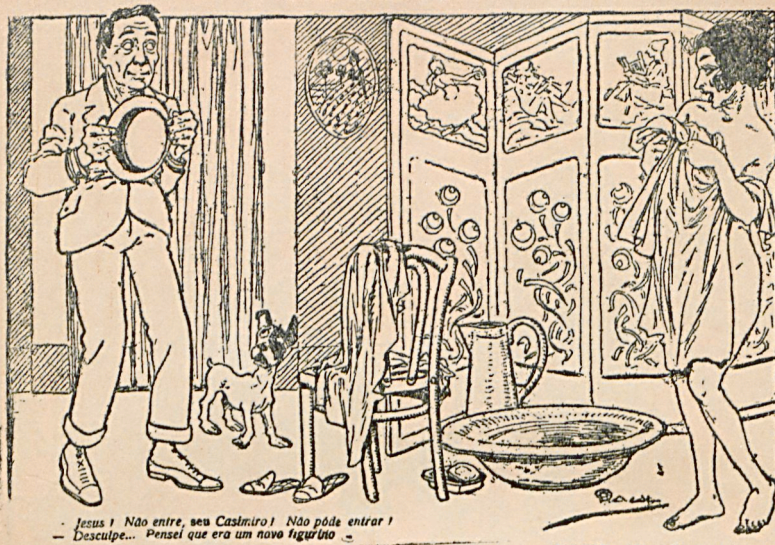
NO DENTISTA



Dentista — Desta vez o sr. não pode negar que é
este o dente que lhe doía.
Paciente — Pudera! E' o ultimo.

YANTOK (D. Quixote).

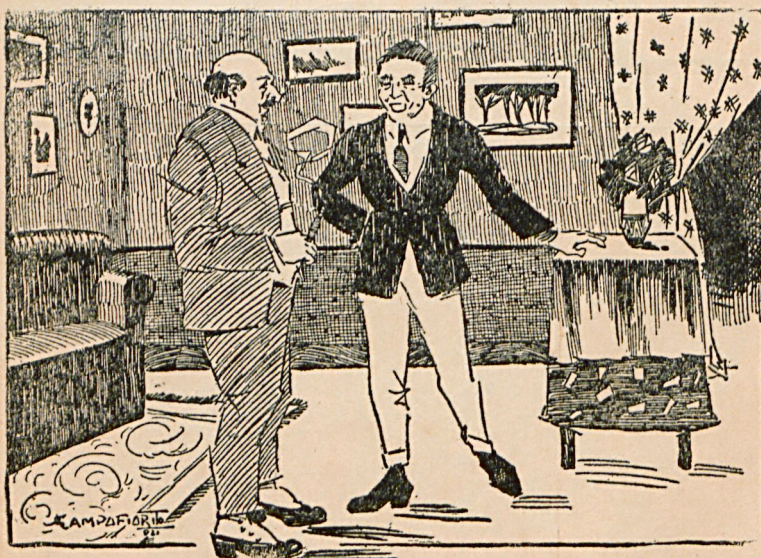
SEM CERIMONIA



— Jesus ! Não entre, seu Casimiro ! Não pôde entrar !
— Desculpe... Pensei que era um novo figurino —

RAUL (D. Quixote).

DE MADRUGADA



— Quando chegares a casa, o que vaes dizer á tua mulher?
— Muito pouco: — bom dia, meu bem, — por exemplo. Ella é que diz o resto.

CAMPOFIORITO (D. Quixote).

A NOVELLA NACIONAL

A NOVELLA NACIONAL é uma série de pequenos livros, nos quaes se mira ao seguinte escopo: offerecer a melhor literatura, sob a apresentação mais artistica, ao preço mais barato possível. Os objectivos desta publicação, de que é director o sr. Amadeu Amaral (da Academia Brasileira) podem, assim, condensar-se no lemma — LIVRO BOM E BONITO AO ALCANCE DE TODOS.

Apparece approximadamente um volume por mez, com cerca de 80 paginas, no formato 16 ½ X 12 ½ centímetros, impresso em magnifico papel e illustrado com numerosas e artisticas gravuras, contendo uma obra completa de auctor conhecido.

Já estão á venda os primeiros volumes:

A PULSEIRA DE FERRO por AMADEU AMARAL, o successor de Olavo Bilac, na Academia Brasileira.

"E" no genero uma verdadeira obra prima" — disse desta novella o grande poeta Alberto de Oliveira.

OS NEGROS por MONTEIRO LOBATO, o celebre creador de Jeca Tatú.

Estão no prélo mais dois volumes:

RITINHA por LEO VAZ, o festejado auctor do "Professor Jeremias", romance que obteve o maior successo literario da actualidade alcançando tres edições em pouco mezes.

MULA SEM CABECA por GUSTAVO BARROSO, o famoso escriptor cearense, autor da "Terra do Sol", Heroes e Bandidos" e outras joias literarias já sobejamente conhecidas e apreciadas.

A seguir novellas de COELHO NETTO, AFRANIO PEIXOTO, VALDOMIRO SILVEIRA, CORNELIO PIRES e outros.

Cada volume, 1\$000 em todas as livrarias. Pelo correio, registrado 1\$300.

Assignaturas com direito a receber todos os volumes registrados:

Série de 3 novellas . . .	3\$500
" " 6 " . . .	7\$000
" " 12 " . . .	14\$000

Pedidos á **SOCIEDADE EDITORA OLEGARIO RIBEIRO**, Rua Direita, 27 (2.º andar) - Caixa postal, 1172 - S. PAULO

BREVEMENTE

A NOVELLA SEMANAL

O MAIS ARROJADO EMPREHENDIMENTO EDITORIAL DA ACTUALIDADE

Revista de contos e novellas dos melhores escriptores nacionaes, antigos e modernos. Cada numero conterá metieria equivalente á quarta parte de um livro de 250 paginas em formato francez, commum, e será acompanhado de um interessante supplemento no qual serão publicadas curiosidades literarias, vida anecdotica e pitoresca dos grandes escriptores e poetas brasileiros, movimento bibliographico, paginas esquecidas dos grandes vultos da literatura nacional, obras primas da poesia brasileira, noticia critica dos livros novos.

A NOVELLA SEMANAL se propõe a vulgarisar a melhor literatura, divulgando a obra dos grandes escriptores e poetas nacionaes, encorajando os novos e despertando o gosto do publico pela leitura. Offerecerá excepcional interesse aos homens de letras e ás pessoas cultas, tanto quanto ás de meridiana cultura. Pela escriptulosa escolha da metieria se destina a leitura predilecta da familia brasileira.

A NOVELLA SEMANAL vem resolver no Brasil o problema do livro popular, do livro baratissimo. Cada numero será vendido ao preço excepcional de 100 réis, constituindo um verdadeiro livro, pela extensão, variedade e interesse da metieria.

APPARECERA' TODAS AS QUINTAS-FEIRAS.

Assignaturas

Sendo os exemplares remetidos como correspondencia simples

Trimestre	5\$000
Semestre	10\$000
Anno	20\$000
Numero avulso	\$400

Sendo todos os exemplares remetidos sob registro

Trimestre	8\$500
Semestre	17\$000
Anno	34\$000
Numero avulso	\$700

Pagamento adeantado. Todas as pessoas que angariarem tres assignaturas terão direito a uma assignatura gratuita.

Pedidos desde já á

SOC. EDITORA OLEGARIO RIBEIRO — Rua Direita, 27 (2.º andar) — Caixa, 1172 — S. PAULO.

UM NOVO LIVRO ESCOLAR

APPROVADO PELO GOVERNO DE S. PAULO

NARIZINHO ARREBITADO

— POR —

MONTEIRO LOBATO

(Edição escolar, completa)

E' um livro fóra dos moldes habituaes e feito com o exclusivo intuito de interessar a creança na literatura.



O livro que não interessa a creança é um mal: crêa o desaparego, quando não o horror á leitura.

Nazizinho Arrebitado forma um volume de 181 paginas, em corpo 12, com todos requisitos didativos e é magnificamente illustrado com 114 desenhos de Voltolino.

PREÇO: 2\$500

Commissões a revendedores

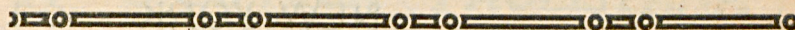
LOTERIA DE S. PAULO

Em 10 de Maio

40:000\$000

Por 3\$600

OS BILHETES ESTÃO A' VENDA EM
TODA A PARTE



OS FUMANTES DE BOM GOSTO PREFEREM OS SABOROSOS

CIGARROS "37"

Companhia Grande Manufactura de Fumos e Cigarros

"CASTELLÕES" ♦ ♦ S. PAULO

HOLMBERG, BECH & CIA.

IMPORTADORES

Rua Libero Badaró, 169

—S. PAULO—

RIO DE JANEIRO,

STOCKHOLM,

HAMBURG,

NEW YORK

E LONDRES

— — —

Papel, materiaes
para construcção,
aço e ferro, anilinas
e outros
productos chimicos.

O "PILOGENIO" serve-lhe em qualquer caso



Se já quasi não tem serve-lhe o Pílogenio porque lhe fará vir cabelo novo e abundante.

Se começa a ter pouco, serve-lhe o Pílogenio, porque impede que o cabelo continue a cahir.

Se ainda tem muito serve-lhe o Pílogenio porque lhe garante a hygiene do cabelo.

Ainda para a extincção da caspa Ainda para o tratamento da barba e loção de toilette o Pílogenio

Sempre o PILOGENIO

A' venda em todas as farmacias, drogarias e perfumarias.

DOENÇAS

BRONCHO-PULMONARES

Um remedio verdadeiramente ideal para creanças, senhoras fracas e convalescentes é o **Phospho-Thiocol Granulado** de Giffoni. Pelo **phospho-calcio fisiologico** que encerra, elle auxilia a formação dos dentes e dos ossos, desenvolve os musculos, repara as perdas nervosas, estimula o cerebro; e pelo **sulfoguiacol** tonifica os pulmões e desintoxica os intestinos. Em pouco tempo o apetite volta, a nutrição é melhorada e o peso do corpo augmenta. E' o fortificante indispensavel na convalescença da pneumonia, da influenza, da coqueluche e do sarampo.

Em todas as farmacias e drogarias

Deposito: **Drogaria Giffoni**
RIO DE JANEIRO

TYPHO UREMIA, INFECCOES intestinaes e do aparelho urinario, evitam-se usando **Uroformina**, precioso antiseptico, desinfectante e diuretico, muito agradável ao paladar. Em todas as farmacias e drogarias. Deposito: **Drogaria Giffoni**, rua Primeiro de Março n. 17 — Rio de Janeiro.

A' GRAPHICA PAULISTANA

S. MANTOVANI & COMP.

SECÇÃO DE ZINCOGRAPHIA

Clichés em zincogravura e photogravura para obras de luxo.

SECÇÃO DE GRAVURA

Carimbo de Borracha, metal, ferro e aço - Gravuras sobre joias - Alto e baixo relevo para impressões - Formas para bombons e sabonetes - Placas de metal e esmaltadas.

Telephone 4723 Cidade - Avenida S. João, 207 - S. Paulo

Joaillerie -- Horlogerie -- Bijouterie
MAISON D'IMPORTATION

BENTO LOEB

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 - (en face de la Galerie)

Pierres Précieuses - Brillants - Perles - Orfèvreries - Argent - Bronzes et Marbres d'Art - Services en Métal blanc inalterable.

MAISON A' PARIS

30 — RUE DROUT — 30

BANCO DA PROVINCIA DO RIO GRANDE DO SUL

FUNDADO EM 1858

CAPITAL 40.000:000\$000 — FUNDO DE RESERVA 20.000:000\$000
Sede: Porto Alegre — Filiaes e agencias nas principaes praças do Estado —
Correspondentes no Brasil e estrangeiro. — Filial no Rio de Janeiro.

O Banco empresta dinheiro em conta corrente e promissórias, desconta saques, recebe dinheiro em deposito, pagando varias taxas, conforme as condições preferidas pelo depositante, fornece carta de credito para o Brasil e estrangeiro e faz todas as operações bancarias.

SECÇÃO DE COFRES FORTES — Em sua casa forte tem, á disposição do publico, mediante modica contribuição, cofres para alugar, destinados a guarda de joias, documentos e valores.

CAIXA DE DEPOSITOS POPULARES — Esta secção, a primeira e mais antiga do seu genero no Brasil, recebe dinheiro em deposito, desde 20\$000 até 5:000\$000 abonando juros, capitalizados semestralmente, sendo permittidas retiradas até 1:000\$000 por semana sem prévio aviso.

PORTO ALEGRE

Rua Uruguay N.º 5, esquina da rua 7 de Setembro

Livraria Drummond Livros Escolares, de Direito, Medicina, Engenharia, Litteratura-Revistas-Mappas-Material Escolar.

ED. DRUMMOND & CIA.

RUA DO OUVIDOR, 76 — TELEPHONE, NORTE 5667 — Endereço Telegr.:
"LIVROMOND". — CAIXA POSTAL, 785. RIO DE JANEIRO. —

ACABA DE APPARECER SENHORA DE ENGENHO

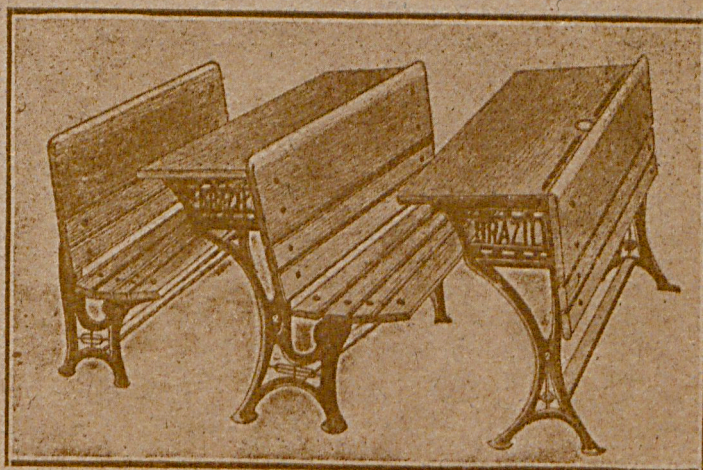
Romance de costumes pernambucanos

POR MARIO SETTE

A' VENDA NA "REVISTA DO BRASIL",

PREÇO 5\$000 O VOLUME

MOVEIS ESCOLARES



Diferentes modelos de carteiras escolares para uma e duas pessoas; Mesas e cadeirinhas para Jardim de Infancia; Contador mechanico; Quadros negros e outros artigos escolares

Peçam catalogo e informações minuciosas á

**FABRICA DE MOVEIS ESCOLARES
"EDUARDO WALLER"**

— DE —

J. Gualberto de Oliveira

Rua Antonia de Queiroz N. 65 (Consolação) Cidade, 1216

----- São Paulo -----

NOS PROXIMOS NUMEROS:

Trabalhos em prosa dos srs.: *Magalhães de Azeredo*, da Academia Brasileira; *Bernardino J. de Sousa*, do Instituto Historico da Bahia; *Pedro A. Pinto*, da Universidade do Rio de Janeiro; *Helio Lobo*, da Academia Brasileira; *Antenor Nascentes*, do Gymnasio Pedro II; *Othoniel Motta*, do Gymnasio Estadual em Campinas; *Ermelino A. de Lede* (Curitiba) e outros. Versos de *Gustavo Teixeira*, *Octacilio Gomes*, *Paulo Gonçalves* e outros.

AS MACHINAS LIDGERWOOD

para Café, Mandioca, Assucar,
Arroz, Milho, Fubá. -----

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil.

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de agua, Turbinas e accessorios para a lavoura.

Correias - Oleos - Telhas de zinco - Ferro em barra - Canos de ferro galvanizado e mais pertences.

CLING SURFACE massa sem rival para conservação de correias.

IMPORTAÇÃO DIRECTA de quaesquer machinas, canos de ferro batido galvanizado para encanamentos de agua, etc.

PARA INFORMAÇÕES, PREÇOS, ORÇAMENTOS, ETC.

DIRIGIR-SE A'

Rua São Bento, 29-c - S. PAULO

SEÇÃO DE BOMAS D' "O ESTADO DE S. PAULO"